

Revista da Semana



Creme SANITARIO

O CREME SANITARIO, roubou o fogo do CÉU... e foi mais longe ainda: sintetizou toda luz que há sobre a Terra e todo brilho que existe dentro da Terra! Pelas mãos das serviçais ou pelas delicadas mãos das donas de casa, o CREME SANITARIO tornou-se famoso e indispensável para a limpeza de louças e metais, cristais e aluminios.

Crema
SANITARIO

- Louças - Vidros

apa 110

JOÃO SILVINO PEREIRA



No dia 4 do corrente, festejou mais um aniversário o Sr. JOÃO SILVINO PEREIRA, grande industrial no Rio e S. Paulo e figura de destaque da sociedade Paulista; por esse motivo o palacete da Rua José Hygino n. 254, nesta Capital, residência de sua progenitora abriu os seus salões afim de receber as pessoas de suas relações. Transcorreu essa reunião num ambiente alegre e festivo, onde mais uma vez ficou demonstrado quanto é estimado o aniversariante, pelos seus parentes e amigos.

A gravura acima fixa um grupo formado durante a festa de aniversário do Sr. João Silvino Pereira.

O Encontro das Raças

JOSÉ ARTHUR RIOS

DURANTE o século XIX, imperou na Europa um estúpido preconceito racial. O homem europeu, levado por um erro de perspectiva, considerava inferiores as demais raças que habitavam os outros continentes e, na sua ingenuidade, acreditava terem vindo à terra apenas para servir de apoio ao tacão de sua bota. Esta visão grosseira do papel das raças históricas no mundo reflete-se na política de imperialismo que os grandes estados europeus exerceram sobre os povos subjugados da Ásia, África e Oceania.

Pensava o civilizado desse tempo que estes *savages* tinham por missão única trabalhar e produzir para o senhor europeu, para o capitalista que, indiferente à sua sorte, nas metrópoles européias gastava com maior ou menor sabedoria o produto do esforço de milhares de seres humanos, curvados de sol a sol sobre a gleba ingrata, à luz de um céu inclemente.

Aventureiros sem escrúpulos rumaram para os quatro cantos do mundo em busca de regiões exóticas, onde não se exigisse passaporte e se pudesse auferir um lucro fácil com o mínimo de trabalho — ideal que conseguiam realizar graças às reservas humanas que aí encontrava e que podia manejar a seu talante. Com uma ínfima paga e algumas garrafas de álcool, o problema estava resolvido. Era só esperar, ao balanço morno de uma rede preguiçosa, com uma boa dose de *whisky* para encher o vazio das horas, que as moedas viessem cair uma a uma no cofre reforçado. A própria literatura da época reproduz este tipo de *colonizador* que a Europa exportava às centenas para suas possessões de além-mar. Encontramo-lo a cada momento nas páginas deliciosas de Conrad, Kipling, ou Stevenson, evocado com um preciso realismo. Arrogante, negociista, homem de passado escuro que aporta um belo dia a uma praia remota do Pacífico, a uma aldeola africana e que não conhece obstáculos a sua insaciável fome de dinheiro.

Por outro lado, na elite culta do continente, não faltavam pseudo-cientistas, políticos, sociólogos e antropólogos que justificassem esse magnífico estado de coisas com um otimismo digno de Candido, estabelecendo dogmáticamente a distinção de raças superiores e raças inferiores. Estas, incapazes de qualquer progresso, inaptas a qualquer forma elevada de cultura, deviam ser postas a trabalhar, a produzir para a raça superior, — a que habitava, é claro, o continente europeu. A lcool e chicote — eis os dois administradores que a Europa mandou representar na suas possessões.

A primeira Grande Guerra não alterou substancialmente esse estado de coisas. Tratava-se de uma luta entre estados europeus, na qual os demais continentes,

com exceção da América do Norte, participaram como meros satélites. Findo o conflito com uma simples mudança de proprietários para algumas colônias, a situação permaneceu mais ou menos a mesma, porque a mentalidade dos governantes europeus pouco mudara.

A atual Grande Guerra, no entanto, está produzindo transformações sensíveis nesse modo de encarar as raças que habitam nosso planeta. Nem podia ser de outra forma. Pela vastidão das operações em que se empenharam os exércitos combatentes, pela amplitude do teatro das hostilidades, o flagelo não se confinou ao continente europeu. Espalhou sua sombra de morte e devastação por todos os quadrantes do universo. Da Rússia às ilhas Salomão, do Norte, da África à Nova Guiné, duas idéias opostas, dois princípios antagonicos estão empenhados numa luta titânica pela posse do mundo.

As raças mais distantes viram-se desse modo aproximadas na defesa de alguma coisa que lhes era comum, além das divergências de cor, língua ou credo. E assim presenciamos o espetáculo dos papuas de Nova Guiné auxiliando soldados australianos na mortífera guerra de florestas; árabes e bérberes do Norte da África servindo de guias às armas vitoriosas de Eisenhower e Montgomery; chineses cooperando com os Estados Unidos na luta contra os nipões e povos quasi ignorados das estêpes siberianas batalhando ombro a ombro com os russos na expulsão dos alemães.

Esta guerra, é, antes de tudo, um encontro de raças. Os povos mais retardados na marcha da civilização vêm colocar-se ao lado dos líderes, na pugna por uma vitória que será, não apenas de um país ou de uma raça, mas do homem. Pela causa aliada luta um verdadeiro mosaico de raças. As mais diversas epidermes aproximaram-se nesta hora trágica porque sentiram um mis-

terioso apelo que se dirigia não ao amarelo, ao negro, ou ao semita, mas ao *homem*. Num momento diluíram-se as diferenças epidermicas, para subsistirem apenas as identidades espirituais.

Foi preciso que esta guerra convulsionasse o mundo para que tal se desse. Foi preciso um cataclisma para subverter esse preconceito injusto, do homem superior e do homem inferior, conforme a coloração que revestiu.

Deste conflito ha-de resultar, portanto, — compensação de tantos sofrimentos e de tantas angustias, — um poderoso sopro humanístico que remodelará o mundo de amanhã. O soldado australiano, andrajoso e cego que na treva dilacerante encontrou o braço de um papua primitivo para conduzi-lo a salvamento, nunca mais poderá encara-lo como um ser inferior, a ver nêle uma simples máquina de trabalho a explorar-se até o esgotamento. Este flagrante da frente de Buna talvez simbolize o raiar de uma nova era para a humanidade. O certo, porém, é que, com o derradeiro combate desta guerra, soará a última hora do imperialismo tal como o conhecemos no século passado e ainda nos primórdios do nosso século.

A época é de confraternização das raças. O europeu ou o americano de amanhã não continuarão a considerar o primitivo e o bárbaro de suas possessões como um mero animal de trabalho. Terá forçosamente de ver nêle, em primeiro lugar, uma pessoa humana que condições históricas fizeram retrogradar no caminho da civilização e que é seu dever amparar e proteger.

Nesta comovente fotografia que aqui vemos, um sentido mais profundo se descobre. Nos tempos que se anunciam, o homem europeu, cego pelas místicas do ódio e da destruição, tomará os olhos do primitivo para tornar a descobrir a beleza da vida que só se revela aos puros e aos simples.



A princesa Elizabeth da Inglaterra é educada como as demais meninas de sua idade por LOUIS WULFF

Embora já tenha completado dezesseis anos de idade, a princesa Elizabeth é uma figura quasi desconhecida para o povo, que lhe professa sincero afeto. Seus augustos pais compreendem que, não obstante estar esta menina reservada para alto destino, sua prematura atuação na vida da Corte traria consigo uma série de prejuízos, que procuram evitar na medida do possível. Mas não se deve supor que a princesa Elizabeth alcançará sua maioridade em um ambiente parecido ao de uma estufa, protegida artificialmente, pois tão somente existe o propósito de permitir um desenvolvimento cultural e social próprio de qualquer outra menina de sua idade, até alcançar ela a madurez necessária para ocupar o lugar que lhe corresponde por seu nascimento.

Afim de assegurar-lhe pleno desfrute dos prazeres próprios de sua idade, a vida da princesa Elizabeth tem sido organizada de maneira tal que não deve subtrair tempo de seus estudos e expansões sãs para apresentar-se em atos públicos relacionados com

as atividades da Corte, tampouco, se lhe autoriza a aceitar a presidência honorífica de instituições de caridade, e em uma só ocasião — quando se dirigiu por radiotelegrafia às crianças britânicas evacuadas para os Estados Unidos — se lhe permitiu pronunciar um discurso público. Por outra parte, suas fotografias aparecem muito raras vezes nos órgãos periódicos da Grã-Bretanha.

Não é que a princesa Elizabeth não se tenha preparado austeramente para o melhor desempenho do alto cargo que, segundo todas as probabilidades, ocupará algum dia, a de Rainha da Inglaterra. Não. Debaixo da direção carinhosa de seu augustos progenitores, esta criança adquire rapidamente uma noção exata dos deveres e responsabilidades que a aguardam; se bem que o gabinete nacional tenha direitos constitucionais de ser informado dos progressos realizados pela herdeira do trono, é a rainha Elizabeth quem vigia atentamente cada detalhe da educação de sua filha. No seio da sua família obtém consciência dos principais problemas mundiais e da parte que lhe corresponderá desempenhar na Confederação das Nações Britânicas. Nesse único aspecto a educação da menina dilere das que se impõem a outras, das classes superiores britânicas.

Miss Marion Crawford é a governante da princesa; saída da Universidade de Edimburgo, esta professora dedica todos seus esforços a cultivar o caráter de sua educanda, sobre o qual tem o prestígio que lhe dão sua capacidade e seu afeto sincero. A senhora Crawford é quem aconselha a princesa acerca da escolha de livros, a superioridade de certos assuntos sobre outros, assim como a guia em todos os pequenos detalhes da vida diária de uma jovem de sua idade.

Além da senhora Crawford, a princesa Elizabeth conta com a ajuda de vários preceptores, escolhidos entre destacados especialistas do país. Na educação de um membro da família real o ensino da história adquire uma importância excepcional. O con-

Mediante estudos aprofundados a Princesa se prepara austeramente para o melhor desempenho do alto cargo que ocupará algum dia: o de Rainha da Grã-Bretanha



Como escoteira, a princesa Elizabeth tem se distinguindo nas coletas em favor das vítimas da guerra



Na vida do lar, que caracteriza a família real inglesa, a futura rainha dedica horas inteiras a tecer prendas do vestir para os soldados

cimento dos erros cometidos no passado, e dos acontecimentos ocorridos na vida da nação chega a ser um valioso conjunto de ilustração, assim como se reveste de suma gravidade, na conduta de um futuro governante, a leitura dos documentos secretos do Estado, nos quais se consignam os motivos ocultos de muitas ações políticas. Desta tarefa se encarrega um dos mais destacados historiadores britânicos, o senhor C. H. Marten, do colégio Eton, que goza de prestígio por sua autoridade na matéria.

Uma governante francesa proporciona lições frequentes à princesa em seu idioma, e há dias em que se pode conversar em francês durante o almoço: esse costume tem permitido que a princesa Elizabeth adquira um acento correto e se familiarize extraordinariamente com essa língua. Ao estalar a guerra surgiu a questão: se ela devia estudar alemão ou não: neste aspecto de sua educação, como em outros, prevaleceu o bom critério, e a augusta menina prossegue atualmente seus cursos do idioma de Goethe e Schiller sob a eficaz direção de uma professora idônea.

Fora desses estudos, que não bastam para completar uma educação cuidadosa, a princesa Elizabeth recebe lições de piano, canto e baile, pelas quais demonstra singular entusiasmo. A música é o objeto de sua predileção. Com relativa frequência executa peças a dois pianos com a princesa Margaret, com a qual canta e dança. Possui a princesa Elizabeth uma voz agradável e bem modulada, sendo-lhe fácil cantar as formosas canções que constituem o acervo musical britânico: demonstra grande habilidade para a interpretação de toda classe de bailados, inclusive as danças regionais. Um dos principais gaiteiros das Guardas Escocesas, pessoa muito exigente no que diz respeito ao folk-lore da Escócia, manifestou em certa oportunidade que ambas as princesas haviam adquirido plena perícia nos difíceis bailados regionais, devido à seu inato sentido do ritmo.

Outra lição que a princesa Elizabeth recebe com indeclinável interesse é a equitação: pode dizer-se que já é uma exímia amazona. As vezes sai a cavalgar com seu pai, quando este dispõe de um par de horas livres, pelas imediações de sua atual residência de campo.

Entre outras atividades, a princesa Elizabeth intervém nos trabalhos que realiza a Companhia Palácio de Buckingham, das escoleiras britânicas, a qual pertence há alguns anos. Como escoleira a princesa Elizabeth aprendeu a coser para os membros das forças armadas da nação. Participa também nas coletas organizadas em benefício dos soldados e vítimas da guerra, que logram êxito considerável em virtude de sua presença.

Além da capacidade e reconhecido talento das pessoas que a instruem, a princesa Elizabeth conta com um fator de suma importância em sua educação: sua inteligência natural e aptidão para o estudo. Todos os professores confessam: a princesa é uma jovem que possui rápida percepção e uma inteligência algo superior ao comum das jovens de sua idade. Ainda mais, herdou de sua mãe modos dignos e de humana singeleza que a fazem muito parecida com a rainha em suas atitudes.

Não seria possível exaustar a parte importante que desempenha a rainha Elizabeth na educação de suas filhas. A rainha ensinou a princesa a ler: essa foi sua lição básica e, diariamente, em todos os detalhes, lhe ensina com seu exemplo digno, a lição mais difícil de todas: a viver.



A Princesa Elizabeth, herdeira do trono da Inglaterra.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam:

Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ansias e vontade de vomitar, biliosidade, arrótos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e queimadura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

...

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

...

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

Revista da Semana

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr.\$ 63,00; Seis meses — Cr.\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr.\$ 80,00; Seis meses — Cr.\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr.\$ 170,00; Seis meses — Cr.\$ 90,00
O numero avulso custa Cr.\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o numero atrasado: Cr.\$ 2,00

Rua Visconde de Maranghipe, 15 — Endereço telegrafico: "REVISTA"
Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerencia: 22-2550; Redação: 23-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este numero consta de 52 páginas.

NOSSA CAPA A nossa capa é um flagrante fotográfico da atividade das forças armadas da Bolívia.

Os soldados da república vizinha e amiga, treinados e preparados para a guerra moderna já tomaram um partido e estão, em seus postos, vigilantes e ativos, preparados para qualquer eventualidade, prontos em todas as horas de todos os dias para a luta que aceitaram.

O presidente Enrique Peñaranda que esteve alguns dias entre nós trazendo a certeza da amizade e solidariedade da Bolívia, nos evocou o garbo, a galhardia e a bravura do soldado boliviano.

A REVISTA DA SEMANA publicando em sua capa, fotografia de soldados bolivianos associa-se às homenagens ao povo fronteiriço que, bom vizinho e bom irmão, soube manter a tradicional política panamericanista para o bem dos Estados e a segurança das Américas.



Senhoras!

CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUÇÃO

APR. PELA GEL. SANTY. N. 10-7-3

DOR do ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papéis

BANKETS



DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$3,00.

O OBSERVADOR
ECONÔMICO E FINANCEIRO

Publica em seu número de **JULHO**

O PREÇO DOS MEDICAMENTOS

Um estudo completo da momentosa questão.

ABASTECIMENTO ALIMENTAR DO DISTRITO FEDERAL - reportagem completa.

Outros estudos importantes e as seções habituais.

Pedidos de assinatura:
O OBSERVADOR
Econômico e Financeiro
Av. Graça Aranha 182 - Rio

Número Anual
Cr\$ 500

1A-OEF3

ZIMOLACTOL

Granado

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

T. TARQUINO

PRISÃO de VENTRE?

Pímulas
ALOICAS

REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS.

AVANTE!

(Música da "Marselhesa")



*A pelear pelo direito, o mundo inteiro alerta esta'
E, nos combates, peito a peito, ninguém jamais resistirá.*



*Da Liberdade amada filha,
Ha de a Justiça Universal*



*Fazer tombar essa bastilha da
barbaria "kolossal"!*

O LOBISHOMEN

Peter Fleming

(Traduzida especialmente do inglês, para a REVISTA DA SEMANA)

Na fria sala de espera de uma pequena estação ferroviária do oeste da Inglaterra estavam sentados dois homens. Fazia uma hora que estavam ali e provavelmente teriam de demorar ainda muito mais tempo. Havia lá fora um "fog" espesso. O trem que esperavam não tinha hora para chegar.

A sala de espera era um lugar desolado e hostil. Uma lâmpada elétrica sem "abat-jour" iluminava-a com uma claridade mortiça e desdenhosa. Em cima da prateleira, por cima do fogão, havia um aviso "Não fumar"; quando se virava do outro lado, dizia também "Não fumar". Instruções impressas, relativas a uma epidemia que dera nos porcos em 1924, estavam pregadas quasi no centro duma parede, faltando apenas, alucinantemente, um pouquinho para ser bem no centro. O fogão exalava um bafo quente e espesso, já bem forte e ainda crescente. Um rubor doentio na janela escura e enfeitada de contas mostrava que havia uma luz do lado de fora, dentro do "fog". Nalgum lugar, escorria água, com infinita relutância, sobre metal enrugado. Os dois homens estavam sentados um em frente do outro, diante do fogão, em incômodas cadeiras de pau. Seu conhecimento mútuo não ia além da demora na saleta. Pela conversa que haviam tido, parecia que os dois fossem continuar perfeitamente estranhos.

O mais moço sentia mais a falta de contacto em suas relações do que a falta de conforto do ambiente. Sua atitude perante os semelhantes acabava apenas de sofrer uma transição do subjetivo para o objetivo. Como acontece a muitos de sua classe e de sua idade, a rotina inconciente, de uma educação dispendiosa, com a alternativa trienal das delícias comuns à riqueza e à nobreza, havia atrofiado muitas de suas curio-

sidades. Durante os primeiros vinte anos de sua vida, lera a humanidade em termos mais relativos do que reais, considerando as pessoas que não ocupavam um lugar na sua vida como um gamo num parque observa os visitantes que andam em roda: tranquilamente, um pouco ressentidamente estranhado — mas sem indagar coisa alguma. Agora, em plena reação do seu inconciente provincianismo, tratava as criaturas como peças de museu, pasmando diante de cada novidade, a rebuscar a evidência da complexidade do homem com um ardor sem discriminação. Para cada círculo de indivíduos ele se via como uma espécie de tangente. Sua aspiração era ser um conhecedor de homens.

Indubitavelmente, no espécime fronteiro, havia alguma coisa que chamava a atenção. De estatura abaixo da normal, o desconhecido tinha no entanto essa magreza esgalgada que empresta algumas polegadas fictícias ao talhe. Vestia um longo sobretudo preto, muito usado e trazia os sapatos cobertos de lama. O rosto não tinha côr, embora a impressão que produzisse não fosse a de palidez; a pele era de uma lividez carregada, tirante a cinza. O nariz pontudo, o queixo quadrado e curto. Profundas rugas verticais, descendo dos altos ossos malares para o queixo, esboçavam permanente expressão de um largo sorriso, que os olhos fundos e côr de mel pareciam reforçar. O traço mais surpreendente do rosto era a incongruência de sua moldura. No alto da cabeça o desconhecido usava um chapéu côco de abas estreitíssimas. Nada que pudesse dar idéia de estar assim por efeito de alguma inclinação explicava esse ângulo. Estava fixo, por alguma coisa pelo menos tão sagrada quanto um hábito, à parte trazeira do crânio, e aquela cara miuda e indagadora enfrentava o mundo com sobranceira, sob um negro halo de "nonchalance".

Todo o aspecto do homem sugeria mais diferença do que retraimento. O modo estranho de usar o chapéu tinha a significação de um comen-



tário indireto, como certas artes de um animal de circo. Era como se fizesse parte de alguma coisa mais antiga, da qual o *homo sapiens* de chapéu côco fosse uma edição expurgada. Ele estava sentado com os ombros encurvados e as mãos metidas nos bolsos do sobretudo. A sugestão de desconforto de sua atitude era devida tanto ao fato de ser a cadeira tão dura, como ao fato de ser mesmo uma cadeira.

O rapaz tinha percebido que ele não era comunicativo. A mais bulhosa simpatia, lançando consecutivos ataques em diferentes frentes, falhara em atraí-lo. A reserva de suas respostas adequadas continha mais efetiva repulsa do que simples mau humor. Exceto quando lhe respondia, não olhava para o rapaz. Quando o fazia, os olhos ficavam cheios duma abstrata ironia. Algumas vezes sorria, porém sem causa imediata.

Repassando a hora que haviam dispendido juntos, o rapaz via um campo de esforços no qual frustadas banalidades jaziam em abundância, como os destroços dum exército em debandada. Mas, a decisão, a curiosidade, a vontade de matar o tempo, tudo clamava contra a aceitação duma derrota.

— Se ele não quizer falar, pensava o rapaz — eu falo. O som de minha própria voz é infinitamente preferível a nenhum som. Vou contar-lhe o que acaba de me acontecer. — E' realmente uma história bem extraordinária. Vou contar-lhe do melhor modo que puder e ficarei muito surpreso se o impacto dessa história no espírito dele não levar este homem a qualquer forma de auto-revelação. Ele é não abordável sem estar *outré* e eu estou desordenadamente curioso a seu respeito.

Em voz alta disse então num modo vivo e insinuante: — Parece que o senhor me disse que era caçador?

O outro levantou os olhos rápidos e côr de mel. Os olhos brilhavam com inacessível ironia. Sem responder, baixou-os de novo para contemplar as pequenas contas de luz jogadas através da grade de ferro do fogão na orla de seu sobretudo. Depois falou. Tinha uma voz rouca.

— Eu vim aqui para caçar — anuiu ele.

— Neste caso — disse o rapaz — deve ter ouvido falar na matilha particular do Lord Fleer. Seus cães não ficam longe daqui.

— Eu os conheço — replicou o outro.

— Eu acabei justamente de passar uns dias lá — continuou o rapaz. — Lord Fleer é meu tio.

O outro levantou os olhos, sorriu e acenou com a cabeça, com a mansa inconsequência dum estranho que não compreende o que lhe estão dizendo. O rapaz engoliu a impaciência.

— O senhor se importaria — continuou ele, usando um tom ligeiramente mais peremptório do que o anterior — de ouvir uma história recente e mais do que extraordinária a respeito de meu tio? Seu desenlace ocorreu há dois dias apenas. E' bem curta.

Do fundo distante dalguma pilhéria oculta, aqueles olhos acesos fingiram a necessidade duma resposta definida. Afinal disse o desconhecido — Pois não. — A impessoalidade de sua voz podia ter passado por uma mostra de sofisticação, uma relutância em não trair interesse. Mas os olhos denunciavam que o interesse estava bem vivo.

— Muito bem — disse o rapaz.

Puxando a cadeira para um pouco mais perto da lareira, começou:

Como talvez o senhor saiba, meu tio, Lord Fleer, leva uma vida retirada embora não queira dizer que seja inativa. Nos últimos duzentos ou trezentos anos, as correntes do pensamento contemporâneo têm passado pelas mãos de homens cujos instintos gregários têm sido constantemente alertados e quasi invariavelmente atendidos. Pelos padrões do século XVIII, quando os ingleses pela primeira vez se tornaram concientes da solidão, meu tio teria sido considerado insociável. No princípio do século XIX, aqueles que não o conhecessem pessoalmente o teriam julgado romântico. Hoje, sua atitude perante o tumulto e a fúria da vida moderna é muito negativa para excitar comentários como uma singularidade; todavia, mesmo agora, se ele fosse envolvido numa ocorrência que pudesse ser chamada de desastrosa ou interpretada como comprometedora, a imprensa havia de dar-lhe o labéu de um "Recluso titulado".

A verdade do caso é que meu tio descobriu o elixir, ou se preferirmos, o opiáceo de se bastar a si mesmo. Um homem de gostos extremamente simples, sem ser atormentado por uma imaginação muito ativa, não vê razão para cruzar as fronteiras do hábito que os anos aureolaram em princípios rígidos. Vive no seu castelo (este deve ser descrito mais como sendo mais cômodo do que confortável), dirige seus domínios com ligeiro proveito, dá uns tiros, monta a cavalo grande parte do tempo e caça todas as vezes que pode. Nunca vê os vizinhos, senão por acidente, levando-os portanto a suporem, com sublime mas inconciente arrogância, que ele deve ser ligeiramente maluco. Se ele o é, pode pelo menos proclamar que teve o cuidado de acolchoar sua própria cela.

Meu tio nunca se casou. Filho mais velho de seu único irmão, eu fui criado na expectativa de ser seu herdeiro. Durante a guerra, no entanto, ocorreu um fato imprevisto.

Nessa crise nacional, meu tio, que era, naturalmente, muito velho para o serviço ativo, mostrou uma falta de espírito de cooperação que lhe ganhou localmente uma boa dose de impopularidade. Em resumo, declinou de tomar conhecimento da guerra, ou, se tomou, não deu sinais de o ter feito. Continuou a levar sua vida vigorosa mas (nas circunstâncias) sem qualquer finalidade. Embora ele se achasse por fim obrigado a recrutar os batedores entre homens de idade avançada e coragem incerta para alguma crise de caça, fez questão de aparelhá-los bem e duas

vezes por semana, durante a estação da caça, montava dois cavalos em plena forma, em busca das raposas da colina que, sem dúvida o senhor sabe, fornecem o melhor esporte que a região de Fleer tem a oferecer.

Quando a população local lhe mandou representações, dizendo que era tempo de fazer alguma coisa por seu país além de destruir animais nocivos pelo método mais incrível e dispendioso já adotado, meu tio se mostrou muito sensível. Agora estava vendo, disse ele, que se conservara muito alheio a uma luta cujos progressos (desde que não lia os jornais) apenas indiretamente percebera. No outro dia escreveu para Londres e encomendou *The Times* e uma refugiada belga. Isso era o máximo que podia fazer, disse ele. Eu penso que ele tinha razão.

O refugiado belga veio a ser uma mulher e muda. Se um desses característicos ou ambos tinham sido estipulados por meu tio, ninguém o soube. Fosse lá como fosse, ela se abarracou em Fleer: uma rapariga de 25 anos, pesada e sem atrativos, com a cara lustrosa e pequenos pelos negros nas costas das mãos. Sua vida parecia ser moldada pelas dos ruminantes maiores, exceto, naturalmente, que a maior parte dela decorria dentro de casa. Comia um bocadinho, dormia com vontade e tomava um banho todos os domingos, abolindo este hábito saudável somente quando a governante, que o estimulava, partia em férias. A maior parte do tempo ela passava sentada num sofá, no patamar do lado de fora de seu quarto, com a *Conquista do México*, de Prescott aberta no colo. Ou ela não lia absolutamente nada ou lia excepcionalmente devagar, pois, ao que eu saiba, andou às voltas com o primeiro volume durante onze anos. Seu espírito, penso eu, era do tipo contemplativo.

O aspecto curioso, e sob o meu ponto de vista, infortunado do gesto patriótico de meu tio foi a afeição gradualmente crescente com que ele passou a considerar esta criatura desamável. Embora, ou mais provavelmente porque a visse apenas nas refeições, quando seus traços eram mais animados do que nas outras ocasiões, sua atitude para com ela passou da indiferença para a cortezia, e da cortezia para o jeito paternal. No fim da guerra, não se cogitou de sua volta para a Bélgica, e num dia de 1919 ouvi dizer, com perdoável mortificação, que meu tio a havia legalmente adotado e estava alterando seu testamento em favor dela.

O tempo, contudo, reconciliou-me com a idéia de ser desherdado por uma criatura que, entre as refeições, mal poderia ser descrita como ente sensível. Continuei a fazer uma visita anual a Fleer, e a andar a cavalo com meu tio, seguindo seus ossudos canzarrões do País de Gales pelas colinas desoladas, cinzento-escuro, nas quais — desde que sua posse não mais me era assegurada — eu começava agora a descobrir uma beleza poderosa, embora alusiva.

Cheguei aqui há três dias, pretendendo passar uma semana. Achei meu tio, que é agora um homem alto, de belo aspecto, barbado, com a sua saúde inquebrantável. A belga, como sempre, me deu a impressão de invulnerável à doença, à emoção ou mesmo a qualquer miniatura de um ato de Deus. Desde que ela viera morar com meu tio, começara a engordar e era agora uma figura de mulher bem considerável, embora, é claro, pesadona, como sempre.

Foi no jantar, na noite de minha chegada, que primeiro notei um certo mal-estar por trás das maneiras lacônicas e ríspidas de meu tio. Havia evidentemente alguma coisa no seu espírito. Depois do jantar, ele me pediu que fosse ao seu escritório.

Verifiquei, pelo modo de fazer o convite, a primeira sugestão de embaraço que meu tio deixava traír.

As paredes do escritório eram revestidas de mapas e de caudas de raposas. O salão era atopejado de contas, catálogos, luvas velhas, fosseis, ratoeiras, cartuchos e penas que tinham sido usadas para limpar seu cachimbo — um montão de coisas antigas que conseguia de certo modo produzir uma impressão de pertinência e de continuidade, como os despojos no covil dum animal. Eu ainda não tinha estado anteriormente no escritório.

— Paulo — disse meu tio, assim que acabou de fechar a porta — eu estou muito perturbado.

Eu adotei um ar de indagação compreensiva.

— Ontem — continuou meu tio — um dos meus agregados veio procurar-me. E' um homem direito, que toma conta duma faixa de terra do lado de fora do muro do parque, ao norte. Ele disse que havia perdido duas ovelhas, dum modo que lhe era inteiramente impossível explicar. Disse que pensava que elas tivessem sido mortas por algum animal feroz.

Meu tio fez uma pausa. A gravidade de seus modos era de fato imponente.

— Cães? — sugeri com a timidez levemente protetora de quem tem probabilidades de seu lado.

Meu tio sacudiu a cabeça judiciosamente. — Esse homem já viu muitas vezes ovelhas mortas pelos cães. Disse que essas ovelhas ficavam sempre muito feridas — mordidas pelas pernas, acantoadas, maltratadas até morrerem: não havia nunca um ferimento definido. Essas duas outras não foram mortas da mesma maneira. Eu mesmo fui examiná-las. Elas não tinham sido mordidas nem estranguladas. Ambas haviam morrido em campo aberto e não entocadas. O que quer que tivesse feito isso era mais poderoso e mais perverso do que um cão.

Eu disse: — Não poderia ter sido algum bicho que houvesse fugido dalgum circo ambulante?

— Os circos não vêm por estes lados — replicou meu tio; — por aqui não há feiras.

(Continua na pág. 47).

Figuras e fatos

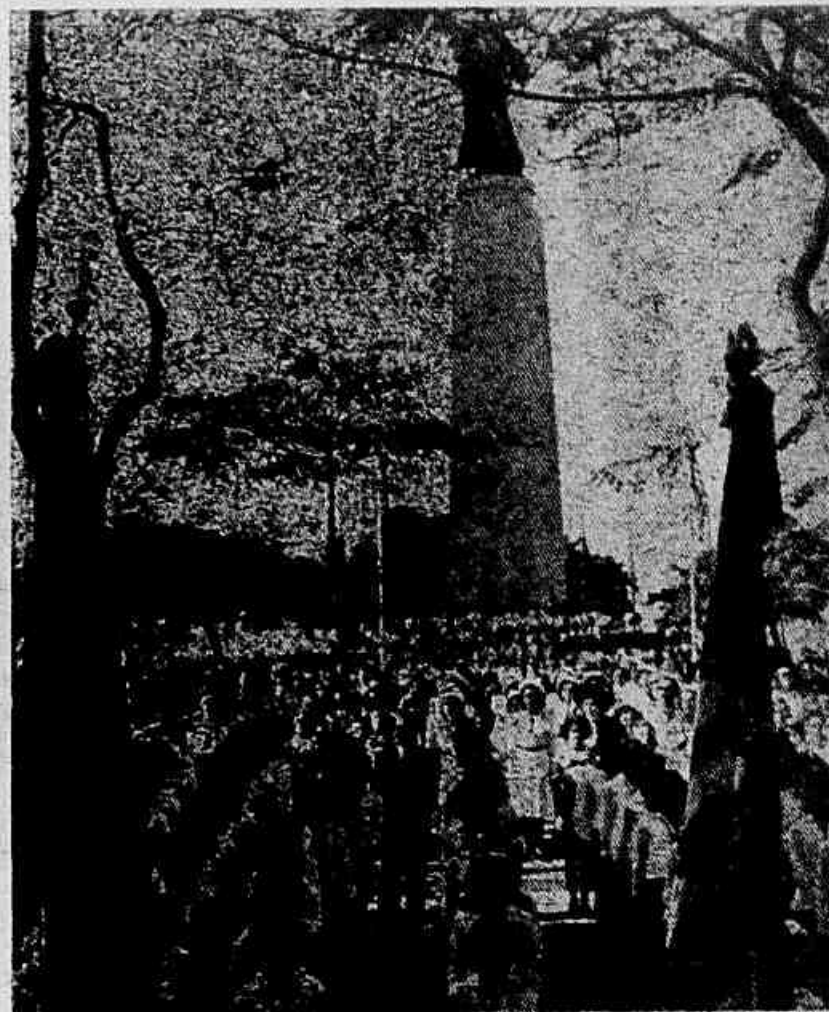


O presidente Getúlio Vargas, prefeito Henrique Dodsworth e figuras de destaque do mundo oficial, quando da inauguração de novos melhoramentos em Jacarépaguá.

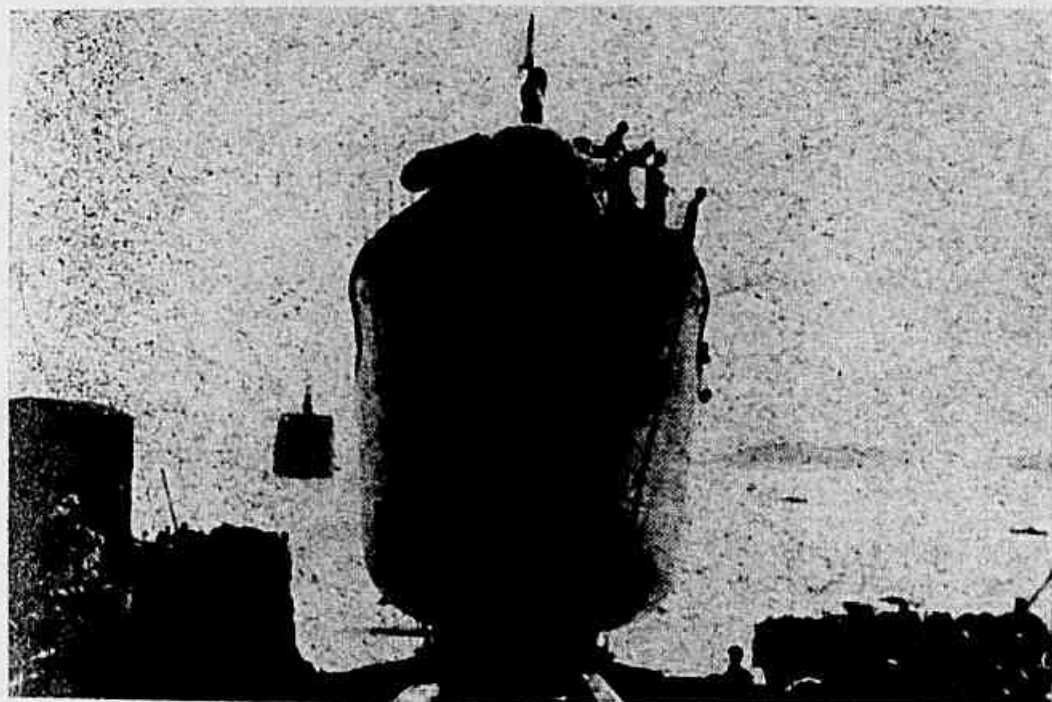


A campanha da borracha teve grande repercussão no seio do povo carioca, e está se desenvolvendo com sucesso impar.

A fotografia é um flagrante de entrega pelo industrial João Varella, em Vigário Geral, de mais de 3.000 quilos de borracha à vitoriosa campanha.



O INDEPENDENCE DAY foi comemorado com grande entusiasmo pela mocidade das escolas, autoridades e o povo do Rio. A fotografia é um flagrante da homenagem que se prestou à América, no seu dia maximo, junto à Estatua da Amizade.



Na Ilha do Vianna, em homenagem ao saudoso Henrique Lage, foi lançada ao mar mais uma corveta. Na fotografia aparece a *Barreto de Menezes* quando tocava as águas da Guanabara.



OS JORNALISTAS BRASILEIROS NOS ESTADOS-UNIDOS — A convite do Coordenador dos Assuntos Inter-Americanos e do National Press Club, de Washington, se encontra atualmente em excursão através dos principais centros de produção de guerra dos Estados Unidos uma comitiva de jornalistas brasileiros, que foram apreciar o gigantesco esforço do parque industrial americano para acelerar a vitória das Nações Unidas. Na gravura, vemos os jornalistas Casper Libero, Romeu Ribeiro e Hugo Barreto, quando, durante uma visita a um dos grandes estaleiros americanos, observavam a soldagem de placas de aço destinadas aos navios da Frota da Liberdade. (Foto especial da Inter-Americana)



SRS. JULIO BARATA E ALFREDO PESSOA NOS EE. UU. — Durante a sua recente visita ao Centro de Cadetes de Aviação de Santo Antonio, o dr. Julio Barata, do Departamento de Imprensa e Propaganda, teve ocasião de palestrar longamente com varios membros da delegação de cadetes de aviação brasileiros estagiando nesse maior centro de instrução aeronautica dos Estados Unidos. Na gravura, vemos o cadete Alfredo Lobo, o coronel Michael F. Davis, comandante do Centro, e o Dr. Julio Barata. (Foto especial da Inter-Americana).

BANCO INDUSTRIAL BRASILEIRO S. A.

Capital Cr. \$ 10.000.000,00

MATRIZ

Rua General Camara, 71

Fone: 43-8830 — Telegramas: "CASABANCA" — Caixa Postal 785

FILIAIS NO DISTRITO FEDERAL:

BANDEIRA
MADUREIRA
MEIER

Praça da Bandeira, 305
Rua Maria Freitas, 13
Rua Frederico Meier, 8

Fone: 48-0212
Fone: 29 6606
Fone: 29-5355

FILIAIS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:

NITEROI — CAMPOS — PETRO'POLIS — BARRA DO PIRAI'
CAMBUCI' — ITAPERUNA — NOVA IGUASSU' — VOLTA
REDONDA — REZENDE — VASSOURAS

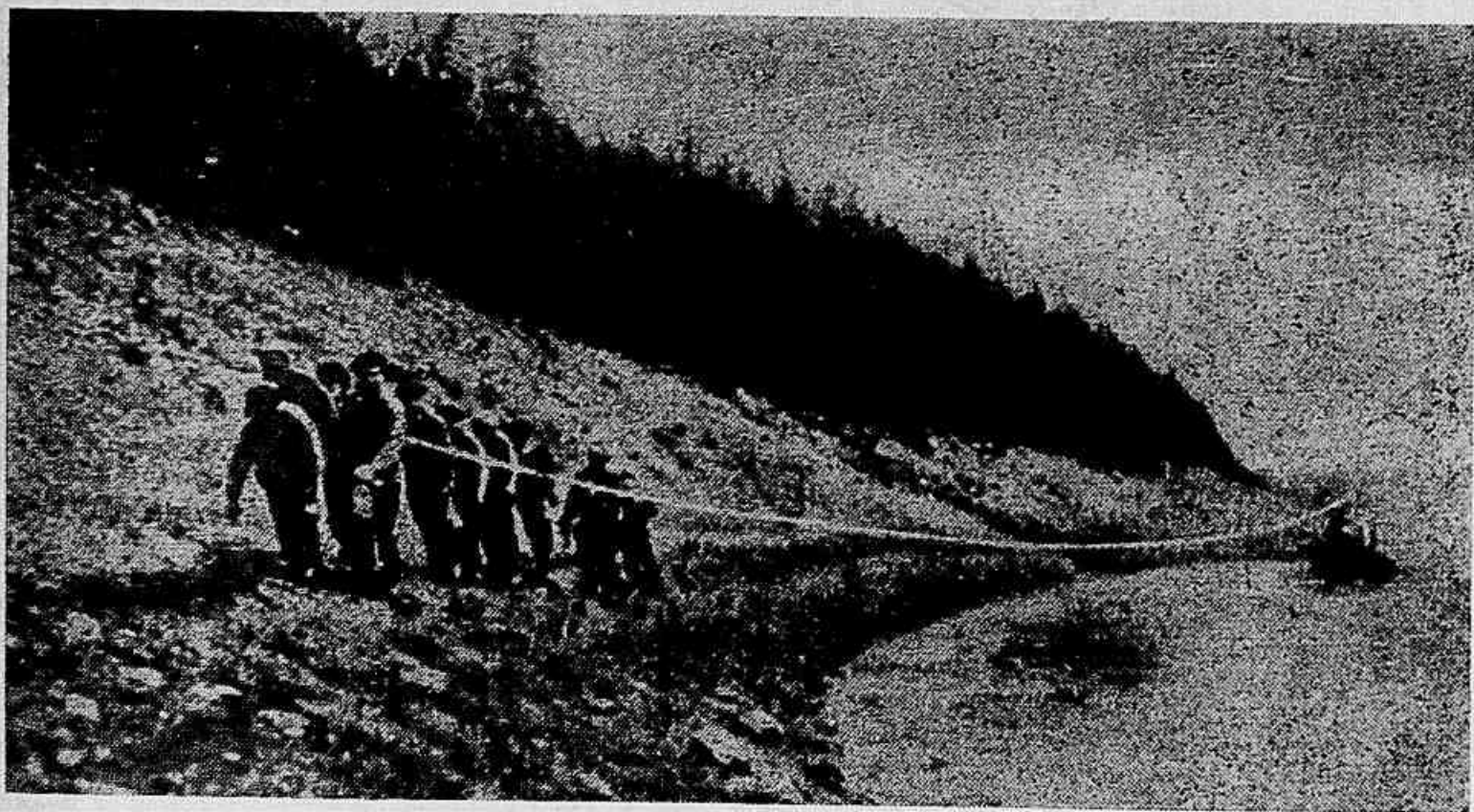
Todas as operações bancárias às melhores taxas

MELODIA IMORTAL

por Kurt Pahlen



MOLDAVIA: — O rio Moldavia, em cujas margens se levanta Praga, a bela capital checa, foi cantado pelo grande compositor Smetana (1824-1884) em seu ciclo "Minha pátria", obra prima da literatura checa, na qual glorificou este formoso rio com suas melodias de caráter popular, mesclando em forma admirável diversos motivos folclóricos, entre eles a "polka", baile típico que teve sua origem nestas regiões eslavas.



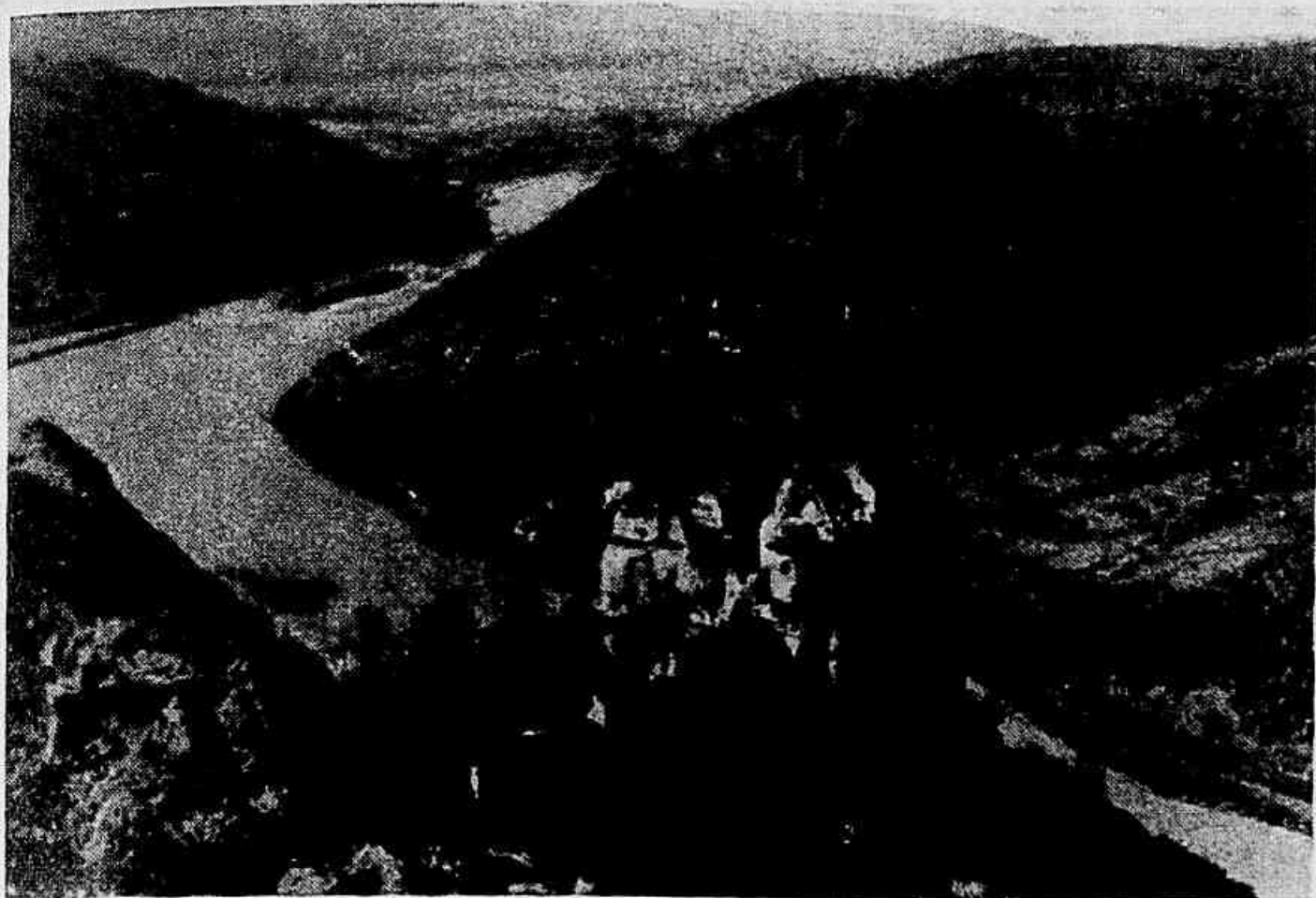
O BARQUEIRO DO VOLGA — Desde longe se escuta já o: "Ej ujnem". São os barqueiros do Volga que, com seu passo rítmico e monótono, arrastam suas barcas contra a correnteza. Com as sogas sobre os ombros, e mesmo durante o cruento inverno ou sob o ardente sol de verão, não abandonam o ritmo de sua canção imortal: "Ej ujnem, ej ujnem..." Lúgubre e melancólica, nascida da alma popular, é a canção das imensas estepes russas e do rio que lhe deu nome. Ninguém a desconhece. Quem, ainda, não a escutou interpretada pelos famosos cossacos do Don, que a espalharam pelo mundo inteiro, ou pela maravilha da voz daquele baixo russo que se chamou Fedor Chialiapin?

RAPSODIA HUNGARA

— Aqui está um par de aldeãs húngaras com seu traje de festa na pose final de suas famosas Czardas, baile típico nacional, que imortalizou o grande compositor Franz Liszt (1811-1889), o maior virtuose de piano de todas as épocas. Liszt recompilou as melodias características das planícies húngaras e de maneira magistral tratou em suas obras. Suas rapsódias, especialmente a Segunda, são mundialmente conhecidas. Em suas melodias se reflete a alma húngara, com sua melancolia e seu retraimento; amálgama estranho que caracteriza esse povo. De seus primeiros compassos, que são solenes, passa a Czardas alacres que nos fazem evocar essas festas aldeãs, nas planícies húngaras, com suas mulheres belas e seus homens galhardos, ataviados com os pitorescos trajes de cores brilhantes. Os ciganos, intérpretes inimitáveis dessas melodias, levaram-nas até o mais afastado rincão do globo.



A CANÇÃO DO CARRETEIRO: — A paisagem argentina, inspiradora dos cantos populares portenhos com suas mais belas e sentidas melodias devemos a "Canción del carretero", do maestro Carlos López Buchardo, que encerra toda a emoção que a natureza põe na alma do carreteiro ao acompanhar sua solidão e nostalgia pelos intermináveis caminhos das vastas planícies...



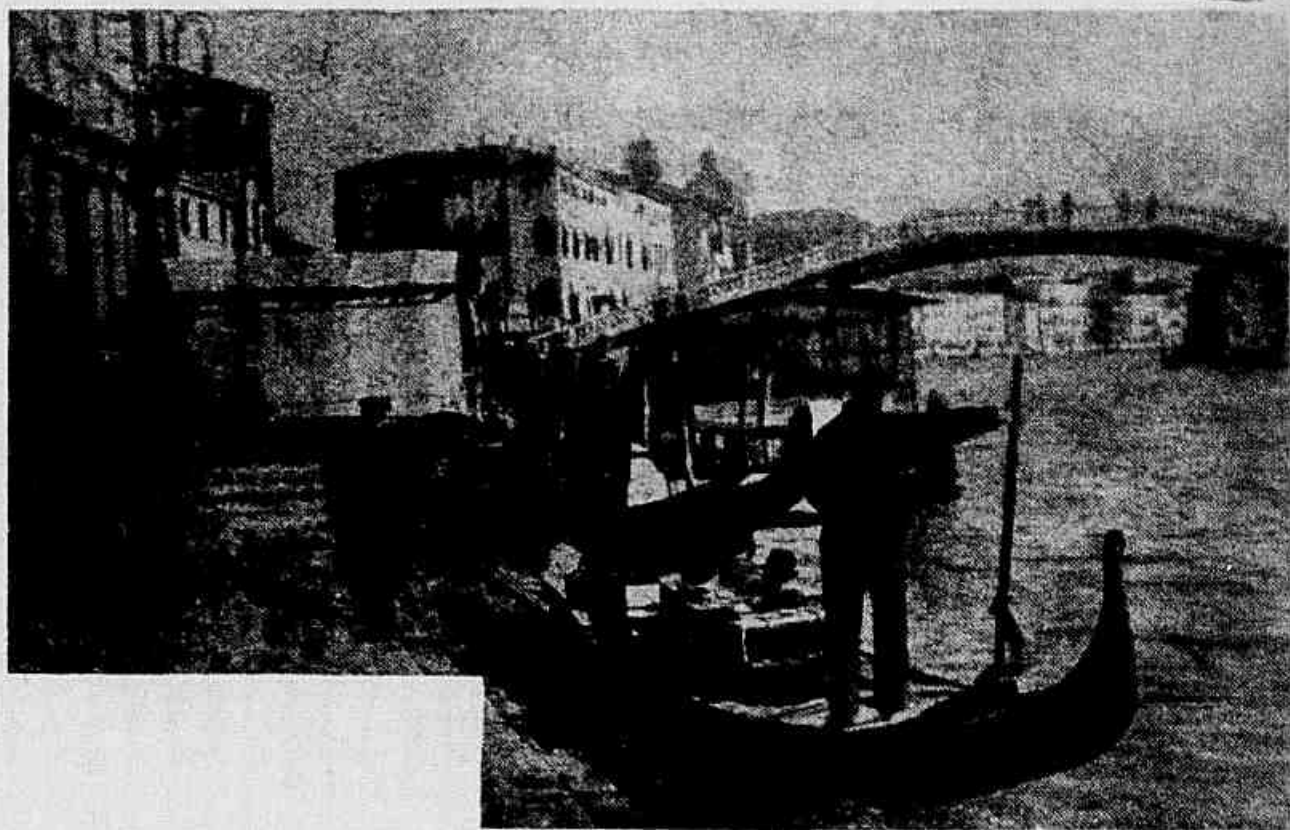
DANUBIO AZUL: — De todas as melodias, sem dúvida alguma, é a mais popular o famoso “Danúbio Azul”, pertencente ao “rei das valsas”, João Strauss (1825-1899) que triunfou de forma extraordinária no mundo inteiro. Foi símbolo da antiga Viena, de uma época tranquila e feliz, levando o nome de seu luminoso rio cheio de lendas, que vemos aqui em um de seus pontos mais formosos, as ruínas de Aggstein, lugar histórico da época medieval. A estréia da valsa “Danúbio Azul” em Viena foi um fracasso e até o próprio Strauss esteve de acordo com ele, dizendo: “Ao diabo esta valsa; eu o sinto unicamente pela coda...”. Anos mais tarde, sem embargo, triunfou ovacionadamente em Paris, onde aquela canção foi dirigida pelo autor. João Strauss, filho do músico do mesmo nome que foi criador da valsa vienense dedicou-se à música contra a vontade de seu pai; no entanto aos vinte anos obteve os primeiros triunfos com suas valsas à frente de sua orquestra. Grande foi a admiração que músicos célebres sentiram por Strauss, tais como Wagner e Brahms. E como melhor homenagem ao “rei das valsas” basta recordar uma anedota. Wagner escreveu no leque de uma dama, durante uma festa realizada em Viena, os primeiros compassos do “Danúbio Azul”, juntando logo: “Infelizmente, não é meu...”



A CASA DE BEETHOVEN: — Entre os verdes bosques da velha Viena encontra-se ainda hoje a casa onde viveu Beethoven durante uma época importante de sua vida. Afastada, então, dos muros da cidade, havia de se percorrer, para se chegar a ela, um longo caminho que se devia fazer com presteza. Ali foi Beethoven em busca de solidão, afastando-se dos homens, como se fugisse deles: encerra-se na sua grande dor, este gênio atormentado pela perda do sentido auditivo, que começou a se fazer sentir por volta de 1797. Neste seu refúgio foi onde escreveu em 1808 a Quinta Sinfonia. A partir dessa época, já trágica de sua vida, o gênio criador de Bonn compôs suas maiores obras. Suas sinfonias culminaram com a que com seu cântico final, chamado “O Hino à Alegria”, forma uma série de melodias que alcançaram o sublime para chegar à imortalidade.

♦ ♦ ♦

VENEZA: — Pelos canais, entre belos e antigos palácios, movem-se, lentamente, com seu ritmo cadenciado, as gôndolas venezianas. Evocando-as, Offenbach escreveu uma das mais belas barcarolas. Este compositor, que viveu entre 1819 e 1880, foi o criador da opereta francesa, que em muito inspirou a famosa escola vienense de operetas. Escreveu cento e vinte obras para



teatro, mas só perdura uma do gênero sério: “Os Contos de Hoffmann”, a que pertence a tão célebre barcarola, cuja melodia amorosa principia dizendo: “Bela noite; oh! noite de amor...” e nos transporta à mágica cidade dos canais.



N. R. — BRASIL: — Tomamos a liberdade de sugerir e apontar aqui a melodia que evoca o Brasil e o brasileiro. A música não terá a popularidade de um “Danúbio Azul” e nem a solidez de uma composição de Beethoven, porém fala aos brasileiros e é compreendida e murmurada pelos que moram desde as agulhas do Roraima às coxilhas dos pampas, das fímbrias de arêia branca do Nordeste ao emaranhado verde da Amazônia: é a “Casinha Pequenininha”. Popular e antiga, pois que pertence à coleção de “Modinhas Imperiais” é, também, desde muito, conhecida fora do Brasil: quando Tito Schipa cantou no Municipal do Rio, para retribuir as homenagens do público carioca anunciou que iria cantar uma linda canção; e quando todos esperavam alguma canção italiana ouviram, entre admirados e comovidos, a “Casinha Pequenininha”. Hoje, então, está ela espalhada por todo o glóbo levada pelas magníficas embaixatrizes brasileiras Olga Prager Coêlho e Bidú Sayão.

Filha dos trópicos, “Casinha Pequenininha” é melodia suave e dolente, oriunda da nostalgia do cabôclo que, em noite de plenilúnio, sentado à soleira de sua casa pequenina e vasia, arranha algumas notas no violão e, talvez tomando a brisa aromática pela bem-amada, indaga meigamente:

“Não te lembras da casinha pequenina
Onde nosso amor nasceu?
Tinha um coqueiro do lado
Que, coitado!
De saudade já morreu...”

♦ ♦ ♦

Livros Novos

O PROBLEMA DA DOR, por Monsenhor Mello Lula — Rio de Janeiro, 1943

Esta obra está na 12.^a edição. Tanto basta para assinalar o seu merecimento. E num ligeiro prefácio o grande prelado e homem de letras eminente D. Francisco de Aquino Corrêa — a quem, por grave descuido, se chama no frontispício D. Aquino Corrêa — lhe acentua agora a intenção e o valor, como já o haviam feito Felício dos Santos, Lacerda de Almeida e Afonso Celso.



Consoladora dos Aflitos. E assim a obra se tornou, como desejara o insigne prefaciador, completa.

"V. Rvma. entretanto — acrescenta o ilustre arcebispo de Cuiabá — não visa as efêmeras palmas da crítica, mas sim o bem, que por amor a Cristo, Senhor Nosso, deseja fazer às almas, que sofrem. E aqui talvez lhe possa sugerir uma idéia, que estou certo muito contribuirá para aumentar a eficácia apostólica do seu trabalho: e é que nessa próxima edição, insira V. Rvma. um capítulo sobre Nossa Senhora das Dores e faça irradiar mesmo, o mais que puder, por todos os demais capítulos, o sorriso infalvel dessa Rainha dos Mártires e Consoladora dos Aflitos. Verá V. Rvma. como há de assim crescer o numero dessas pessoas, a quem alude o Snr. Bispo de Niterói, as quais "têm agradecido ao atuo o bem enorme — o bem da consolação no sofrimento — que a leitura desse bom livro tem feito."

Na presente edição ha, com efeito, um curto capítulo, curto mas não de certo o menos belo nem menos expressivo do volume, e que tem por título *Nossa Senhora das Dores*, completa.

NO TEMPO EM QUE OS HOMENS FALAVAM... contos e crônicas de Mario Lopes de Castro. — Rio de Janeiro, 1943.

O título deste livro não significa ter sido ele escrito em época mais ou menos remota; e muito menos implica, da parte do autor, afirmação ou conjectura de que os homens hajam deixado de falar. Quando muito, constituirá uma alusão aos volumes de fábulas, gênero tão antigo e cultivado por homens de tanta imaginação e tão sugestivo estilo, que chega a gente a acreditar naquela era de paradores e maravilha em que os chamados irracionais tinham idéias e sentimentos como os nossos, discorriam como os nossos poetas, os nossos sábios, os nossos moralistas e faziam ou diziam tolices como qualquer de nós... O sr. Lopes de Castro procede, pois, por antifrase. Com um letrado que parece indicar o passado e a ficção, nos dá uma obra de atualidade e, tanto quanto possível, de realidade. Felizmente para ele e para os seus leitores, os homens continuam a falar — e a escrever.

As duzentas páginas do volume comportam cerca de vinte trabalhos em geral sobre assuntos urbanos, tratados com certa observação e em forma desenvolta. O autor não procura os motivos fortes ou sensacionais. Não estuda a vida contemporânea, com o intuito de lhe descobrir novas sublimidades ou misérias ainda por definir e explicar. Deixa a outros especialistas os grandes problemas sociais e, psicológicos, e a missão de descobrir onde e como se devam aplicar os meios de tornar mais nobre e mais ditoso o conjunto ou a média do gênero humano... Contenta-se em considerar os tipos e os aspectos de leve, de passagem e só naquilo que se lhe afigure interessante. Deste modo se apercebe de elementos bastantes para os seus entusiasmos, os seus enternecimentos, as suas ironias. Às vezes, uma pressa o acomete, quer historiar e comentar em poucas linhas, um só período até, aquilo que daria para muitas páginas ou, tratando-se de romancista pago à linha por um editor fanático, para muitos volumes. E assim o sr. Lopes de Castro resume certo período da vida dum dos seus heróis:

"A vida era um *marron-glacé*: sol alto, chocolate com torradas, abduas, mapple e jornais, truru—rruru... pii—pii, Copacabana e Chuá... bangalô, almoço, havana, Anatole, Wells, Cocteau, Valery; Metro; Americana; tres dedos de surra, em surdina, no governo; allaiate; apetitivo no Palace; jantar na Urca; friza no Municipal; chá para dois; algumas paradas

No tempo em que os homens falavam...

no Atlântico; cama fofíssima, sono reparador... e cinco anos depois, miséria absoluta."

Isto, repetimos, às vezes. Porque, se o livro se desenvolvesse inteiramente assim, também seria leveza e velocidade de mais!

TITÃS DE BRONZE, versos de Faris Antônio S. Michaelé — Curitiba, 1943.

O sr. Faris Antonio S. Michaelé é um poeta como há bem poucos. Logo pelo nome se destaca e singulariza. Dir-se-ia que ele próprio o formou com elementos tirados de várias raças, várias genealogias. E a esse cosmopolitismo obedecem também os seus poemas. O presente volume comporta versos nas quatro línguas que nacionalmente se falam na América, e mais, avulsamente, em italiano, alemão, etc. Na página consagrada aos Estados Unidos os idiomas se alternam, de maneira que só um poliglota privilegiado poderia declamar tais estrofes, sem as prejudicar... e sem se atrapalhar. E ainda as letras iniciais dos versos formam assombrosamente um acróstico: *United States*. Raros poetas, com efeito, se poderão gabar doutrotanto.

Dando aos seus poemas, "antes de tudo" a feição de "homenagem sincera e simples à indissolúvel União Panamericana", consagra o Sr. S. Michaelé boa parte do livro à beleza e à glória de vários países: Cuba, Paraguay, Argentina, Colombia, Uruguay. Ao Brasil, e depois duma invocação ao Índio em versos livres, decanta-o nestas quadras, dedicadas "à memória de Euclides da Cunha, o maior estilista da língua portuguesa":

*Brasil das pororocas,
Brasil dos Solimões,
Eterno és como o tempo,
Gigante entre as nações.*

*Brasil de Perudá,
Brasil do índio Sepé,
Grande é tua altivez,
Intensa, tua fé.*

*Brasil dos mamelucos,
Brasil de Fernão Dias,
Devassaste a Natureza,
Destruíste as magias.*

*Brasil de Tiradentes,
Brasil do mundo inteiro,
Guia foste da História,
Da Justiça, um luzeiro.*

*Brasil da hora presente,
Brasil indivisível,
Potente és com teus filhos,
Apagaste o impossível.*

*Brasil dos ideais,
Brasil sem igual,
Cumpriste os meus anseios,
Acordaste, afinal.*

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO, de Will Durant, tradução de Guinara M. Lobato, revista por Monteiro Lobato — São Paulo, 1943.

Na série dos seus grandes empreendimentos, acaba a Companhia Editora Nacional de São Paulo de lançar os dois vastos tomos que formam a segunda parte da obra de Will Durant *História da Civilização*. Livros destes não podem ser apreciados nem simplesmente lidos duma semana para a outra. Qualquer dos vinte ou trinta capítulos em que se dividem reclama vagar, atenção profunda e não pouca reflexão.

Trata o autor agora da *Nossa herança clássica* — *A vida na Grécia*. Um dos seus intuítos é deixar bem amplamente exposta e bem claramente explicada a herança que

TITÃS DE BRONZE
(Tomos de América)



todos os povos chamados civilizados — e por mais que alguns pareçam esforçar-se e encarniçar-se em demonstrar que o não são ou o não querem ser — receberam da velha Hélade sempre moça, porque não tem idade, porque é imortal. E este trecho do prefácio bem indica a natureza e o valor da obra:

"Excetuando a maquinaria, com dificuldade encontraremos algo secular em nossa cultura que não tenha vindo da Grécia. Escolas, ginásios, aritmética, geometria, história, retórica, física, biologia, anatomia, higiene, terapia, cosméticos, poesia, música, tragédia, comédia, filo-

LANOL e' sabonete!



VALE O DOBRO DO PREÇO POR QUE E' VENDIDO !

LANOL, á base de lanolina, benjoim e plantas aromaticas é um verdadeiro balsamo para a péle, protegendo-a contra todas as impurezas.

LANOL, não é um sabonete vulgar, é um produto de primeirissima qualidade para a saúde do corpo.

LANOL, no banho de seu filhinho é muito recomendado por suas excepcionaes qualidades curativas.

LANOL, é o sabonete que o Brasil esperava!

A' VENDA EM TODO O BRASIL

sófia, teologia, agnosticismo, cepticismo, estoicismo, epicurismo, ética, política, idealismo, filantropia, cinismo, tirania, plutocracia, democracia: todas estas são palavras gregas para designar formas de cultura raramente originadas, mas quasi sempre amadurecidas, para o bem ou para o mal, pela exuberante energia dos gregos. Todos os problemas que hoje nos preocupam — o corte das florestas e a erosão do solo; a emancipação da mulher e a limitação da família; o conservantismo dos estabelecidos e o experimentalismo dos deslocados, na moral, na música e no governo; as corrupções da política e as perversões da conduta; o conflito entre a religião e a ciência e o enfraquecimento dos arrimos sobrenaturais da moralidade; as guerras de classes e de nações e continentes; as revoluções dos pobres contra o poder econômico dos ricos, e dos ricos contra o poder político dos pobres; as lutas entre a democracia e a ditadura, entre o individualismo e o comunismo, entre o Oriente e o Ocidente — todos estes problemas agitaram, como que a nos dar uma lição, a brilhante e turbulenta vida da antiga Hélade. Não ha nada na civilização grega que não ilumine a nossa.

* * *

O MISTÉRIO DE MARIE ROGET, contos de Edgar Poe, tradução de Libero Rangel de Andrade e Frederico dos Reis Coutinho — Rio de Janeiro, 1943.

E' nestes contos que aparece Dupin, o precursor do detectivismo sapiente, sistemático e sobretudo diferente das práticas correntes da polícia oficial. De Dupin derivaram os Sherlock Holmes, os Beverley, os Nic Carter, os Rouletabille, os Charlie Chan multiplicados pela literatura imaginosa dos nossos dias. Mais ou menos intelectuais, mais ou menos engenhosos ou brilhantes, todos eles acusam a descendência daquele perscrutador de mistérios e decifrador de enigmas, concebido talvez num momento de desfalecimento e depois adotado e prezado como criação a valer e igual às outras. Dir-se-ia com efeito que, para o autor dos seis *Poemas* e especialmente daquele extraordinário *Corvo*, de que Machado de Assis, havia de fazer tão surpreendente e até diremos tão original tradução — para Edgar Poe, Dupin começou por ser um brinquedo simpático, um fantoche camarada, ao qual o poeta prazenteiramente puxava pelos cordeis e gozava as atitudes e trejeitos de Pai Paulino estilizado. E de certo o criador não contava que de longa e notória existência viesse a gozar a sua criatura.



O duplo assassinato da rua Morgue, história logo traduzida em França e daí irradiada para o mundo inteiro, constituiu o primeiro triunfo, o primeiro surto do herói na livraria mundial. E agora, isto é: um século depois, ainda o cinema concorre para a divulgação, para a glória do boneco transformado numa espécie de semi-deus.

J. L.

* * *

HUGO VICTOR — CHEFES DE POLICIA DO CEARÁ — Tipografia Minerva — Fortaleza — 1943.

Entre homens de letras cearenses se distingue o dr. Hugo Victor Guimarães e Silva por produções de vario genero, mostrando alguns os pendores do autor para o cultivo da Historia. Fruto de tal cultivo é a presente obra de Hugo Victor. A bibliografia da mesma dá testemunho da documentação da qual se servio o Autor e documentar-se copiosamente oferece muitos óbices dificultando labor seguido.

Depois de estudar a criação do cargo de chefe de polícia no Brasil de 1841, Hugo Victor passa a considerar quantos, de 1841 até hoje, ocuparam o cargo na Provincia e no Estado do Ceará. E' um estudo substancioso e minudente no correr do qual se encontra muita informação biografica valiosa e muito bom subsidio para o exame imparcial da história patria, haja visto o subsidio fornecido a historia do movimento abolicionista no Ceará.

Ha o que aprender no livro de Hugo Victor quanto à ação dos chefes de polícia do Ceará. De cada um apresenta Hugo Victor sumula biografica e esta cresce de interesse quando se trata de personalidades que exercendo o cargo de chefe de polícia no Ceará se destacaram em outros setores da vida nacional como *verbi gratia* o barão de Lucena.

Completa a utilidade do texto do livro de Hugo Victor uma nova utilidade qual a de profusão de retratos custam bastante a reunir numa terra de dispersão deles como é a nossa.

E. D.

* * *

ANALIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

Está em circulação o segundo volume dos *Anais* de Museu Histórico Nacional, apresentado ao público em rica edição em papel *couché*, ornado de magnificas gravuras representando quadros e peças históricas de grande valor guardadas na Casa do Brasil.

O segundo número dos *Anais* do Museu Histórico Nacional apresenta a valiosa colaboração assinada pelos especialistas que trabalham naquela Casa e constitue um excelente repositório de cultura dada naquele museu.

O volume abre com um estudo sobre a *caricatura Inglesa no Museu Historico* assinado pelo Dr. Gustavo Barroso, diretor daquele instituto de cultura, que é também um dos mais opulentos museus do nosso país.

* * *

BOLETIM DO CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA

Está circulando o número de Maio deste mensário editado pelo Conselho Nacional de Geografia, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Suas 241 páginas contém farto manancial de informações relativas ao Brasil, além de muitos trabalhos cuja leitura muito se recomenda aos estudiosos da Geografia.

Destacam-se, entre outros, *Geografia e Estatística*, do professor Delgado de Carvalho, *A Geografia Humana e a Cultura*, do professor John E. Pomfret, *Posição Geográfica do Brasil*, do professor Lúcio de Castro Soares, com interessante cartograma da distribuição geográfica da hora legal no Brasil.

Repetem-se as demais secções escrupulosamente organizadas: resenha, opiniões, tertúlias geográficas semanais, noticiário, bibliografia, etc.

Em suma um mundo de coisas úteis que todo estudante, professor, intelectual, enfim, precisa conhecer.

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr. \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica, constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o preço da capa.



A VENDA EM TODAS AS RELOJOARIAS.

T. TARQUINO

**FRAQUEZA CEREBRAL,
DISPEPSIA NERVOSA,
NEURASTENIA,
FALTA DE MEMORIA
E PERDA DE APETITE.**

Neurobiol

O TONICO DO CEREBRO

A VENDA EM TODO O BRASIL

ESCRAGNOLLE DORIA

VIDA RETILINEA

Manoel Peixoto Cursino do Amarante nasceu em Mato Grosso, em Fevereiro de 1842.

"Eram seus pais — Antonio José Zeferino e Anna Balbina Amarante — pouco abastados, de parecer simples e modesto, desfructando a vida calma e patriarcal das famílias do interior, repartidas as graves preocupações da existencia entre as praticas de uma fé catolica arraigada e os impulsos de uma dedicação sem desfalecimentos ao regimen monarchico vigente."

Assim se lê na biografia de Amarante traçada pelo então tenente-coronel, depois marechal, Joaquim Marques da Cunha e publicada no *Anuario da Escola Militar* em 1915.

Vindo ao Rio de Janeiro, Amarante assentando praça matriculou-se na Escola Militar da Praia Vermelha. Quem no curso da Escola obtinha aprovações plenas em todas as materias, teoricas ou praticas, passava a alferes-aluno e Amarante o foi.

Teria ele de interromper estudos, chamado à guerra do Paraguai e nela logo á vanguarda do exercito e nas fileiras do 1.º regimento de artilharia a cavalo.

A fé de officio de Amarante, de 1865 a 1866, é um rol da bravura, provada em Tuiuti, e continuada por outros serviços de campanha. Ao tenente Amarante, as ordens do dia do exercito só consagravam elogios nas operações belicas.

Promovido a capitão graduado, pode dizer-se sem nenhum exagero, no campo de batalha, nele e no Chaco recebeu Amarante grave ferimento em combate, merecendo louvor especial de Caxias, conhecedor de bravura militar.

Vindo a tratamento no Rio de Janeiro, a cabo de quatro mezes, mal restabelecido Amarante voltou à luta, como adjunto à comissão de engenheiros. Prestou-lhe os mais relevantes serviços do officio até 1869 e na mesma comissão continuou-os ao ser Caxias substituído pelo conde d'Eu no comando em chefe de nossas forças.

Finda a guerra voltou Amarante a rematricular-se na Escola Militar para conclusão de estudos. Ninguém se achou dispensado de concluir estudos, fosse que fosse o motivo de interrupção, fosse qual fosse o curso. Para acudir á guerra do Paraguai suspenderam cursos militares e medicos, estes ultimos pela necessidade de serviços de saúde no teatro das operações ou nos hospitais de sangue. Numerosos alunos das Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro responderam a chamados da patria agredida.

Em 1874 recebeu Amarante o gráo de bacharel em ciencias fisicas e matematicas, entrando no magisterio da Escola Militar. Após o valor na guerra ia Amarante prestar serviços de colaboração na paz.

Em 1877, promovido a major, Amarante recebeu esposa digna dele, D. Marianna Paulina Loureiro de Andrade, cujas virtudes domesticas e dotes de cultura reforçaram a constituição de um lar presidido por um chefe de familia merecedor de tão belo nome na sua lidima significação.

No Rio de Janeiro, após a guerra do Paraguai, era costume realizar pequenos ou grandes exercicios militares. Em fins de 1885 a Escola Militar e as forças da guarnição entraram em importantes exercicios no suburbio carioca de Campo Grande. Coube a Amarante, tenente-coronel desde 1882, chefiar a comissão de engenharia, recordando-o tempo em que a empregára em verdadeira guerra.

Pouco antes da proclamação da Republica, Amarante recebeu convite e ponde auxiliar Ramiz Galvão na instrução dos príncipes D. Pedro e D. Luiz, filhos do casal conde d'Eu.

"Comunicando a alguns amigos intimos o honroso convite — refere Marques da Cunha — mostrára desde logo intenção de acceital-o, não só por se achar isso de accordo com suas convicções politicas de leal dedicação às instituições vigentes e familia reinante, como tambem seria uma oportunidade para dar aos velhos progeni-

tores, vivendo em um longinquo recanto de provincia, uma doce impressão de intenso jubilo".

"De certo, na escolha do seu nome, mais talvez do que a competencia e preparo scientifico, avultou a consideração do seu feitio moral, de seu caracter integro, e de suas arraigadas crenças religiosas.

Nessa situação veio encontral-o, a 15 de Novembro de 1889, a proclamação da Republica.

Achava-se á testa do movimento um seu collega de magisterio e amigo intimo, muitos companheiros e alumnos da Escola Militar tinham sido fomentadores e figuras de alto relevo na revolução com as idéas que de ha muito vinham pregando ostensivamente.

Era bem de vêr, porem a dolorosa surpresa, o incuravel desapontamento com que o dedicado porfessor, cheio de pasmo, contemplava o esboroar de um throno que lhe parecia tão solidamente alicerçado em nossa patria.

Foi para elle como que o desabar de um mundo, o despertar de um candido sonho que por tantos annos lhe acalentára os dias fugidios.

Não hesitou um momento. Tomou da penna e lançou o seu requerimento solicitando demissão do serviço do exercito.



Manoel Peixoto Cursino do Amarante — (1842-1908)

Aos intimos, que talvez procurassem demovel-o desse passo, que tanto iria prejudicar o seu futuro e o bem estar de sua familia, declarou com firmeza ser irrevogavel a sua resolução.

E por essa fórma, de accordo com o seu desejo expresso, foi-lhe concedida demissão, perdendo o exercito nacional um de seus mais dignos representantes, cheio de extraordinarios serviços, tanto na paz como na guerra.

E' um dos traços bellissimos de caracter desse homem que, numa idade quasi impossivel de recommear a vida, preferiu a perspectiva de um futuro incerto e ameaçador, a triste collisão de um suspeito aos olhos dos triumphadores, a ter de transigir com suas velhas crenças, a ter de desobedecer aos dictames de sua consciencia, a sua bôa amiga branca e pura."

Fugimos de transcrições longas, mas a transcrição do excelente e minucioso estudo do tenente-coronel de 1915, Joaquim Marques da Cunha, sobre o seu colega de posto de 1889, se impõe ao apreço. Tambem se imporá ao de quantos queiram estudar a figura incomum de Manoel Peixoto Cursino do Amarante, o matogrossense de escôl. Sobre ele já disse de modo singelo sobre eloquente, linha a linha, a pena de Marques da Cunha.

Consustanciou em seu escrito homenagens de muitos companheiros de armas em relação ao compa-

nheiro perdido, despindo-se de motu proprio de honras, vantagens e regalias militares.

Não deixou Amarante como professor, de servir o ensino na sua antiga classe. Integrado na vida civil conservou situação de lente na Escola Militar onde colega e amigo de Antonio José do Amaral, Amorim Bezerra, Bibiano Costallat, Carneiro da Cunha, Antonio Faure, Chagas Doria, Luz, Benjamin Constant, Alfredo Taunay. Todos, que militar e cientificamente, deram brilho à congregação da Escola Militar da Praia Vermelha, tambem de ilustres professores civis.

Creada a Escola Superior de Guerra, em 1889, para ela foram transferidos varios officiais lentes do curso superior da Escola Militar, entre eles Cursino do Amarante.

A 27 de Abril de 1889 realizou o novo estabelecimento primeira solenidade sob a presidencia de recém-diretor, o tenente-general barão de Miranda Reis.

Tratava-se de conferir o gráo de doutor em ciencias fisicas e matematicas a cinco lentes, Bibiano Costallat, Amarante, Chagas Doria, Benjamin Constant e Ribeiro Guimarães.

Conferiria o gráo por quem já dele detentor, o brigadeiro Antonio José do Amaral, foi pelos doutorandos escolhido o major Chagas Doria para interprete deles ao receberem alta distinção scientifica.

Congratulando-se com os novos doutores, o brigadeiro Amaral, dotado de conhecida eloquencia, saudou-os em discurso de lances muito felizes como Amaral costumava ter na cathedra.

Em resposta e declarando-se honrado com a escolha de colegas, o major Chagas Doria deu preito ao director da Escola e ao conferidor do gráo, antigo mestre dos doutorandos.

E com emoção disse o orador:

"A esta solenidade presidem evocados pela lembrança dous vultos guerreiros, um, severo, armado de duro guante, mas aliando a bondade á rispidez; o outro afavel, correcto, conseguindo mitigar as rudezas da disciplina pela apurada delicadeza; ambos porem tendo cobertas as suas fardas bardadas com o alvo manto da probidade.

Fallo do Visconde de Santa Thereza e do Barão de Alagôas, nomes que naturalmente acudiram ao espirito de todos, que merecem a nossa veneração e perante os quaes nos inclinamos reverentes e saudosos:

Senhores, tal é o prestigio das festas scientificas que neste instante nós todos, perdidas as illusões da vida, muitos sem mais ambições e na serenidade de todas as paixões humanas, não podemos sopitar um movimento de sincera emoção e intimo enleio como se foramos moços ardentes prestes a partirem para a conquista do futuro".

Não ha que fiar na resistencia fisica dos atletas. Os registos dos cemiterios sabem que muitos gigantes lhes trazem atestados de obito por ligeira bronquite. Por contraste ha franzinos e magriços que se opoem aos mais violentos golpes da morte para recommeo de vida.

Retratando Amarante, Marques da Cunha o mostrou moreno, de pequena estatura, de magreza ascetica, porem saudavel e resistente, e isso Amarante provou nos campos do Paraguai. Placido, modesto, como que envergonhado do seu merito geralmente reconhecido, Amarante possuia um olhar bem espelho de bela alma.

Pesaram sobre o organismo de Amarante trabalhos incessantes e desempenhados a rigor, mas de usura a vigores. A cabo de anos aquele organismo, como succede ao dos laboriosos, entrou a pedir, depois a exigir repouso.

O lidador insatisfez o pedido, à exigencia, cumprindo dever alem de forças. A 26 de Fevereiro de 1908, Cursino do Amarante deixava de existir. No ano findo passou o seu centenário natalicio sem o devido relevo. A vida nacional ele oferecera a propria, soldado do dever depois de o haver sido nas armas. E no grosso da humanidade bem difficil é ser o que Amarante foi, homem de um só rosto, de uma só fé, de um só parecer.

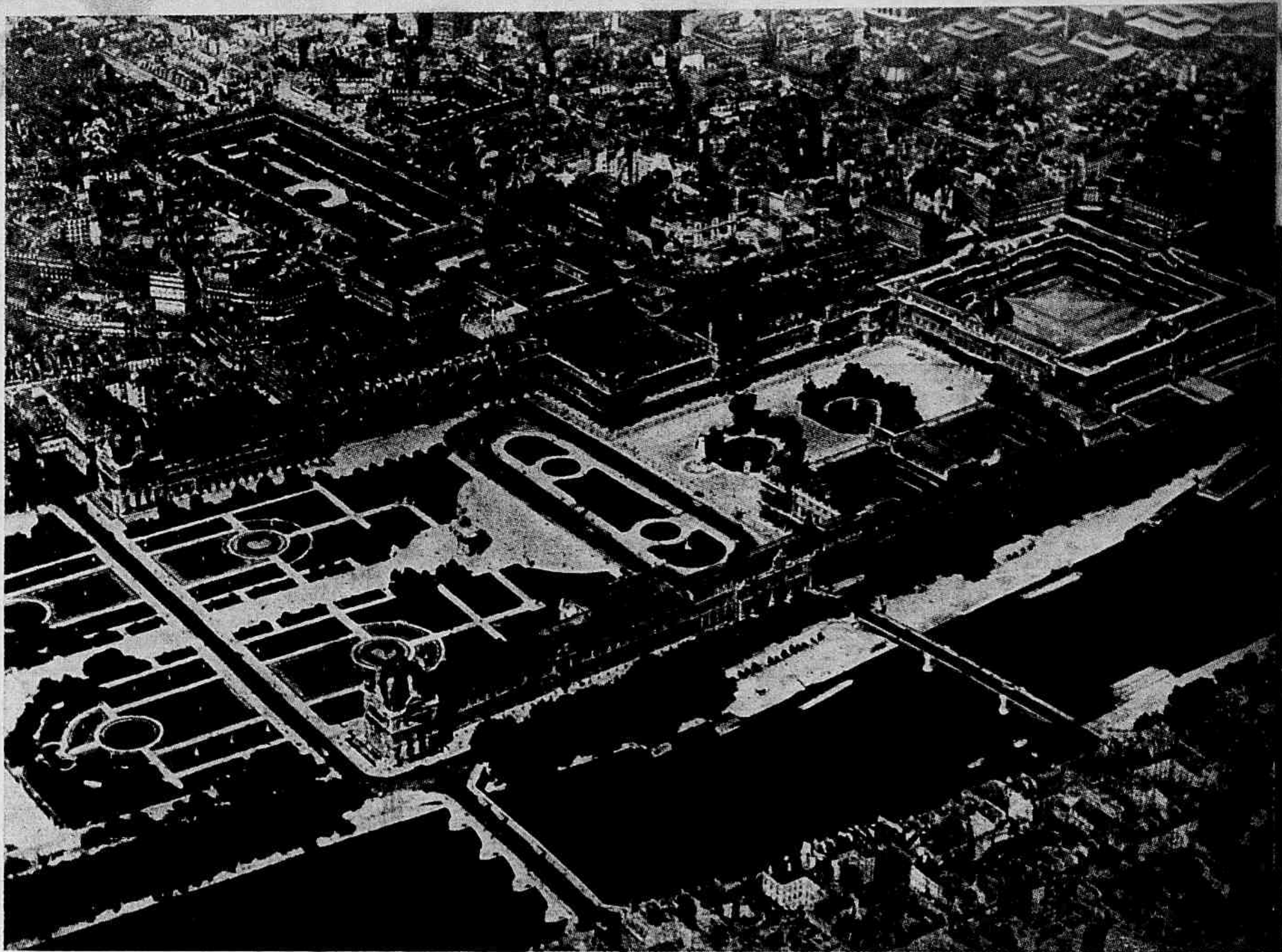
Tapete Mágico

Uma visão que ha de fazer sempre o coração bater mais rápido e, nesta hora, ao mesmo tempo mais pesado. Paris, com o Louvre, ao centro da gravura, o Palais Royal á esquerda e a galeria coberta, "Les Halles", á direita, no alto.

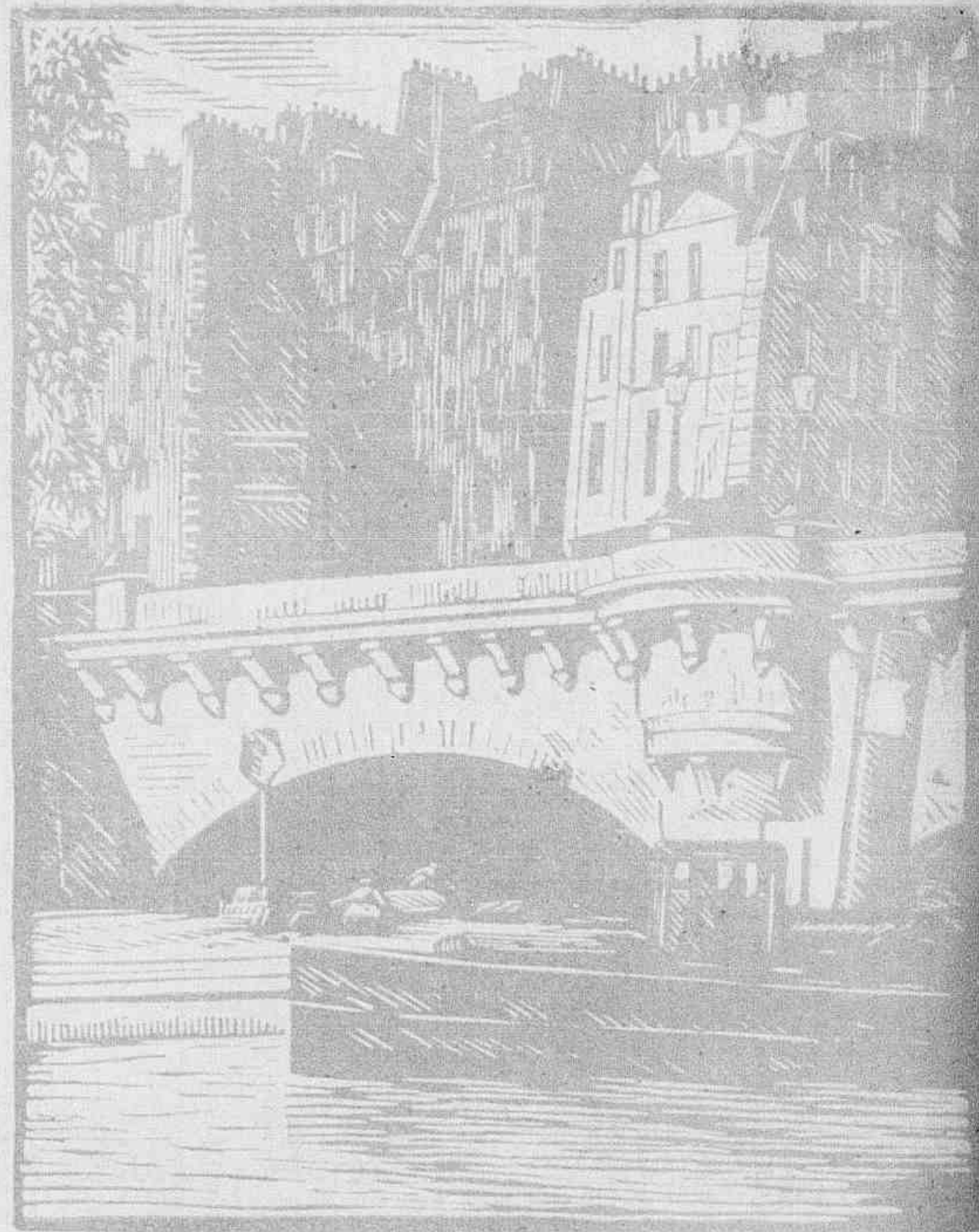
Neste ponto ficam os Jardins das Tulherias e daqui se abre, para a altura, a maravilha única dos Champs Elísés, com o Arco de Triunfo, ao fundo, no cimo da colina venerável, olhando a seus pés a Cidade-Luz.

Até o verão de 39, não tinham conta os turistas de todo o mundo que vinham por esta aléia de ressonantes glórias, para uma colheita de recordações para o resto da vida. Ha três anos, porém, a bota nazista pisa a terra sagrada da doce França de todos nós, e, como o cavalo de Atila, faz secar de novo a grama de todos os seus jardins.

Neste momento, em que a enxurrada vitoriosa das tropas aliadas vai avassalando as praias da Sicília, rumo ao continente, o coração do mundo recebe um novo influxo de esperança, pela próxima ressurreição do país da medida, da graça, do equilíbrio, da eterna harmonia.



De avós a netas, através de gerações e gerações, estas mulheres de Cillingen, na Floresta Negra, têm usado o enfeite destes chapéus e destes chales. Sob os chapéus, em torno do pescôço e por baixo das coifas, surgem os cachos cor de sol, de que as mulheres germânicas fôram sempre tão orgulhosas.



A arte da xilogravura, do desenho em madeira, para reprodução em série, passou por muito tempo como uma arte morta. Nos últimos anos, porém, teve um novo surto de vida e pôde-se dizer que a sua renascença atingia os cimos, justamente quando a guerra irrompeu na Europa. Na Inglaterra e na França, principalmente, os mais belos exemplares dessa arte vinham surgindo com frequência, em exposições do maior sucesso.

Esta xilogravura da mais velha ponte de Paris, "Le pont-neuf", construída de 1568-1603, por André Deligneres, mostra o alto grau de beleza e de emoção de semelhante processo gráfico.

BONUS PARA A VITÓRIA DO BRASIL

A CAIXA ECONÔMICA INVERTE 60 MILHÕES em

OBRIGAÇÕES de GUERRA

O SR. CARLOS LUZ ENTREGA AO
MINISTRO SOUZA COSTA O CHEQUE
DE 60 MILHÕES DE CRUZEIROS.

A campanha nacional de bonus de guerra foi assinalada, na última semana, por um grande acontecimento, que teve notável repercussão nos nossos meios sociais e econômicos. Dando um alto exemplo de compreensão da hora que passa, a Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, acudindo ao apêlo do governo em prol da subscrição de obrigações de guerra, resolveu inverter, do seu patrimônio, a elevada soma de 60 milhões de cruzeiros, em bonus. Essa resolução do Conselho Administrativo daquela popular e prestigiosa instituição, merecedora, sem dúvida, do aplauso unânime dos brasileiros, constitui talvez a maior subscrição do empréstimo de guerra lançado pelo Brasil, destinado a aparelhar eficientemente as nossas forças armadas para a luta em que se empenham contra o despotismo nazi-fascista, ao lado das nações que defendem o direito e as liberdades humanas. O ato da aquisição, que se revestiu de solenidade, realizou-se no salão nobre da Caixa de Amortização, ao mesmo comparecendo o ministro da Fazenda, sr. Souza Costa, os srs. Carlos Luz, presidente, Veiga Faria, Ariosto Pinto, Arfio Mazzei e Amalio da Silva, do Conselho Administra-

QUANDO FALAVA O SR. SOUZA COSTA.

O PRESIDENTE DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DO RIO DE JANEIRO ASSINA O CHEQUE CORRESPONDENTE A VULTOSA OPERAÇÃO.





ASPECTO DA MESA QUE PRESIDIU A REUNIÃO, NO MOMENTO EM QUE ERA LIDA A ATA.

tivo da Caixa Econômica, os srs. Edmundo de Miranda Jordão, presidente, Solano da Cunha e Mário de Andrade Ramos, do Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais, o sr. Gladstone Rodrigues Flôres, diretor da Caixa de Amortização, e os membros da respectiva Junta Administrativa, srs. Renato Campos, Joaquim Catramby, Albano Issler, Floriano Rêis e Otávio Martins Pena, autoridades e jornalistas. Lida a ata da reunião, usou da palavra o sr. Renato

Campos, que saudou o ministro Souza Costa. A seguir, o sr. Carlos Luz fez entrega ao titular da Fazenda do cheque de 60 milhões de cruzeiros, recebendo das mãos de S. Exa., sôb palmas da assistência, o valor correspondente em bonus de guerra. Nessa ocasião, falou o presidente da Caixa Econômica, congratulando-se com o ministro Souza Costa pelo auspicioso acontecimento, que era a vultosa transação que acabava de ser levada a efeito, enaltecendo a sua ope-

rosidade frente aos negócios fazendários do País, na execução da política econômica e financeira do Presidente Getúlio Vargas. Por fim, o sr. Souza Costa agradeceu as saudações dirigidas á sua pessoa, congratulando-se, por sua vez, com os presentes e especialmente com o Conselho Administrativo da Caixa Econômica, pela patriótica resolução que se concretizava numa valiosa contribuição aos esforços de guerra do Brasil.



O TITULAR DA FAZENDA ENTREGA AO SR. CARLOS LUZ OS PACOTES CONTENDO BONUS DE GUERRA.

Bate-papo de Guerra

Legendas de SÔNIA REGINA

Desenhos de LUIZ GOULART

Eis como um cantor, incorporado ao batalhão da Vitória, na Tunísia, provavelmente explicaria a odisséia da Itália:

"Mussolini julgou, durante algum tempo, que estivesse cantando para a Abissínia enlevada: *'Sempre em meu oração'*. Mas o *Negus* nem se incomodava! Confiava a barbicha serenamente porque sabia que o *Duce* estava: *'Cantando NA CHUVA'*. Além disso, Churchill não lhe avisara que Mussolini adormeceria *'Assobiando no escuro'*? Pr'a que ligar então? Entretanto e passado algum tempo, com o auxílio do conservador John Bull, os abissínios resolveram entoar novamente o *'Lar, doce lar'*. Mussolini não gostou, é claro, e preveniu imediatamente ao Adolfinho que, para acalmá-lo, replicou com *'Fumaça nos teus olhos'*. Justamente, nessa ocasião, Montgomery iniciou, no deserto, a terrível *'Valsa das sombras'* que deixou o gordo chefe fascista verdadeiramente alarmado.

Pondo de lado a elegancia,
O monoculo e a cartola,
O Amor tornou-se retinto
Como um negrinho de Ango'a.

Arranjou flechas e um arco
— Com o qual atira, na certa, —
Tendo estrondosas vitorias
Na Tunisia e em Bizerta,

Enquanto que os curendeiros
Consideram como agouros
Certos bebês africanos
Que nascem brancos... e leucos.



— Pois creia, pequena. Você apesar-de-mestiça tem a l g u m oomph...

— Que é oomph?

— É uma coisa que a gente gosta e não sabe o que é.

— Sim? Pois olhe: o *sahib* também ainda que branco, tem muito *kalukalá*...

— O que é isso?

— Algo que só os imbecis têm na cabeça mas por que são imbecis não sabem que o possuem...



Vociferando amarguras ele enviou ao *'Fúria'* um emissário com a *'Serenata da Mula'*. Este chegou a Berlim *Chian...do*, (corte-se o h e o d) mas regressou... correndo.

(Aliás desde o começo da guerra não fez outra coisa). E entregou ao infantil Benito, como resposta de Adolfo, um disco: *'Cry, baby, cry'*, e um *ultimatum* no qual este dizia sumariamente: "Já que te meteste no baile, fica até o fim embora *'dançando com lágrimas nos olhos'*."

'Desesperadamente', confrangido pela *'perfídia'* germânica o *Duce* lembrou-se de Victor Emanuel. Contou-lhe tudo e, ao terminar, deixou cair nas mãos reais: *'Una furtiva lágrima'*. O rei, então abanando a cabeça, concluiu: *'La comedia é finita, bambino! Yo stó molto triste, mas como una voce poco fa'*, só no rimane, per *'l'ultimo atto, l'addio del passato'*."



Ohi morte, se é assim que aparece aos moribundos no deserto, toma-me depressa nos teus braços e eu, juro-te, pensarei apenas que fui posto *knock-out* por um beijo de uma corista de Ziegfield.



O TIRO

Por Viriato Correia

Ao erguer os olhos dos bilros da almofada de rendas, na varandinha da palhoça, a velha Paulina viu o Mirigido apontando na porteira do caminho, com um grande cão pela corda e uma braçada de flôres aconchegada ao peito.

— “Bença”, mamãe?

— Deus te abençoe.

E dando-lhe a mão a beijar:

— Não querias voltar mais. Uma semana!

Ele explicou. E' que não encontrára em casa do Pedro Capininga o cachorro “onzeiro” que tinha ido buscar. Tivera que ir ao Chico Curimã, dez leguas além; e, como o Chico tivesse ido para umas farinhadas distantes, esperara-o para que ele lhe emprestasse o cachorro que, ao que se dizia, era melhor que o do Pedro. Agora, sim, tinha com que caçar a “patifa” da sussuarana que lhe estava a dar cabo dos cabritos e leitões.

— E como vai ela, sossegou? perguntou ele.

— A onça sussuarana?!

— Sim!

A velha Paulina deu um muxoxo. Qual o que! Cada vez pior. No domingo tinha comido uma novilha do Bento Mutamba, na capoeira juntinho da casa. No outro dia — uma bezerra da Tonica Mandi, uma cabra do Nadico. Ainda na vespera, á noite, tinha tido a senvergonhice de vir ali, ao quintal, matar o cevado, no chiqueiro, junto da cozinha.

— Um horror! Só falta vir comer a gente dentro de casa. Anda aí, pelas estradas, topando com a gente. Ninguém mais pode sair nem para ir á fonte buscar água.

— Mas agora ela leva uma marcha, disse ele. O cachorro que eu trouxe “dizque” é bom de verdade.

A velha Paulina já ia entrando para o corredor quando ele apanhou a braçada de flores que havia pousado sobre a almofada de rendas. Ela voltou.

— Onde tu vais, Mirigido?

— Levar estas flores á Rutina.

— Não vás lá, não.

— Porque?

Ela chegou-se para perto.

— A Rufina fugiu de casa.

— Fugiu?

— Sim, com o Januario, a desavergonhada. Foi uma coisa sem ninguém esperar. Eu bem te dizia que ela gostava dele.

O Mirigido ficou zozzo, besta, a olhá-la apavoradamente.

Foi melhor assim, meu filho. Deus sabe o que faz. Se tu tinhas que ser infeliz, foi melhor assim.

E entrou para preparar o almoço. E ele, encostado ao esteio da varandinha, poz-se a esfregar nervosamente as flores nos dedos, com uma horrível zoadá na cabeça e uma compressão no peito e na garganta. Não, aquilo não podia ficar assim só!

Fora numa vaquejada, na fazenda do coronel Damiano, que vira a Rufina pela primeira vez. Vinha ele á frente do gado, “aboando” como guia daquela malhada, quando, ao desembocar na campina dos currais da fazenda, avistou, de longe, o vulto alacre de um vestido vermelho. O grande pateo dos currais estava cheio de homens e moças que tinham vindo assistir ao entrar da boiada, mas ele só via, no meio da mancha negra da multidão, a sombra inquieta daquele vestido escarlate.

O destino é o destino. O gado foi chegando, com a vaqueirama toda em alas para que a boiada inteira, numa só massa, tomasse o caminho da porteira do curral. E, no momento em que os primeiros chavelhos vão transpondo a porteira, o Soberbo, o garrote mais danado da malhada, rompe as alas e vaa como uma flecha no rumo do vestido encarnado. Viu tudo num relance. Gritos de susto, berros, confusão. Meteu a espora no cavalo e partiu como um maluco, para a frente do garrote. Não durou mais que um segundo aquilo. Empurrou de tal maneira a vara de ferrão no focinho do toiro, que o animal recuou, preparando depois a carreira para cima dele. Mas aí foi bobagem. Já tinham acudido outros vaqueiros e o Antonio Pinto, bichão no, laço, laçou o garrote.

O destino... o destino... A dona do vestido era a Rufina.

O namoro pegou aí. A Rufina esplendia de graça e risos, no calor da mocidade vibrante. E o que nela era mais bonito do que tudo era o cabelo, um cabelo mais preto que uma noite de cego, lustroso, ondeado e grande, um “disconforme” de grande, “um não sei que diga” de cabelo, que lhe batia abaixo da cintura e que, quando o prendia no alto da cabeça, a gente tinha a impressão de que ela carregava uma almofada.

Até o gado o Mirigido levou a pastar em redor dos campos verdes em que ela morava.

Noivaram-se. Foi já depois de noivos que se deu a “turra” entre ele e o Januario. Era pelo Natal, no festão de “papouco” do Zeca Babassú, numa noite de luminarias e dansas. O Januario tinha a fama de valentão, a soberbia do primeiro jogador de pau daquela beirada de rio. Ia para mais de meia noite e o Mirigido dansava com a Rufina, quando ele lhe tomou o par dos braços, estupidamente:

— Este pedaço quem dança sou eu.

Rompeu o bate-boca. O Januario foi buscar o cacete a um canto da latada, o Mirigido apanhou o primeiro cacete que lhe apareceu á mão. E os dois lutaram até que o Mirigido desarmou o outro. O Januario nunca tinha sido desarmado por ninguém. Perdeu a cabeça, sacou da bicuda e foi em cima do Mirigido, enterrando-lhe a faca. Por um triz lhe feria trespassado o coração. Mais de um ano levou a curar-se da ferida, sem poder trabalhar para o preparo do noivado.

Agora, porém, estava tudo pronto. Já tinha comprado a fatiota de pano fino, mandara fazer casa nova, ali, pertinho da casa da mãe, vestidos para a noiva, e só esperava que o vigário passasse, em desobriga pelo povoado, para lhe fazer o casamento.

E, de uma hora para outra, chega e sabe que a Rufina fugira com outro e logo com quem! com o Januario, com o miserável do Januario que o pusera entre a vida e a morte.

Não aquilo não podia ficar assim!

Quando a velha Paulina voltou lá de dentro já ele tinha aquela coisa a verrumar-lhe o juízo. Mataria a Rufina e o Januario, desse por onde desse!

— Vem almoçar, Mirigido.

— Não quero, não, mamãe. Almocei, almocei com o Mundico Gafanhoto.

Ela entrou. Ele foi ao quarto, apanhou o bacamarte e, na ponta dos pés, para que a mãe não ouvisse, saiu. Amargava-lhe a boca como um fel. Além, no caminho da casa de Rufina, sentou-se. Descarregou o bacamarte, poz-lhe nova carga de pólvora e chumbo, calmamente, friamente, com um cuidado e um gosto que nunca tinha tido nem mesmo para matar as feras. Entraria no terreiro da Rufina e descarregar-lhe-ia o bacamarte no peito. Se o Januario aparecesse morreria também.

Poz a arma no ombro e seguiu. Adeante, nas proximidades do olho d'água, um sacolejão fez-lhe o peito vibrar. Na areia da estrada desenhavam-se os rastros da chinelinha da Rufina e, ao lado, o sulco do pé do Januario. Pelos sinais tinham os dois seguido para o olho d'água.

Uma zoadá, aquela maldita zoadá de quando a mãe lhe contou tudo, rebentou-lhe novamente na cabeça. E seguiu, guiado pelos rastros.



Contornou por trás de umas soqueiras de canarana, acorrido, o bacamarte entre as mãos, o dedo no gatilho.

O som de umas vozes apagadas chegou-lhe como um cochicho. O cerrado de um tabocal vedava-lhe a vista. Moderou os passos e foi, num passinho de caçador, rodeando a toiceira á procura de uma aberta para entrar. O vulto de uma saia apareceu-lhe por entre o emaranhado das folhas de taboca. Parou. Batia-lhe tanto o coração que teve a impressão de que o mundo inteiro lhe estivesse a ouvir as pancadas.

Deitou-se no chão e, deitado, foi devagarinho, devagarinho, arrastando-se como uma cobra, torcendo-se aqui, ali, no rumo da sombra branca da saia, através das folhas. Outro vulto desenhou-se-lhe aos olhos. Era o Januario. Tinha vindo ali, com a Rufina, cortar tabocas para a cerca do galinheiro. Estavam os dois sentados numa pedra, de frente para ele, mas sem o ver através do cerrado do tabocal, abraçados, aos beijos, os patifes.

Armou o gatilho. Com aquele tiro mataria os dois de uma vez.

E levou a coronha do bacamarte ao rosto para fazer a pontaria. Confeve, felizmente, o grito que lhe quis sair repentinamente da garga-ta. Por traz da Rufina e do Januario lá estava a onça, a sussuarana feroz que vinha enchendo de pavor o povoado e os arredores. Caminhava devagarinho, naquele andar de gato que quer surpreender a presa, a poucos passos já, na posição de lançar o pulo.

O estrondo de um tiro, um urro. A sussuarana rolou estrebuchando ao lado da Rufina e do Januario.

Com o bacamarte a fumegar nos braços, o Mirigido ficou estatelado e zozzo. Como era que aquele tiro que tinha preparado para se vingar do Januario e da Rufina, ele mesmo, com as suas próprias mãos, se servia dele para os salvar?!

E deitado, coleando como uma cobra, torcendo-se aqui, ali, foi-se escapando por entre o bambual, como se tivesse vergonha de que alguém o visse.



Dama no banho... Não sabemos si "Bonnie" gosta ou não desses banhos. Parece que vemos uma sombra de censura nos seus olhos tão expressivos. Também ignoramos si ela gostou dessa invasão na sua intimidade, mas é demasiado fidalga para protestar.

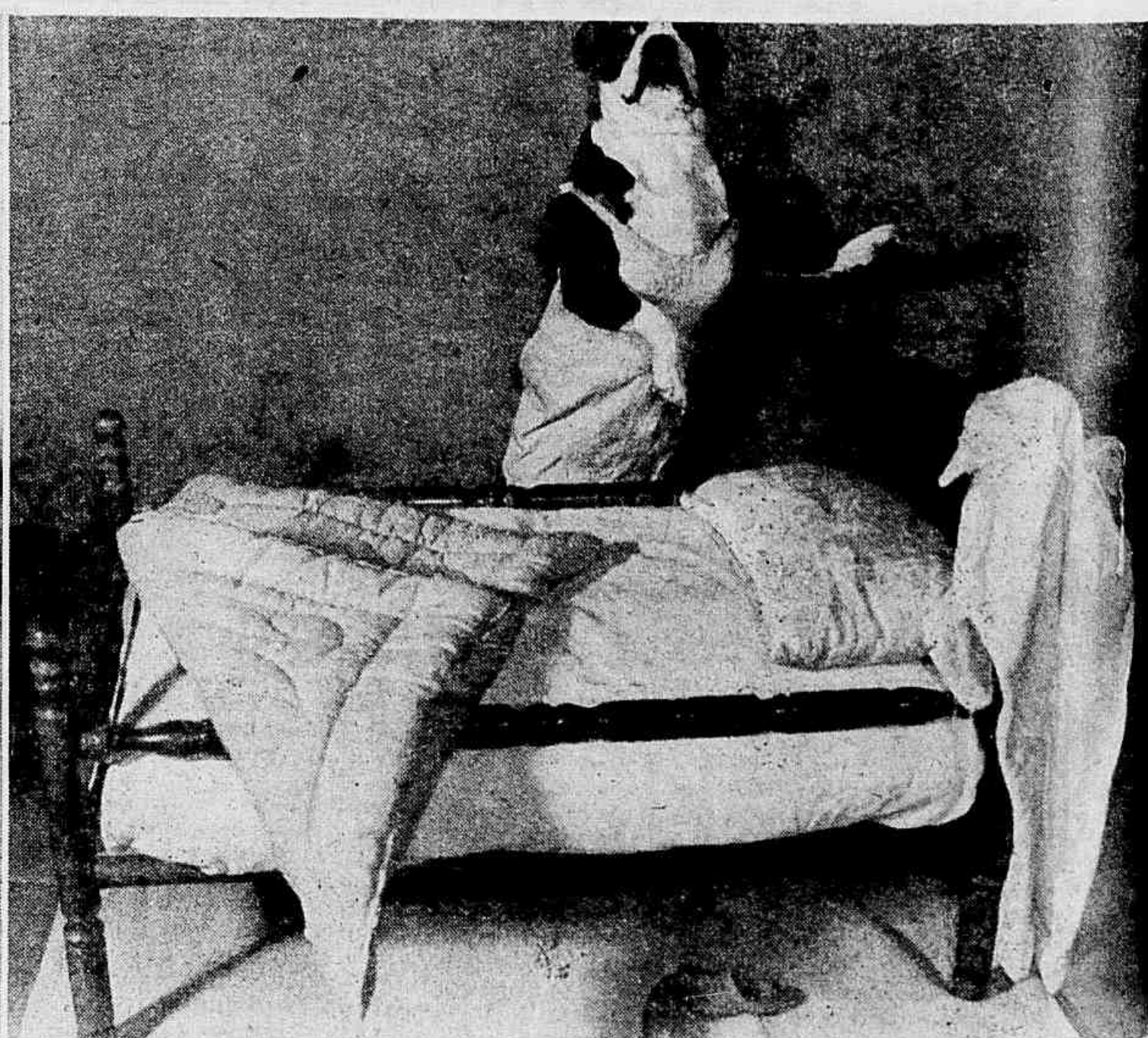
Aparecimento em carne e osso... E eis nossa heroína, pronta a entrar em cena. Vêmo-la entrajada num costume de "ballet" de tulle, brazonado com o V da vitória.

Hum!... Em comum com muitos dentre nós, "Bonnie" odia o que lhe faz bem. Porisso ela desvia seu curto focinho da colher de remédio. Mas si sua orgulhosa dona insiste, "Bonnie" suporta de muito boa graça.

Um cão imita os homens



Camaradas... O gato com a bela "Fourrure" é o companheiro favorito dos jogos de "Bonnie". Raramente brigam e o gato aproveita-se da boa alma do cão para fazê-lo correr. "Bonnie" empurra-o no carrinho de bebê, enquanto o gato rosna: "Isto é que é vida".



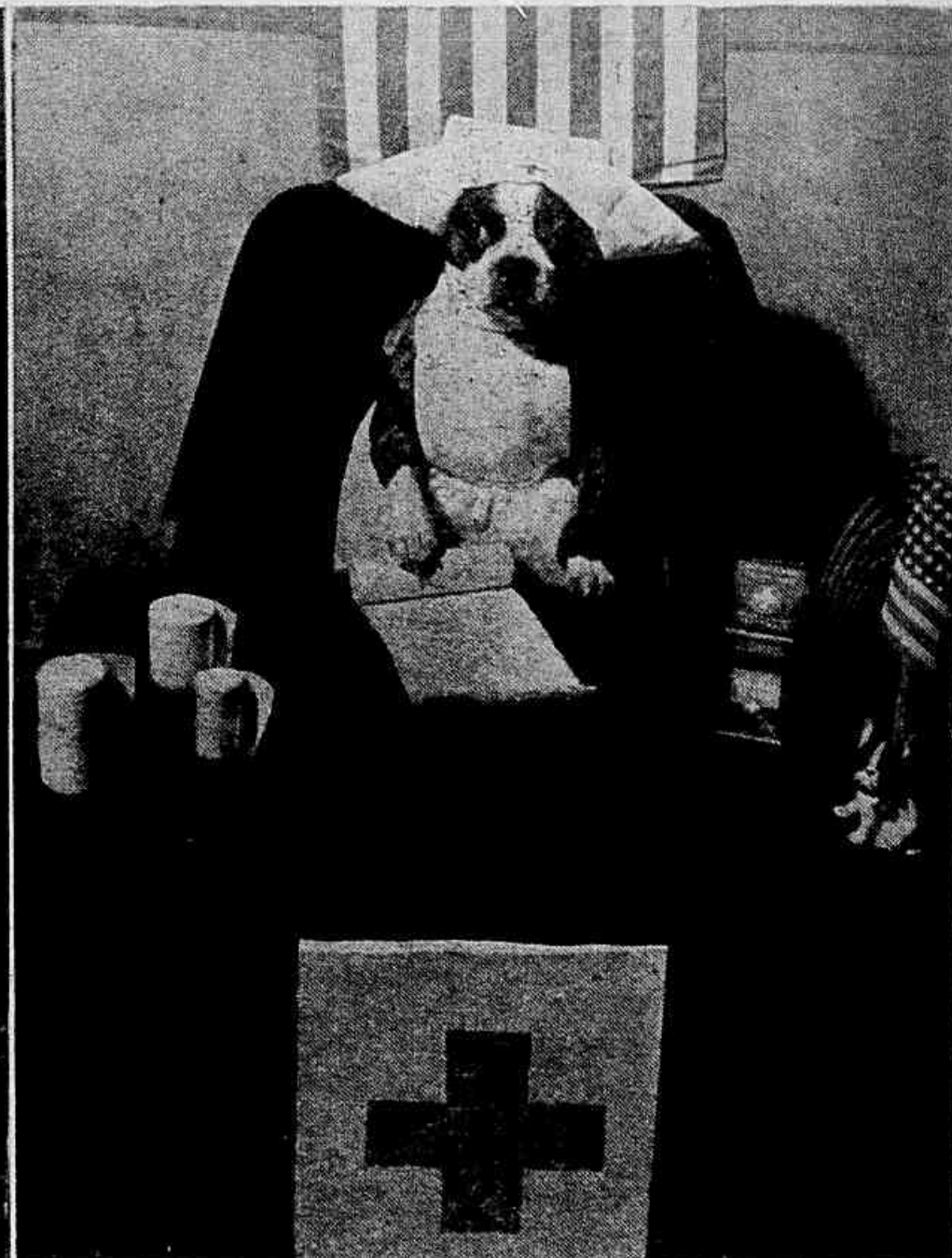
Já é tempo de recolher-se... "Bonnie" prepara sua cama antes de deitar-se. Ela jamais mudaria a roupa antes do fotógrafo retirar-se de seus aposentos. Púdicia criatura!



E assim... Ao deitar-se "Bonnie" nunca esquece esta pequena cerimônia antes de pular para os lençóis da sua cama em miniatura. A cama foi especialmente construída para ela e tem travesseiros, lençóis, etc.



Estará assentando? "Bonnie" experimenta um dos seus muitos chapéus. Possui mais de 25 vestidos, os quais ela usa em seus vários atos.



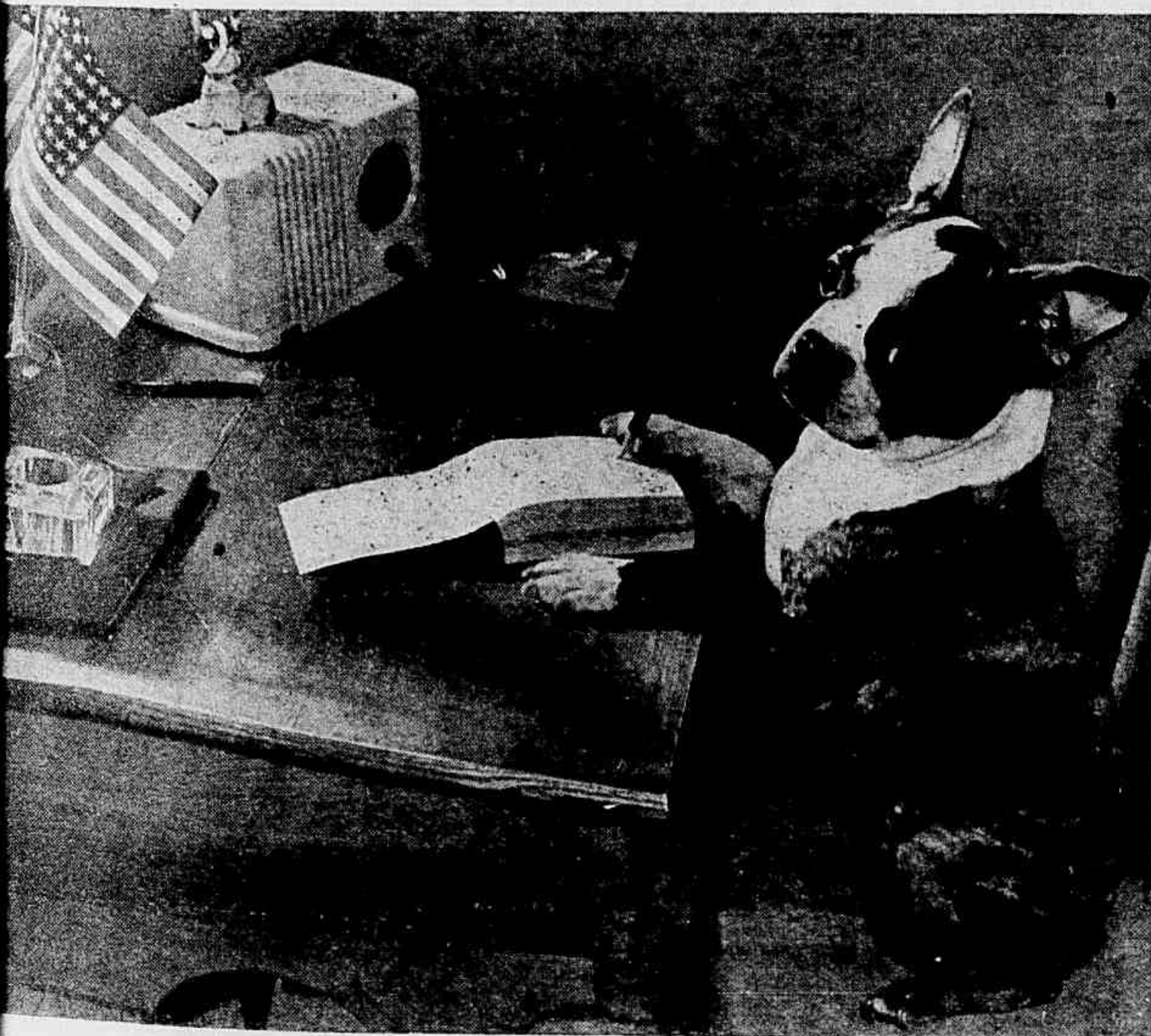
Patriota... "Bonnie Blue" mostra aqui o que podem fazer senhores da alta roda que dispõem de horas de lazer. Ela enrola ataduras para a Cruz Vermelha.

Si tivermos de levar uma "vida de cão" esperamos que seja modelada pela vida de "Bonnie Blue"; pois é ela uma senhorita que leva vida de rainha. Não me entendam mal, por favor. "Bonnie" não é uma destas parasitas, lagartos vadios do mundo canino, que nada fazem senão reclinarem-se em travesseiro de setim ou no regaço da ama e são acariciados, animados e ouvem deliciosas palavras em voz infantil. Não, senhor. "Bonnie" é uma cadela de trabalho, mas conseguiu vencer na vida e goza a recompensa de seu sucesso na casa de seus proprietários, Mr. e Mrs. Charles B. Hastings, de Nova York.

"Bonnie Blue" é um cão ator. Todo mundo pôde vê-la no palco numa de suas inteligentes criações, como palhaço, como alguém que saboreou demasiado uma garrafa de vinho ao jantar, como uma mulher a fazer compras, ou então no difícil papel de um mendigo, no de uma miserável mãe que tenta

proteger o filhinho das vilanias do patrão. "Bonnie" é magnífica em todos os papéis, o que já é dizer muito de um cão de raça. Além disso é uma perfeita dançarina. Hável em aprender novos passos, pôde imitar prontamente os mais intrincados movimentos de um "ballet". Possui um vasto guarda-roupa e gosta de usar belos trajes.

E apesar disso tudo, "Bonnie" não é temperamental. Os aplausos não perturbaram sua cabeça. Às vezes perturbam-lhe a cauda e ela exterioriza seu contentamento agitando-a furiosamente. Quando "descansa" entre contratos, "Bonnie" é apenas um cão sadio e ativo que gosta de divertir-se com seus companheiros, outro cão e um gato. As fotografias desta página mostram-nos alguma coisa da vida doméstica desta "terrier", a Sarah Bernhard do mundo canino.



A serviço de si própria... Como "Bonnie" não tem secretário, — até agora, — toma apontamentos e memoranda. Atrizes de sucesso tem sempre uma porção de detalhes a guardar.



Filhinho... "Bonnie" leva sua boneca para a cama. Embala-a como se fosse um filho. No palco a boneca serve-lhe de filha quando desempenha o papel da mulher que protege o filho das vilanias do patrão.



Reprodução de uma gravura em cobre de John Buckland-Wright, que também figurou na exposição e intitulada COMBATE.

LONDRES. — Diz-se que a Inglaterra é presente-mente o lar da arte moderna, isto é, que arte moderna é ativamente animada no país tanto pelo governo, como pelos compradores e colecionadores particulares. Há uma pergunta que pode ser formulada: Que significa arte "moderna"? Existem duas significações possíveis — a obra de um artista que ainda viva ou recentemente morto: ou uma obra experimental, progressiva ou manifestada no idioma dos dias presentes. E' no segundo sentido que nos serviremos do termo, por enquanto. A arte moderna, nesse sentido, não é fácil. Não é narrativa ou descritiva, não desperta de pronto os sentimentos do espectador e não é realista. Afasta-se muitas vezes violentamente da espécie de arte com a qual se familiarizou a maioria das pessoas e, contrariamente à espécie de arte mais tradicional, torna-se difícil contemplá-la com prazer sem que se empregue um esforço considerável.

Mas devemos recordar que tudo o que hoje chamamos de tradicional, já foi, em tempos, novo, e que tudo o que é novo é, a princípio, difícil de ser compreendido. Rubens foi um revolucionário, na Antuérpia do século dezesseis, como Picasso no século vinte, em Paris.

A Grã-Bretanha, tão tradicional e conservadora no passado, surpreendeu mesmo os seus amigos mais calorosos, nesse ponto. Não somente o governo animou ativamente os experimentos artísticos mais ousados, como também o público respondeu com o mais real interesse. O povo britânico não é altamente intelectual, mas possui tolerância e, em regra comum, bom senso. Não está preparado para aceitar qualquer experiência artística como vencedora simplesmente porque a vê

A Arte moderna na Grã-Bretanha

Por John Steegman. Copyright B. N. S. especial para "Revista da Semana"

exibida num dos museus do Estado mas está disposto a enviar um esforço sério para compreender porque o artista fez essas coisas peculiares. Não é um esforço fácil para o inglês médio, e este certamente não o fez há 30 anos com o cubismo ou o futurismo, ou há 20 ou, mesmo, há 10 anos. Mas hoje é maior a sua curiosidade.

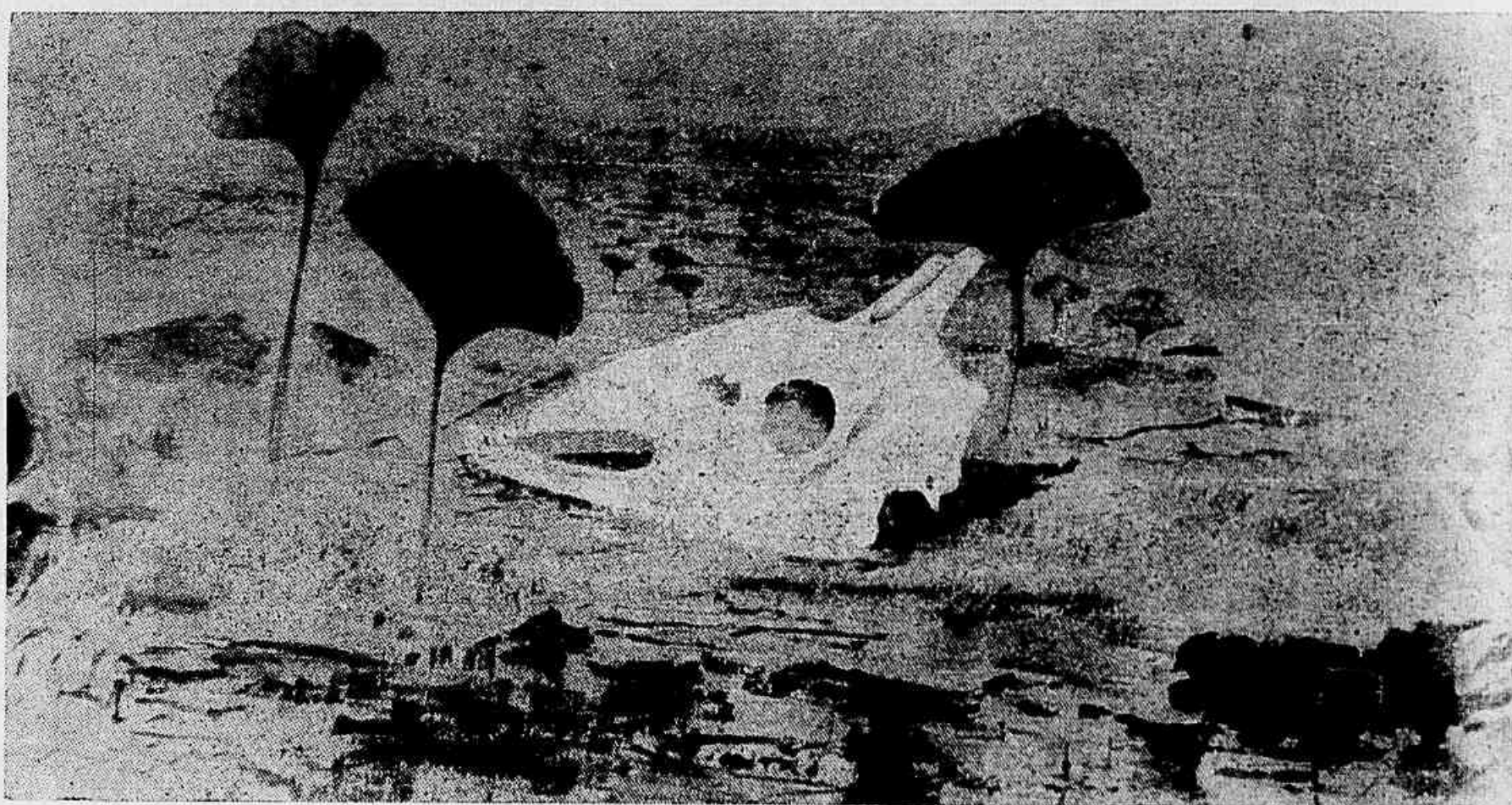
Dois acontecimentos importantes e de interesse ocorreram em Londres recentemente, que servirão de exemplo a esse despertar da consciência relativamente à liberdade artística. A Galeria Nacional de Arte Moderna inaugurou uma exposição das mais importantes aquisições feitas desde o começo da guerra, em 1939. De perto de 300 obras de arte, cerca de 150 foram exibidas, muitas delas executadas por jovens artistas cujo trabalho é muito ousado e difícil para ser apreciado à primeira vista.

Há tres pontos significativos, a esse respeito. Um é que o público mostrou um grande desejo de ver pinturas modernas realmente interessantes o segundo é que

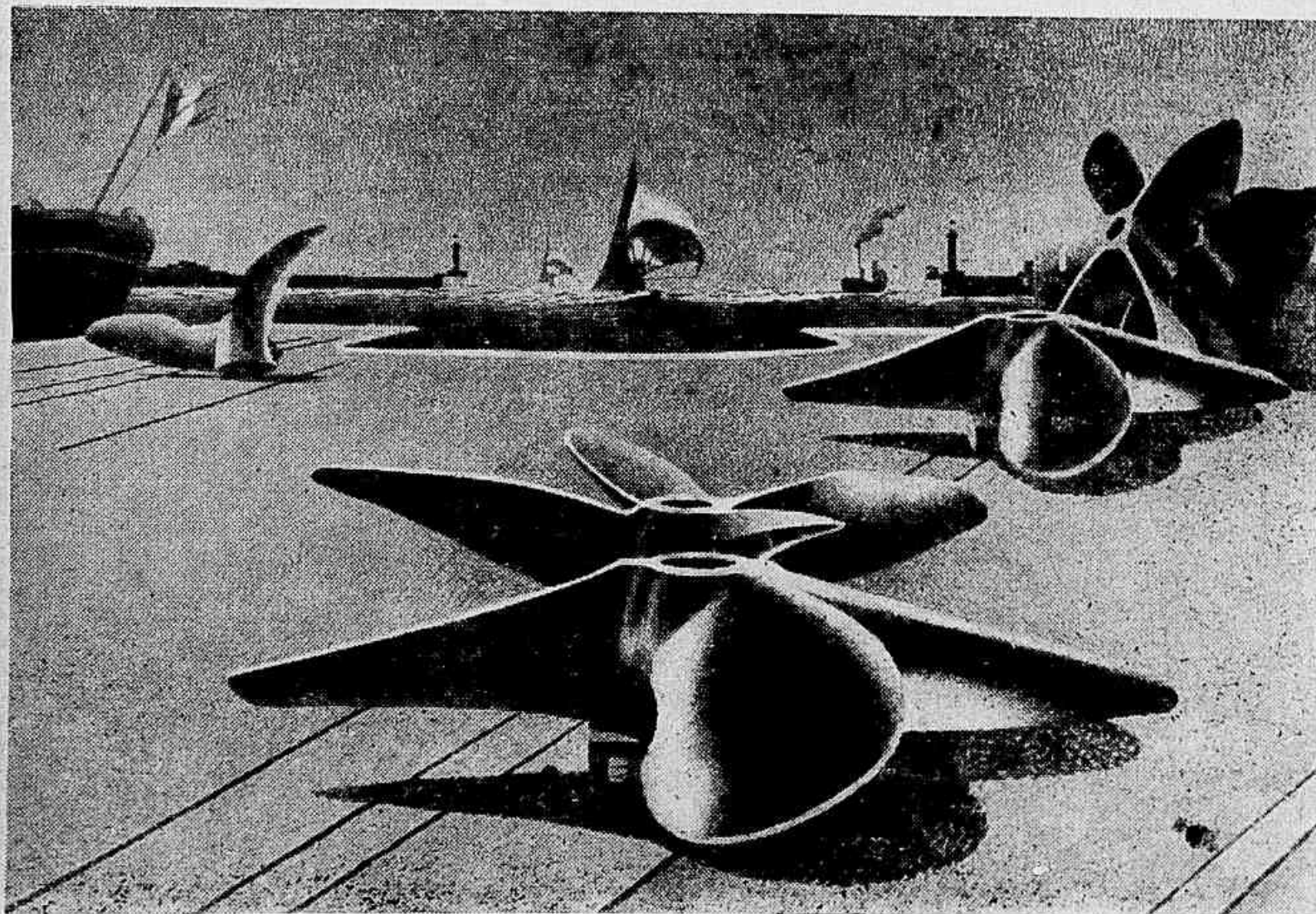
o governo está em posição de mostrar que adquiriu para aquele público, essa espécie de pintura e, o terceiro, que as opiniões manifestadas nas salas repletas da galeria foram quasi sempre de aprovação do fato de que as autoridades acompanham os desenvolvimentos mais modernos.

O outro acontecimento importante relaciona-se igualmente com um museu do Estado, embora indiretamente. O Museu de Londres emprestou um dos seus locais para uma pequena, mas excessivamente concentrada, exposição dos movimentos mais novos na arte contemporânea britânica, coisa que há poucos anos até o mais ousado comerciante de Bond Street hesitaria em fazer. Mas atualmente, em plena guerra, cercadas de ruínas de grandes edificios e de palácios danificados pelas bombas, essas obras serias e difíceis refletem a arte vital destes dias e deixam prever a arte do futuro.

As duas exposições, como salientou o TIMES, mostraram que não se permite que a tensão imposta pela guerra mate o desejo da sobrevivência da beleza.



A fotografia mostra um dos quadros exibidos na recente exposição de arte moderna, em Londres, de autoria de Paul Nash, um dos mais famosos artistas modernos. Chama-se LEBENSRAUM e foi pintado em 1940.



Quadro de Edward Wadsworth — O BAILADO DO BRONZE

MAIZENA DURYEA

L.T.D.A. 37

A VENDA EM
TODA PARTE

Festa de Confraternização

Como acontece todos os anos, o sr. Comendador Alfredo Nunes, fundador e chefe da firma proprietária da "Casa Nunes", estabelecimento ao qual dedicou o melhor de seus esforços e de sua rara inteligência, reuniu, num grande almoço de confraternização além de todos os socios e funcionarios da "Casa Nunes", a maior organização do gênero no Brasil, jornalistas e pessoas amigas, oferecendo a todos mais uma vez o testemunho de sua gentileza e amizade.

O ágape, que teve lugar no dia 4 do corrente, assinalou o encerramento do balanço da "Casa Nunes", acontecimento sempre comemorado por aquele estabelecimento com esta bela festa de confraternização, que já se tornou, por isto, uma tradição no nosso comércio.

Ao almoço, realizado na sede da "Casa Nunes", à rua da Carioca, 65, compareceu, além de todos os socios e funcionarios da casa, grande número de representantes da Imprensa e do rádio.

A sobremesa, o sr. Comendador Alfredo Rebello Nunes, em eloquente oração, que terminou sob calorosos aplausos, dirigiu uma saudação à Imprensa, na pessoa dos jornalistas presentes, declarando que o grau de progresso atingido pela firma que dirige, se deve, em grande parte, à colaboração que lhe foi dedicada pelas publicações periódicas. O orador fez ainda francos agradecimentos a todas as empresas industriais de que é cliente, salientando a "Indústrias Renault", por ter sido a primeira com quem entrou em contatô.

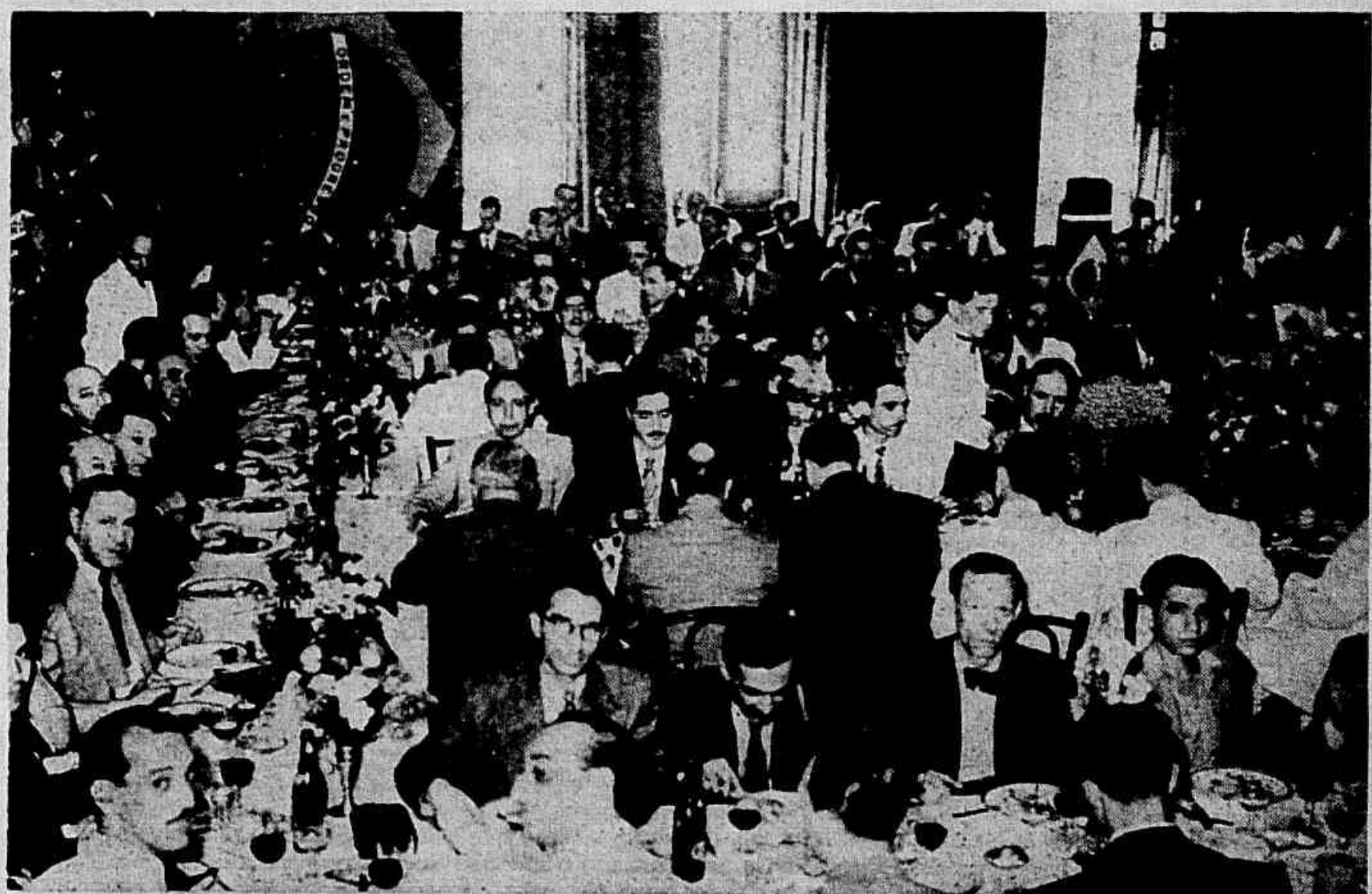
A seguir falaram os srs. Candido Campos, diretor da "A Notícia"; Mário Magalhães, diretor do "Correio da Noite"; Almério Ramos, chefe de publicidade da "A Noite"; dr. Mário Monteiro, diretor da "Legião Portuguesa"; Francisco Lemos, diretor da "Revista Biográfica Portuguesa"; Júlio Renaux, representante das Indústrias Texteis Renaux e o Comendador Artur de Castro, todos agradecendo a saudação que lhes fez o sr. Comendador Alfredo Rebello Nunes.

Usou ainda da palavra o sr. Anacleto Costa, pon-do em relêvo as qualidades morais e intelectuais do Comendador Alfredo Rebello Nunes e fazendo-lhe por fim a entrega do título de sócio benemérito e remido da Banda Portugal, sôb calorosa salva de palmas.

A REVISTA DA SEMANA, gentilmente convidada para este almoço de confraternização, fez-se representar, tendo o nosso repórter fotográfico, durante o ágape, colhido os aspêtos que ilustram esta página.



O Comendador Alfredo Rebello Nunes, ao pronunciar o seu aplaudido discurso.



Em cima: Um aspêto do magnifico almoço da "Casa Nunes".

Em baixo: Grupo formado durante a festa de confraternização, vendo-se o Comendador Alfredo Nunes cercado de jornalistas e pessoas amigas.

Ao lado: O Comendador Alfredo Nunes, entre os seus socios e auxiliares posando para a objetiva da REVISTA DA SEMANA.





Aos quatro grandes poderes caberá a tarefa de evitar a 3.ª Guerra Mundial.

HA neste momento, só nos Estados Unidos, cerca de 230 organizações empenhadas em planejar o mundo de após guerra. Representam apenas uma parte das recentes atividades neste campo. Nas duas décadas que separam as duas guerras apareceram muitos milhares de livros abordando o tema da organização da paz internacional e nem uma semana se passa sem novas emendas. Quasi diariamente algum líder político de alguma parte do mundo dedica-se ao problema. As igrejas têm organizações especiais que definem sua atitude; as legislaturas dos Estados estão votando resoluções a respeito; o Senado Norte-Americano tem uma destas diante de si.

A primeira impressão que se tem, lendo meia dúzia dos milhares de livros, ou as publicações das diversas organizações, ou mesmo os discursos dos estadistas, é que existem largas discordâncias de pontos de vista abrangendo a forma que o mundo de após guerra, tomaria, os seus possíveis objetivos, a melhor política para atingi-los, a parte que desempenhariam os Estados Unidos.

O resultado mais patente destas divergências, pelo menos para os leigos, é pura confusão; uma imensa dificuldade em escolher entre os diversos planos — planos estes que, recordemo-lo, devem afrontar não só o Congresso Norte-Americano, mas os Parla-mentos ou governos de várias nações estrangeiras.

Este fato, que muitas nações estrangeiras devem assentir a qualquer plano adotado, vem lembrar-nos que nosso "bom" plano não poderia ser apenas o melhor para o bem estar da humanidade, se as nações tivessem a sabedoria política de aceitá-lo e realizá-lo. E' bom recordar a observação de Henrique IV de França que, ao submeterem-lhe um trabalho sobre a paz europeia, disse: "E' perfeito, sem falha nenhuma, quanto a mim, exceto talvez esta: que principe algum da terra o aceitaria." As democracias são tão difíceis de persuadir como os príncipes e, infelizmente, em certos momentos tão instáveis quanto eles em suas convicções.

Qualquer plano, para ser realizável no mundo atual, deve ser um meio termo entre o que seria melhor para os homens se fossem inteiramente sábios e aquilo que deve ser aceito e esperado, dados os fatos da natureza humana, o poder dos grupos importantes que lutam pelos seus interesses contra o bem estar geral, as rivalidades nacionais, os ódios raciais e religiosos, os feudos históricos, a histeria eleitoral e as paixões das massas.

Argumenta-se às vezes que parte do fracasso da última paz foi proveniente de termos caminhado para ela sem um plano. No entanto a América tinha um plano, um plano americano, promulgado por um Presidente americano, e mesmo aceito por outras nações.

O plano, em seus detalhes, pode ter sido bom ou não. Fracassou, porém, não por defeito de detalhe, mas porque, quando veio à luz, o público americano descobriu que não necessitava de fato de plano algum, por melhor que fosse, se envolvia empreendimentos, obrigações e responsabilidades e isto, embora em 1915 o povo tivesse sido francamente a favor de uma Liga de Consolidação da Paz, baseada no princípio de "tudo contra os fabricantes da guerra."

Não afirmaremos tão pouco — como si argumenta com frequência — que si a América tivesse aderido à Liga das Nações tudo teria ido às mil maravilhas. Mas o que teria

NÃO bastam planos de PAZ

De SIR NORMAN ANGELL

significado "aderir à Liga das Nações?" Muitas nações aderiram à Liga e no entanto reduziram-na à impotência, evadindo-se das responsabilidades que poderiam ter feito dela um instrumento que evitasse uma segunda guerra mundial. Si os Estados Unidos, como membro da Liga das Nações, tivessem agido da mesma maneira que os outros membros da Liga, seu ingresso pouco diferença traria ao resultado final.

Um ilustre comentarista afirmou há dias que o grande valor do plano do Governador Stassen repousa no fato de que é detalhado e concreto, "algo no qual podemos cravar o dente da discussão". O Governador Stassen sugere que o corpo supremo do governo mundial de após guerra deveria ser um parlamento de uma só câmara, e o poder votante das nações constituintes devia ser baseado numa fórmula que levasse em conta (a) o número da população culta das respectivas nações (b) a soma das contribuições às despesas do governo e (c) os recursos das nações integrantes.

Estas condições foram esboçadas, ao que parece, para evitar a completa submersão dos Estados Unidos (de fato de toda a Cristandade) pelas populações da China, da Índia, da África e do mundo árabe. Este último grupo representa uma massa de população quasi dez vezes tão grande como a população dos Estados Unidos. Poderíamos duvidar, por outro lado, si a maioria da população mundial aceitaria um plano que objetivasse esta espécie de discriminação eleitoral, e, por outro, si os Estados Unidos ou os Estados da Europa aceitariam o risco da permanente subserviência, no governo mundial aos eleitorados muito maiores da Ásia e da África.

A Liga das Nações não apresentava tais dificuldades constitucionais a seus membros. Contudo, mesmo assim, suas obrigações aceitas por muitos estados, foram desrespeitadas, e por isso fracassou em salvar a paz do mundo. Isto não quer dizer necessariamente que a constituição da Liga fosse má, mas sim que o foi o comportamento de seus membros. Nenhuma constituição age automaticamente. Só pode funcionar bem enquanto suas partes reconhecem suas obrigações e vêm seu interesse em evitá-las. Durante o século XIX houve certas repúblicas latino-americanas que, embora tivessem as melhores constituições (muitas vezes copiadas da norte-americana), tinham revoluções ou guerras civis cada seis meses. A constituição não fez diferença. A Grã-Bretanha não tem constituição fixa, contudo não teve guerra civil ou rebelião armada por trezentos anos.

Chegamos, pois, ao seguinte: a preparação para a guerra é o mais importante, e nunca será demasiada. Devia visar, no entanto, a preparação de uma compreensão mais clara por parte do público dos princípios que presidem à ordem e à paz, de modo que o desenvolvimento diário fique na direção certa e não na errada.

Ninguém imaginaria sugerir que, visando a paz interna, o povo norte-americano aceite "leis justas uma vez por todas" e então dissolvesse o Congresso e libertasse o país destes distúrbios contínuos. Não daria resultado. Sabemos que, caso uma constituição proporcione ou não paz e ordem (como no caso dos Estados Unidos) ou produza anarquia ditadura (como a mesma espécie de constituição produziu no passado em certas partes da América Latina) depende da aplicação diária de seus princípios às condições que suscitam. Partidos políticos numa nação podem divergir em matérias vitais como direitos de propriedade, socialismo, capitalismo, *New-Deal*, *anti-New-Deal*. Estas divergências não envolverão guerra civil, si o povo estiver resolvido, por maiores que forem suas divergências, a evitar acima de tudo, a violência armada, e a apoiar a constituição contra qualquer partido que tome armas com a intenção de impôr sua plataforma.

Foi este o princípio essencial da Liga. As nações poderiam divergir (como a Rússia diverge do Ocidente), mas unir-se-iam contra os causadores das guerras, de modo que qualquer agressão encontraria tal preponderância de poder que não teria possibilidade de sucesso. Todos se ergueriam para a defesa de cada um, de modo que se tornaria impossível a qualquer bando de fanáticos colher as nações uma por uma — como Hitler fez na Europa continental.

Houve um tempo, logo depois da última guerra, quando todos concordamos em que eram estes os meios de deter a guerra, em que o direito à vida, falando do ponto de vista nacional, tinha de ser defendido coletivamente, ou então não poderia ser defendido de modo algum. Quando, porém, chegou o momento de abordar os casos específicos o princípio foi de início repudiado. Imediatamente após o armistício, a França pediu uma "fronteira estratégica" baseada sobre uma Renânia — também desmilitarizada, à qual Wilson e Lloyd George objetaram com razão, prometendo como alternativa uma garantia anglo-americana: os Estados Unidos e a Grã-Bretanha defenderiam a França si a Alemanha tornasse a atacá-la. A promessa nunca foi ratificada quer pelo Parlamento Britânico quer pelo Congresso Norte-Americano. A desintegração da paz começou naquele momento.

Com o fracasso do Tratado de Mutua Assistência, o Protocolo de Genebra e outras tentativas de precisar a segurança coletiva, a França tornou-se inteiramente cética acerca das intenções britânicas ou americanas e extremamente fria com respeito às sanções nos casos da Manchúria, da Etiópia, da China e da Espanha.

Não foi nenhum interesse baixo — capitalista ou qualquer outro, que levou a Grã-Bretanha e a América em suas relações com a França (não um Estado comunista ou socialista) a recusar estas garantias que podiam ter sido o início de um sistema internacional relativamente sólido. A oposição veio em grande parte do público "progressista", moralista e liberal. Alianças militares, tais como as que a França, eram, assim nos disseram, incompatíveis com a atmosfera de paz e reconciliação, afastariam a Alemanha; a verdade era sem dúvida que só dando à França um senso de segurança, poderia ela ser persuadida de conceder à república relativamente liberal de Weimar uma oportunidade de vida; renunciar à invasão do Ruhr e a outras medidas semelhantes que tinham o objetivo de evitar o retorno do poderio alemão porque ela sentia que sem auxílio seria incapaz de resistir a esse poderio.

Outras confusões da opinião pública permaneciam no caminho da restauração econômica da Europa e do mundo, e assim contribuíram à desintegração da paz. Por mais de dez anos — até o acordo firmado em Lausanne em 1932, — o público, tanto na Alemanha como na França, recusou-se a crer no fato evidente por si mesmo de que grandes reparações não podiam ser pagas exceto por um aumento nas exportações alemãs, o que era inaceitável. O clamor público pedia "dinheiro, não mercadorias." Mas, já que todo o ouro da Alemanha só poderia pagar uma pequena fração das somas exigidas, "dinheiro" para a Alemanha significava papel moeda, que não tinha valor em parte alguma exceto na Alemanha, onde podia ser trocado por mercadorias.

Como, porém, o público inglês e francês estabeleceram para condição básica da paz que não haveria aumento na exportação das mercadorias alemãs, as mercadorias compradas com o dinheiro das reparações deviam permanecer na Alemanha. O público insistia em condições que tornavam impossível a própria coisa que exigia. Os alemães têm um provérbio: "Podem lavar-me, mas não sem molhar-me". Confusão dessa ordem

Acredita o sr. neste milagre?

MODO DE USAR:
PEPTOCAMOMILA

Para AÇÃO RÁPIDA:
1 colher das de sopa,
diluída em 1 cálice
d'água. Como PRE-
VENTIVO DIÁRIO: 1
ou 2 colheres das de
chá diluídas em água.



Veja como ele é possível: Pepsina, macela e gengiana são 3 elementos de um extraordinário poder terapêutico em casos de perturbações gastro-intestinais. Se qualquer um deles sozinho já é efficientíssimo, os 3 juntos teem um poder triplice, tanto na ação como na rapidez. Esse milagre portanto é possível porque PEPTOCAMOMILA contém os três elementos e vários outros muito conhecidos. Em casos de má digestão, pois, tome PEPTOCAMOMILA, da seguinte forma: Para efeito rápido, uma colher das de sopa em um cálice d'água; como preventivo diário, uma ou duas colheres das de chá, também diluída em água, após cada refeição.

PEPTOCAMOMILA

FAVORECE A DIGESTÃO. AUXILIA O FIGADO. INTESTINOS E RINS

azedaram as relações anglo-americanas na discussão das dívidas britânicas. Será que a relação de tarifas e do comércio internacional para o pagamento de dívidas se tenha tornando tão clara que tais desentendimentos não possam surgir após a guerra?

Tão pouco se limitam estas confusões à questão da dívida. Mr. Cordell Hull e Mr. Summer Welles sugeriram recentemente que a Carta do Atlântico perderá toda a sua importância se o Congresso não agir acertadamente com respeito aos tratados de comércio que deverão ser renovados agora. A Carta do Atlântico prevê todas as nações com um fácil acesso às matérias primas. No entanto "acesso às matérias primas" significa em última análise, os meios de paga-las. Em tempos de paz, matérias primas sempre foram, úteis exceto em casos excepcionais, aqueles que tinham dinheiro para paga-las. Os únicos meios, porém, pelos quais uma nação pode obter dinheiro afim de pagar as matérias primas de que necessita é vendendo suas próprias mercadorias ou serviços; e se tal venda é bloqueada por barricadas aduaneiras ou outras divisas de nacionalismo econômico, então as matérias primas não são utilizáveis. O acesso às matérias primas é sobretudo um problema de acesso aos mercados de produtos acabados. A menos que haja da parte do público uma compreensão mais geral de tais matérias político-econômicas, os planos ambiciosos não terão mais sucesso no futuro do que terão no passado.

A última paz fracassou principalmente porque a orientação cotidiana da política foi perturbada por confusões populares relativas aos princípios elementares de cooperação internacional para prevenção da violência e da agressão. A situação à voz de "cessar fogo", será mais difícil desta vez do que em 1918. Centenas de milhões encontrarão a fome pela frente. Com o colapso do poder do Eixo as forças locais sob o comando de chefes locais, podem entrar em luta com outras forças locais e outros chefes para sobreviverem ou restabelecer o estado de coisas antigo. Trazer comida aos famintos, roupa aos despidos, abrigo aos sem casa, restaurar milhões de desradicados a suas terras, dar sementes e instrumentos aos camponeses, tudo isso exigirá antes de tudo, alguma espécie de ordem.

Essa ordem, é claro, não pode ser estabelecida pela simples reunião de uma "Assembléa Constituinte das Nações do Mundo", porque em muitos casos haverá azedas disputas sobre as áreas que serão incluídas numa nação dada e sobre seus representantes. A situação da África do Norte é simplicíssima em comparação com esta. A melhor esperança de ordem residirá então na capacidade de obtenção de alimentos, material, meios de transporte, e poder, usado sábiamente com o objetivo de policiamento e socorro. Da autoridade assim usada sairá passo a passo uma nova ordem mundial capaz e garantida a paz; quer dizer, mudança pacífica para o máximo de justiça possível em questões humanas.

Si, há quinze anos atrás, os Estados Unidos, a Rússia, a Grã-Bretanha e a França tivessem assentado só usar seu poder combinado para resistir a toda agressão armada, é perfeitamente provável que a guerra atual tivesse sido evitada. Só isto poderá evitar uma terceira guerra mundial.

Reconhecer realidades não nos levará ao fútil fatalismo que se contenta em dizer "Haverá sempre guerras e nada podemos fazer para evita-las." Isto é tão desastroso como imaginar que poderemos obter a paz mediante planos ambiciosos que desprezam as dificuldades de aceitação e preenchimento por parte das diversas nações de hábitos morais, experiências e escalas de valores diversas. Tão pouco isto exclui planos. Há muito planejamento que pode ser feito útilmente em muitos campos. Entretanto, a necessidade mais urgente é preparar a opinião pública para aceitar certos princípios básicos da política que muitas vezes foram rejeitados por incompreensão.

Isto é reconhecido por muitas das organizações que se aplicam à reconstrução de após guerra. A Comissão de Estudos Para Reorganização da Paz, conhecida geralmente como a Comissão Shotwell, que talvez seja o mais organizado e o mais autoritário de tais corpos, anuncia em seu primeiro relatório que sua intenção "é procurar e fixar os princípios sobre os quais devem ser reorganizadas após o presente conflito si a paz deve prevalecer. Não procura agora prover os detalhes de tal sistema, pois reconhece que grandes mudanças estão ocorrendo cujas consequências devemos aguardar". Muito sábiamente insiste em que deve haver preparação prévia para esse período provavelmente caótico e de transição que deve seguir-se à queda do Eixo.

Enquanto é verdade que a autoridade adequada a solver essas oposições tem de ser encontrada, antes de tudo, no acordo dos Estados Unidos, o Império Britânico, China e Rússia, esse acordo deveria processar-se o mais rapidamente possível afim de incluir



Proteja a beleza natural da sua pele com LEITE DE COLÔNIA

Quando aparecerem manchas, sardas e espinhas na sua cutis, não lance mão de artifícios em demasia para escondê-las. Corrija essas imperfeições com Leite de Colonia. Leite de Colonia protege, limpa, alveja e amacia a pele. Além de remover manchas, sardas, espinhas e outras erupções da cutis, Leite de Colonia protege esse adorável viço jovem do seu rosto, mantendo-o sempre imaculado. Use-o também como base do seu pó de arroz predileto.

Leite de Colonia

Conserve
imaculado
esse adorável
viço jovem
do seu
rosto!

todas as Nações Unidas e, depois, todas as nações. Mas si os Quatro Azes não puderem entrar em acordo, si as desconfianças mútuas ou os interesses em conflito chegarem a tornar a cooperação impossível entre eles, a Grande Aliança ficará em pedaços tal como a aliança que lutou contra a Primeira Guerra Mundial ficou em pedaços, tornando a Segunda Guerra inevitável. Deverá haver ainda uma terceira, mais terrificante que as outras?

REVISTA DO GINASIO LONDRI- NENSE

Recebemos o n. 1 do primeiro ano da *Revista do Ginásio Londrinense*, editada na cidade de Londrina, Estado do Paraná.

É o órgão do *Gremio Literário-Esportivo "Ruy Barbosa"*, daquela cidade paranaense.

Tem caspa? Queda de cabelos? Já usou tudo? Experimente agora a LOÇÃO NO. 3KA.

NORDISKA

LEITE DE AMENDOAS. A última criação para a beleza da Mulher. LEITE ANTI-EFELICO. Infalível com as imperfeições do rosto.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os poros, as manchas e asperezas e a tendência para o pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

A "CENA MUDA" E A CAMPANHA DA BORRACHA USADA

Domingo, dia 18, às 9,30 horas três grandes espetáculos infantis nos Metros: Passeio, Tijuca e Copacabana. — Borracha usada servirá de ingresso — Em colaboração com a "P. R. A. 9" e o CORREIO DA NOITE

A CENA MUDA, a exemplo do que já fizera antes por ocasião da vitoriosa Campanha do Alumínio, associou-se, em combinação com as colaborações valiosas de *Cine-Rádio Jornal* da Mayrink Veiga e do *CORREIO DA NOITE*, ao empreendimento altruístico e patriótico da Legião Brasileira de Assistência.

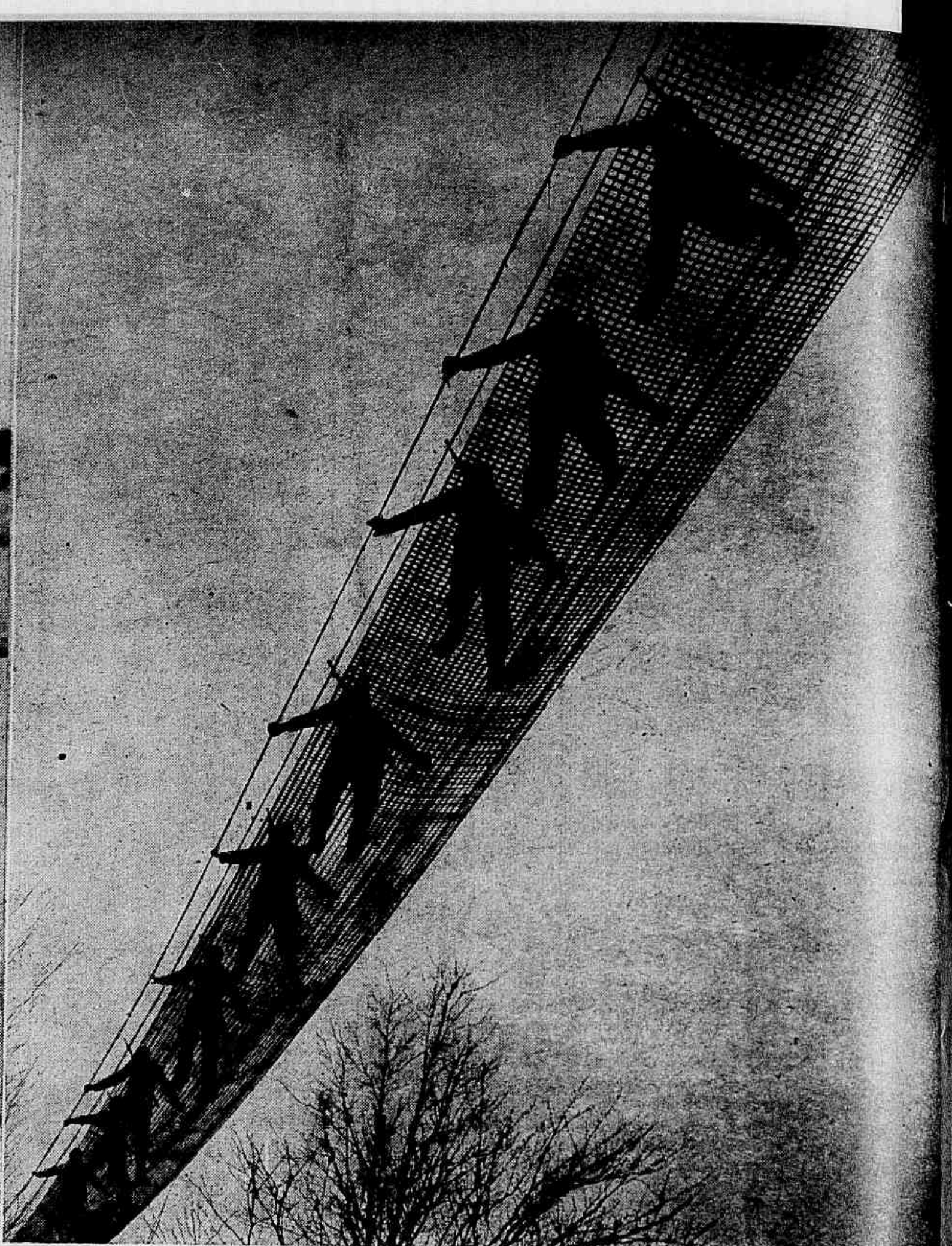
Assim é que serão distribuídas entradas gratuitas às crianças que trouxerem

qualquer quantidade de borracha usada à entrada dos cinemas Metros: Passeio, Tijuca e Copacabana.

Esse empreendimento repercutirá, por certo, com simpatia na sociedade carioca, porque, além de proporcionar divertimento ao nosso mundo infantil, aumentará a quantidade de borracha — essencial na paz, imprescindível na guerra — para a vitória do Brasil.

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



Em guarda... O homem nem sempre tem um rifle e uma baioneta prontos a qualquer surpresa quando trabalha. Porisso as "Abêlhas" aprendem como fazer com um atacante armado e ao mesmo tempo conseguir o armamento necessário. Em cima vê-se uma "abêlha" treinando o golpe. O atacante arremessa-se sobre ele com a baioneta. Uma pancada ágil com a mão aberta, afasta a lâmina, enquanto a outra mão agarra o rifle no ponto de equilíbrio. Um rápido puxão e os trunfos estão às avessas.

Esta ponte de fios de arame é outra pequena brincadeira que a Marinha prepara a suas "Abêlhas", fazendo deles não apenas hábeis engenheiros como perigosos combatentes. Observe-se que em toda a parte onde vão as "abêlhas" seus fuzis vão com eles.

As "abêlhas" estão atravessando um dos obstáculos na sua famosa corrida (a mais dura do mundo inteiro) no Campo Endicott. Trata-se de uma porção de estacas, aparentemente dispostas ao acaso mas na verdade colocadas de maneira a tornar difícilíssima sua travessia. Há muito peito e cotovelo arranhados após uma travessia destas, mas o treino é excelente.

Grande pesca... A rede, semelhante a uma rede de pesca, é usada para diversos fins. Um deles é desembarcar dos navios.





Aqui vemos uma travessia arriscada. As "abelhas" preparam-se para futuras travessias de rios, experimentando, numa posição algo incômoda, esta ponte primitiva.



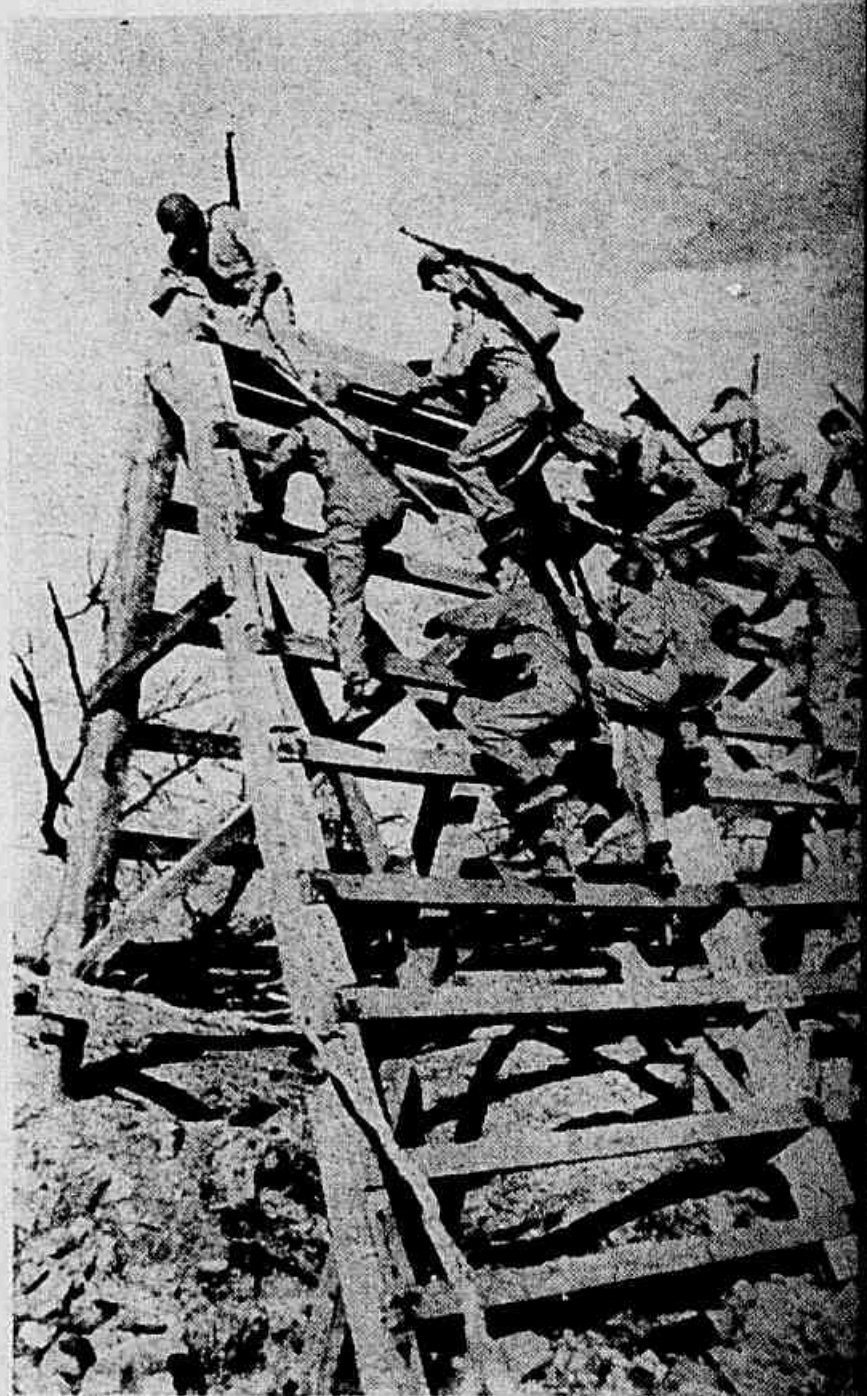
Homens ousados... Os homens no trapézio volante nada têm a ver com estas "abelhas" que procuram desafiar a gravidade sobre estes dois fios de arame estendidos entre árvores.

FOI uma feliz inspiração, com efeito, que produziu na Marinha Norte Americana o Batalhão que se chamou "Abelhas do Mar". A "abelha" é um ser laborioso que gosta de dar conta de seu serviço sem importunações. Quando, porém, é interrompida, a abelha pode dar boa conta de si mesma e tornar a vida bastante desagradável ao interruptor. A mesma coisa aplica-se aos homens das "Abelhas Navais". Sua principal ocupação é construir bases para a Marinha. No entanto, preparam-se para fazer sua própria defesa caso alguém se intrometa e experimente detê-los, ou tirar-lhes algo depois que o tenham tomado.

As "Abelhas" da Marinha já conseguiram um significativo record nesta guerra. Tornaram-se uma séria ameaça ao record que detinham os Fuzileiros Navais em matéria de versatilidade. Estiveram nas ilhas Salomão, em plena ação, e, ao mesmo tempo, construindo os estabelecimentos militares necessários para consolidar as nossas posições e tomando parte na luta onde quer que o inimigo tentava retomar o ataque. De fato, as "Abelhas do Mar" sempre estiveram prontas a abandonar os martelos e as chaves de parafuso pelas armas do combatente, visto terem aprendido a manejar tanto uns como outros.

As séries de fotografias que aqui estampamos mostram como a Marinha treina suas "Abelhas". Transportam-nos ao Campo Endicott, em Davisville, Rhode Island, onde os homens do Batalhão de Construções recebem um treino idêntico ao dos comandos. Parte deste treino é efetuada durante uma corrida de obstáculos que é tida como a mais difícil do país — corrida que terminará com a formação de um tipo perfeito de combatente.

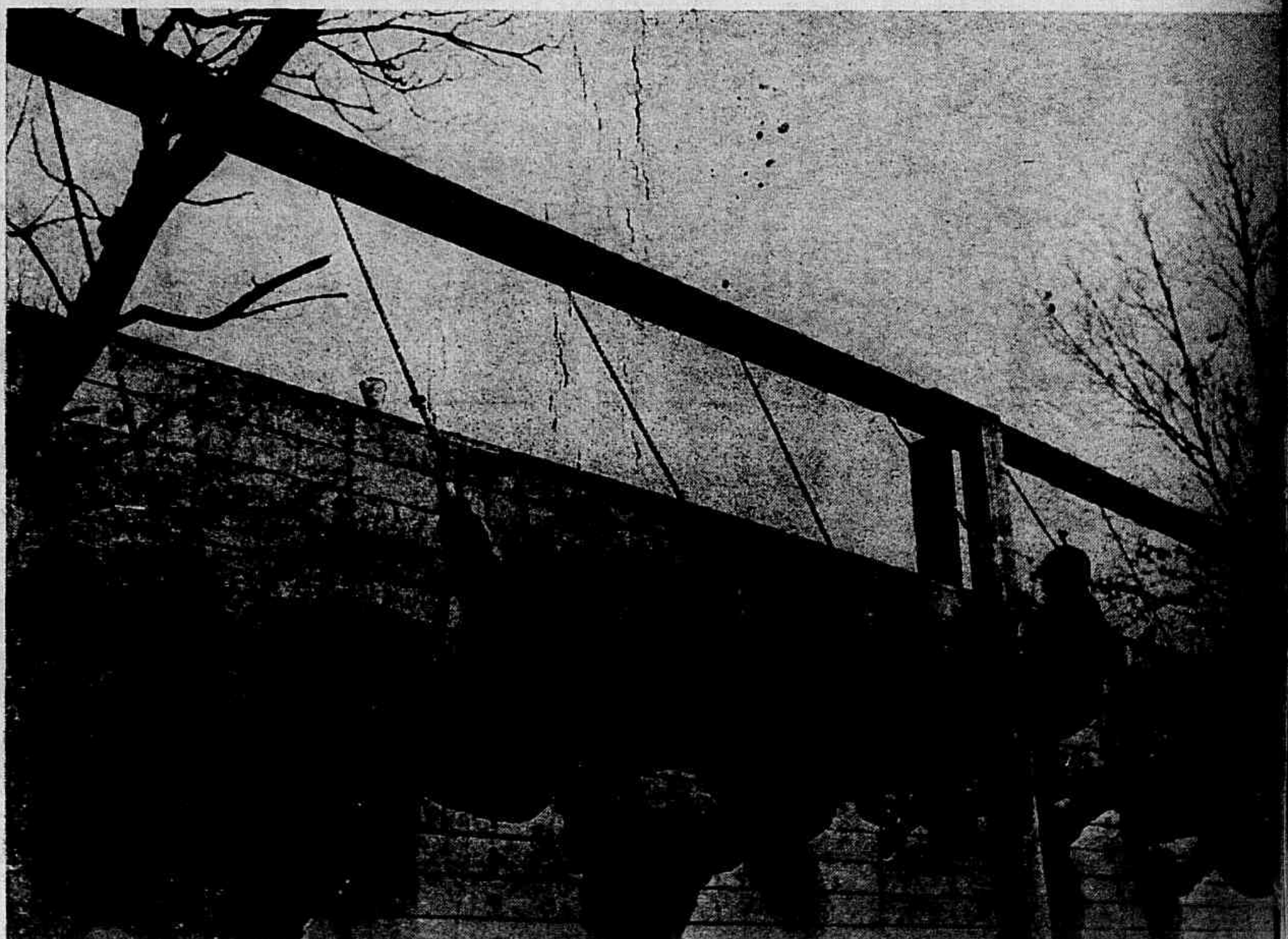
Com seus pesados fuzis às costas estas "abelhas" atravessam mais este difícil obstáculo. É uma das ocasiões em que um homem compreende que duas mãos é pouco...

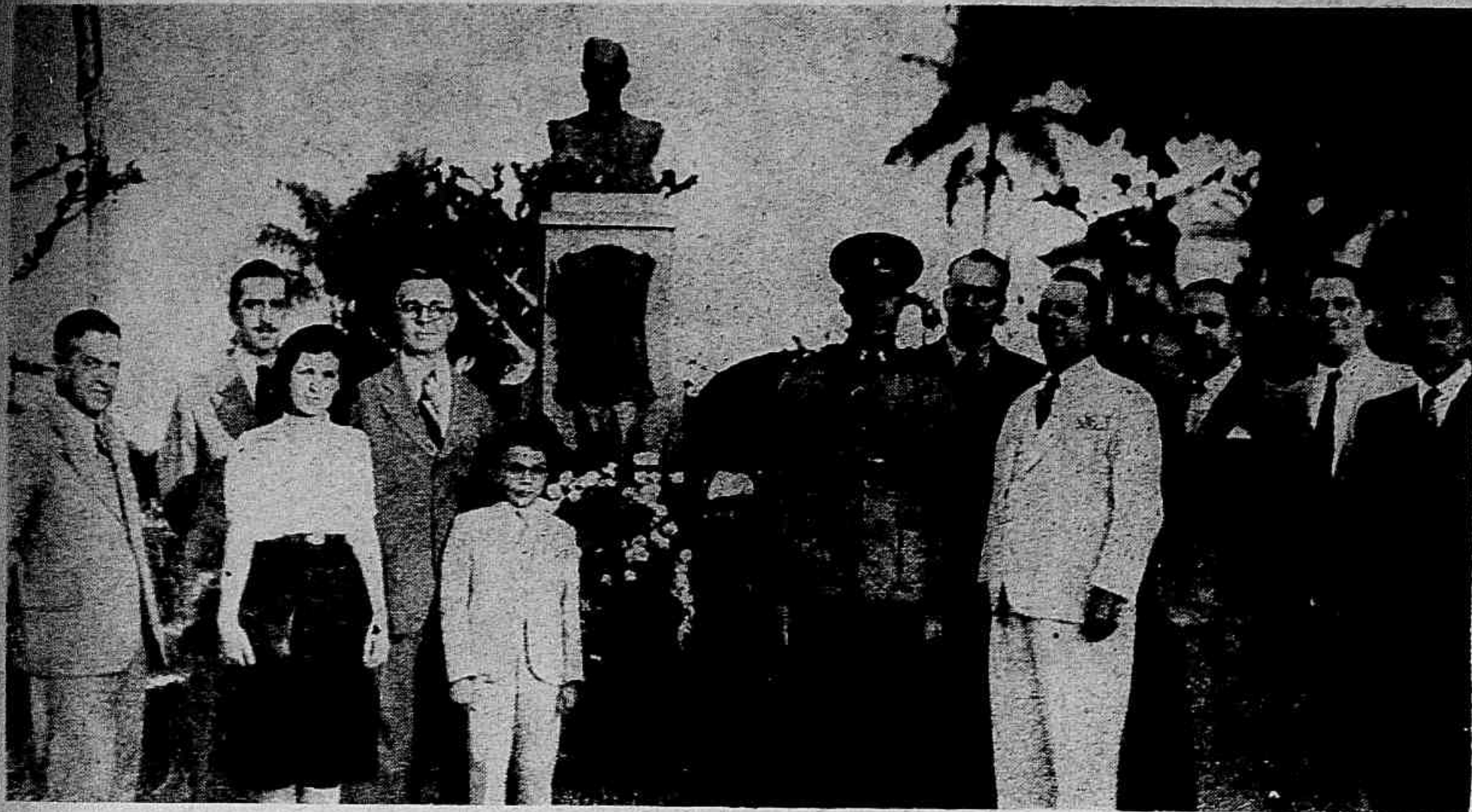


mandos

amêm uma
ardilhas. Rê-
Marinha com
homens a de-

Outro obstáculo na corrida do Campo Endicott. É uma muralha alta absolutamente destituída de pontos de apoio que os rapazes devem galgar ajudados apenas pelas cordas. Parece-nos fácil a maneira por que o fazem. Não é tão fácil, porém, quando se carrega equipamento de guerra.





Cap. João Batista Fernandes e Ten. Paulo de Moraes, do 2.º Grupo de Artilheria de Dórs, sediado em Jundiá, assistem às homenagens patrocinadas pelo "CENTRO CIVICO MAJOR SUCUPIRA".

De São Paulo

Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

★

• Restaurant • Salão de Chá • American Bar (da sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succaterra de **MAPPIN STORES**
D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

O CENTENARIO DE ARARIPE SUCUPIRA

Decorreram com brilhantismo as homenagens prestadas em S. Paulo no dia 2 do corrente á memoria do major Carolino Bolivar de Araripe Sucupira, cujo centenario de nascimento transcorreu naquele dia. Figura de extraordinario relevo na historia de nossa patria foi ele um dos heróes da batalha do Avaí.

Estampamos nesta pagina diversos aspectos das mencionadas homenagens, em boa hora promovidas pelo "Centro Civico Major Sucupira."

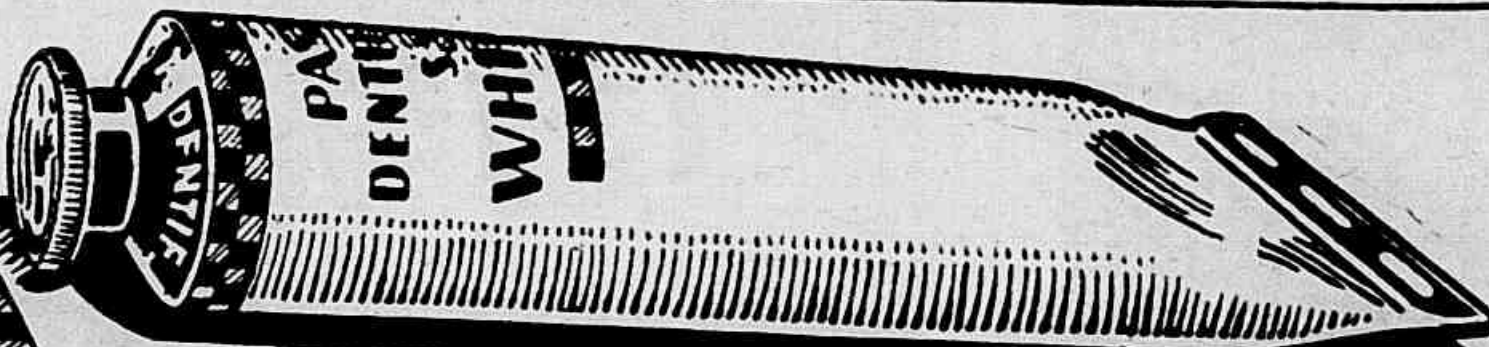
Prof. Vieira de Andrade, inspetor Federal do Ensino Secundário, profere brilhante oração durante as festividades.



Alunas da Escola Normal de Jundiá, sob a direção da Prof. Ana Pinto Duarte Pais, prestam ao herói de Avaí, Major Sucupira, junto á sua hérma, significativo preito de homenagem. Em baixo — Grupo da família do saudoso Major Sucupira, após á missa solene, mandada celebrar na Basílica de São Bento, pelo "CENTRO CIVICO MAJOR SUCUPIRA".



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferencia ao dentifricio mais completo para higiene e conservação dos dentes.



PASTA DENTIFRICIA S.S. WHITE

INDUSTRIA BRASILEIRA

SOU UM DESTRUIDOR?

Pergunta a si mesmo
LUIZ PIRANDELLO

Querem ver em mim um destruidor. Mas eu não tratei nunca de destruir mais que ilusões. E é destruir fazer com que os homens abram os olhos sobre o que podem compreender da realidade?

Tem-se dito que eu sou um pessimista. E' ser pessimista ver as cousas como são? Quem conhece o sentido da vida? Nenhum homem, certamente. Mas nenhum homem pode viver como um bruto, como um animal ou vegetal, sem tomar ou ter consciência do que faz, abandonando-se simplesmente à corrente da vida. E é aqui onde reside todo o drama humano e é este drama humano o que tenho querido evocar em toda minha obra, seja nas novelas, nos contos ou em meu teatro.

Tenho mostrado homens e mulheres que viviam na ilusão de ser amados ou poderosos e que, bruscamente, se despertam de seus sonhos... Em torno deles não havia mais que ruínas. Mas tenho mostrado também homens e mulheres que sabiam que nada é durável, que a vida se leva conforme as formas que cada um a vê, e que o prudente é aquele que tem suficiente agilidade para não desejar nunca passar pela vida fazendo uma idéia diversa a cada instante.

Eis no que pretendo ser um construtor.

Vivo e creio que cada um de nós pode construir sua vida, não para sempre mas dia por dia. O homem digno desse nome me parece ser o que se levanta com o dia que nasce, não destrói sistematicamente o passado e não se aborrece nunca com o futuro.

Nunca me interessei pelo que chamam a glória literária. Escrever por escrever, por recreio de espírito me parece estranhamente vão. As palavras não me interessam, senão as cousas. Se tenho escrito é para comunicar aos homens as coisas que me têm interessado.

Creio que a parte mais importante de minha mensagem é a que se refere a repelir tudo o que é convencional e não se adapta à realidade.

Escreveram, as vezes, que eu era um dos precursores do fascismo. Na medida em que o fascismo repele toda a doutrina preconcebida, a vontade de adaptação a realidade, modificando sua decisão a medida que essa realidade se modifica, creio que se pode dizer que fui um de seus precursores. Só a imobilidade mata.

Não ha três posições lógicas e razoáveis para um homem, mas duas: a primeira é um ativismo que não se canse de reacionar por nada, que se adapte a todas as circunstâncias, triunfe de todos os obstáculos, lute corpo a corpo com todas as dificuldades que lhe oponha a vida, e frequentemente, da maneira menos esperada. A segunda, é a atitude daquele que se queda a margem da vida, desejando ser espectador. Esta tem sido, confesso, um pouco a minha, em verdade eu não tenho vivido minha vida, tão somente a tenho escrito. Mas me abstenho de dizer que sou eu que tenho razão. Para que haja homens que possam escrever em paz, apartados da vida, é preciso que haja outros que lhes façam a vida possível. São precisos Césares e Otávios para que possa existir Virgílios.

Ha outra idéia, cuja invenção não reivindico — ela é tão velha como o mundo — que está presente em todas as partes de minha obra, e é a que nosso grande poeta Leopardi desenvolveu tão genialmente em seu poema *La Ginestra*. Sobre os flancos pelados da um vulcão floresce a *ginestra*. Como pode agarrar-se com suas raízes nessa rocha dura, e tirar a seiva necessária à sua pobre existência. A qualquer momento uma erupção do vulcão pode matá-la. O destino dos homens, aqui em baixo, perpetuamente ameaçados pela morte, é parecido ao dessa flor.

Porque com os perigos e as ameaças da natureza os homens agregam o ódio e fazem a guerra? Eu confessarei, como Leopardi, que faço essa pergunta a mim mesmo e que, se o labor que me valeu a atenção universal se intitula *Seis personagens em busca de autor*, toda minha obra poderia levar este título: — *Mil personagens em busca de paz*.



Uma Contam as Outras...

UMA senhora descobre um dentífrico de sabor tão delicioso que escovar os dentes se torna um verdadeiro prazer. Ao seu primeiro contacto com a língua, toda a boca se sente tomada de admirável frescor. Que é que ela faz? Naturalmente, usa-o todos os dias — depois de cada refeição, se possível. E conta às amigas sua descoberta. Isto é o que sucede diariamente com o Creme Dental Squibb em todo o mundo. Porque, na verdade, ajuda a limpar os dentes com prazer

e segurança. Pureza e eficácia estão em primeiro lugar na fabricação do Creme Dental Squibb. Passa por mais de 100 rigorosas provas, antes de ser posto à venda. Sua fórmula científica não contém nenhuma substância raspante, adstringente ou sabão — nada que prejudique o esmalte ou irrite as gengivas. Outro detalhe importantíssimo — o Creme Dental Squibb é feito com eficaz anti-ácido — Leite de Magnésia Squibb. Por que não experimenta hoje mesmo esse delicioso dentífrico?

Creme Dental Squibb

250

ESCOVA ANGLE SQUIBB

Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de TODOS os dentes. Fios da mais alta qualidade — eficientes — duráveis.



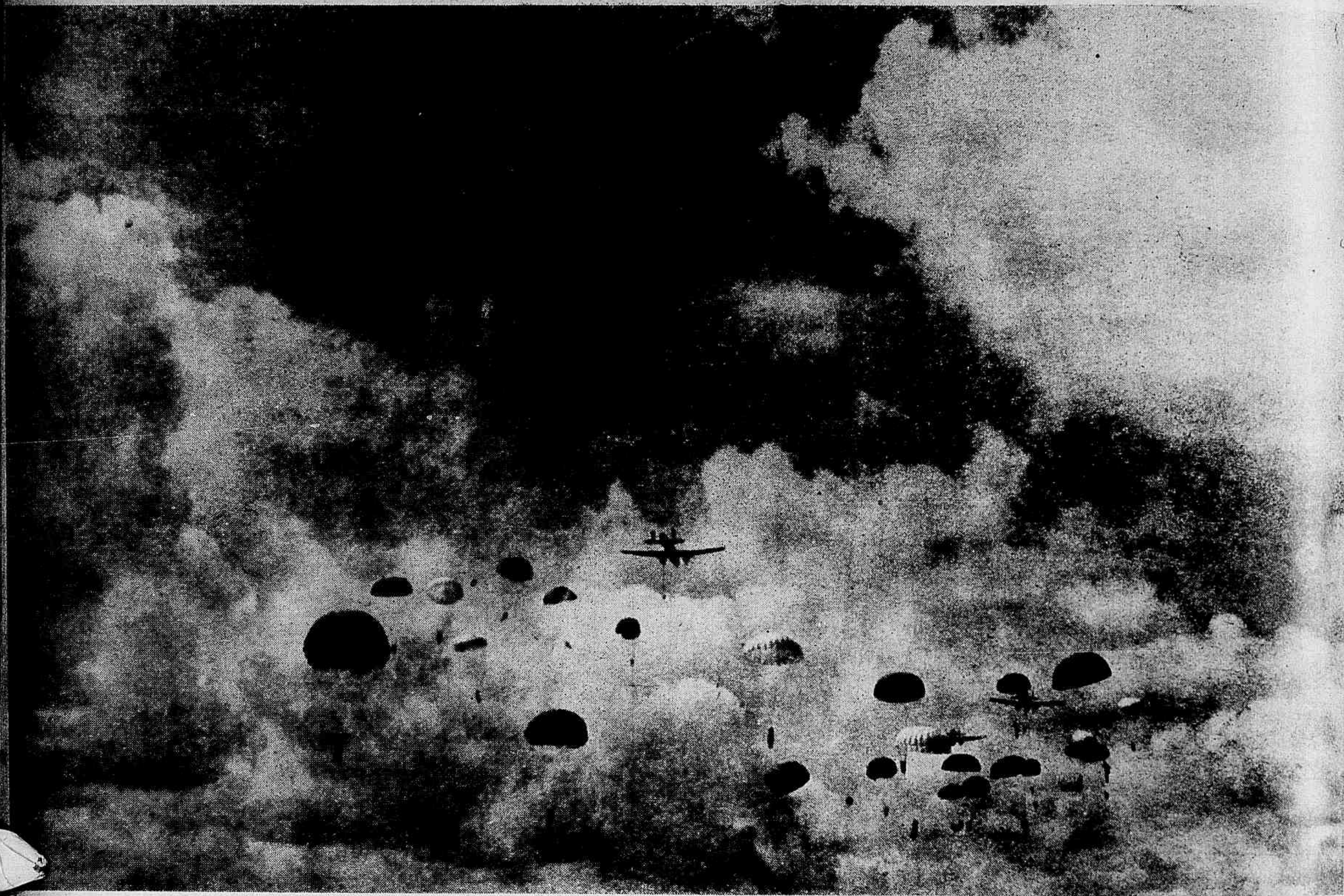
MENTHOLATUM
Acalma
QUEIMADURAS
Contusões e
Ferimentos

"DEPRESSA, MARY!
TRAGA-ME
MENTHOLATUM"



REGRESSOU AO RIO O SR. GERALDO MACÊDO, DIRETOR DA FILIAL DA EMPRESA DE PROPAGANDA STANDARD, LTDA., EM SÃO PAULO, APÓS TER INAUGURADO NA CAPITAL PORTENHA E EM SANTIAGO, NO CHILE, AS DUAS PRIMEIRAS SUCURSAIS LATINO-AMERICANAS DAQUELA IMPORTANTE ORGANIZAÇÃO PUBLICITÁRIA BRASILEIRA. — Após dois meses de permanência em Buenos Aires e em Santiago, regressou ao Rio o sr. Geraldo Macêdo — diretor da Filial de S. Paulo da Empresa de Propaganda Standard, Ltda. O sr. Geraldo Macêdo que foi à Argentina e ao Chile especialmente para inaugurar, nas capitais dessas duas repúblicas amigas, as primeiras sucursais latino-americanas da Empresa de Propaganda Standard, Ltda., voltou vivamente impressionado com as imensas possibilidades dos mercados que percorreu e com as sinceras demonstrações de simpatia que não se cansam de manifestar ao Brasil, os povos argentino e chileno. Os novos escritórios da Empresa de Propaganda Standard, Ltda., modernamente aparelhados e dispostos de auxiliares especializados em todos os ramos da propaganda, estão instalados em Buenos Aires à Calle Corrientes, 485 — 4.º and. e em Santiago à Calle Morandé, 322 — 2.º and. e já se encontram em franca atividade, sob a competente direção do sr. Rafael Brito — figura de destaque nos meios publicitários argentinos — trabalhando com algumas das mais importantes casas daqueles dois países. Foram receber o sr. Geraldo Macêdo no aeroporto, entre outras figuras dos nossos círculos sociais, o sr. Cícero Leuenroth e sr. A. da Fonseca, respectivamente diretor e gerente da Empresa de Propaganda Standard, Ltda. A foto acima mostra o sr. Geraldo Macêdo, ladoado pelas Diretores da Standard, logo após sua chegada.

A Guerra através do Cineac



Recrutas paraquedistas durante uma instrução, saltando de balões e aeroplanos fixos. Os paraquedistas constituem elementos avançados de forças terrestres ou navais, constituindo um poderoso fator de surpresa. São usualmente empregados em ligação com tropas aéreas e mecanizadas no esforço principal do combate ou na retaguarda das linhas inimigas. Os homens são armados para um trabalho especializado, e as armas e os equipamentos são lançados simultaneamente com os paraquedistas. O treinamento de paraquedistas, empreendido pelos instrutores da RAF e do Exército de Cooperação é altamente eficiente. Corridas a pé garantem uma perfeita formação física e, os obstáculos desenvolvem a agilidade mental. Finalmente são apresentados como homens perfeitamente treinados nas fileiras das tropas de choque britânicas. A fotografia nos mostra uma descida em massa de paraquedistas.



Escola britânica de treinamento para o combate tornara a reação do homem à ordem tão automática como a do guarda ao apito, e assim eliminar qualquer hesitação temporária quando operar sob condições de guerra. Cada homem e cada unidade devem aprender exatamente o que fazer em qualquer situação e as condições do combate são apresentadas do modo mais realístico possível com o auxílio de cortinas de fumaça, munição real, explosivos, obstáculos que dificultam a marcha, etc. Um pelotão apreende a pesar um rio com equipamento, metralhadoras, fuzis anti-carros, etc.

Pilotos britânicos a caminho dos esquadrões de bombardeiros que os levarão à Alemanha.



De volta ao lar com sorrisos vitoriosos... Sorridentes e confiantes, felizes em tomar a ofensiva em ponto grande, um grupo de aviadores ingleses retornam de Colônia.



Escola de aviadores da RAF: um Tcheco, um Polonês e um Inglês com seu Sargento Instrutor, um australiano. Observam outros cadêtes, fazendo exercício.



Escola da RAF para artilheiros aviadores em cenas de treinamento. Um piloto prepara os medicamentos que levará na viagem.



Realizou-se recentemente, tendo despertado vivo interesse no stio da sociedade carioca, o enlace matrimonial da senhorinha Luiza Terra de Souza, filha do industrial José Secundino de Souza e de D. Lúcia Terra de Souza, com o Dr. Mário Marques Tourinho, conhecido clínico nesta capital. Os nubentes, que contam com largo círculo de amigos, fôram muito cumprimentados após a cerimônia nupcial.



EM MIAMI O DIRETOR DA DEFESA PASSIVA ANTI-AEREA — O coronel Orezimbo Martins Pereira, diretor do Serviço Nacional de Defesa Passiva Anti-Aérea, do Brasil, que acaba de chegar aos Estados Unidos afim de observar os trabalhos do Serviço de Defesa Civil entre os norte-americanos, aparece na gravura acima, no aeroporto da Pan American Airways, em Miami, ao ser recebido pelo sr. Walter Walters, representante do Departamento de Estado.

DR. DRAULT ERNANY

Constituiu motivo para demonstrações de simpatia e apreço ao aniversariante proveniente de todas as classes sociais do Distrito Federal e mesmo dos Estados, a passagem da data natalícia do Sr. Dr. Drault Ernany, Diretor Geral do Banco do Distrito Federal.

Formado em medicina pela Universidade do Rio de Janeiro, iniciou, aqui, o Sr. Dr. Drault Ernany suas atividades clínicas mas, depois de firmar seu nome como médico na Capital Federal, iniciou-se em atividades industriais conquistando vitórias merecidas de sua visão e invulgar capacidade de trabalho.

Ingressando a seguir nos meios bancários, recebeu o encargo de gerir o Banco do Distrito Federal que, ha cerca de seis anos, era modestíssima instituição de crédito. E, em tão curto período, força é reconhecer como extraordinária a obra do Sr. Dr. Drault Ernany á frente do mencionado Banco que, presentemente, não se restringe ao Distrito Federal porem se irradia pelos estados com sucursais em São Paulo, Minas, Baía, agências em varias cidades do país, o que lhe dá um caráter de organização nacional.

E' ainda o Sr. Dr. Drault Ernany diretor da S. A. Cortume Nazareth e outras organizações brasileiras.

Noticiario Elegante

ANIVERSÁRIOS:

DIA 17 — Sra. Rosa de Almeida Gonçalves srta. Denise René de Sá Deatwyler. Srs. General José Acilino de Lima coronel Oscar Lisboa de Sousa dr. Candido de Melo Leitão e o dr. Nelson de Azevedo Branco.

DIA 18 — Sras. Gomes da Silva, Olga Gaspar Antunes, Silvino de Matos e da. Ernestina Vieira.

Srs. dr. Alvaro Palmeira e os maiores Hildebrando Sarmento, José Marinho dos Santos e Frederico Augusto Rondon.

DIA 19 — Sras. Prof. Maria Serra Franco srta. Dulce Gonçalves.

Srs. dr. José Cardoso de Melo Neto, ex-governador do Estado de S. Paulo dr. José Rodrigues Vieira, dr. José Prudente de Siqueira tenente-coronel Afonso Romano e o sr. Rosario Fusco.

DIA 20 — Sras. Carminda Freire

Barreto, Betim Paes Leme? srtas. Glorinha de Frontin, Eunice Leão de Mascarenhas e Maria Ofelia Mamell.

Srs. desembargador Francisco Xavier Reis Lisboa, Prof. Anes Dias, dr. Francisco Siqueira de Andrade e o sr. Lourival Fontes, ex-Diretor Geral do D. I. P.

DIA 21 — Sras. Edite Batista Cordovil e Marguerite Soli-Devere.

Srs. dr. Leonel Gonsaga e sr. Rubens Maciel.

DIA 22 — Sras. Antonio Jannuzzi, Julieta Soares Costa.

Srs. Prof. José Oiticica, cel. Franklin Emilio Ribas, comandante Carlos Ramos e Armando do Carmo.

DIA 23 — Sras. Alice Abrantes de Souza Leite, Feliciano Sodré, João Luiz Alves.

Srs. Custodio Martins e Jerônimo Monteiro Filho.



Aspecto do "Cock-tail", oferecido ao Maestro Eleazar de Carvalho, no Clube Ginástico Português, pelas componentes do "Coral Eleazar de C.valho", por ocasião do seu aniversário natalício.



A Associação Atlética Brasil Açucareira, clube esportivo dos funcionários do Instituto do Açúcar e do Alcool, comemorou a passagem da noite de São João com um concorrido e alegre baile, realizado na sede social da sociedade. A foto acima mostra um grupo de pessoas que tomaram parte na animada festa joanina da Assoc. Atl. Brasil Açucareiro.

Enlace Palmira Augusta Terra de Souza- Alberto Souza Neves



Realizou-se, no dia 9 do corrente, o enlace matrimonial da senhorita Palmira Augusta Terra de Souza, filha do Sr. José Secundino de Souza e de D. Lucia Terra de Souza, com o Sr. Alberto de Souza Neves, funcionario da Alfandega e filho da Viuva D. Mariana Pena de Souza Neves.

A's 11 horas, na residência dos pais da noiva, teve lugar o ato civil, parafinado, por parte do noivo, pelo Dr. Luiz de Souza Neves e senhora; e pela Sr. Domingos Luiz Terra Junior e Sra. Luiz Terra de Souza Tourinho por parte da noiva.

A cerimônia religiosa, assistida por grande número de pessoas da alta sociedade carioca, entre as quais destacamos ao Coronel Jesuino de Albuquerque, Secretário de Saúde e Assistência da Prefeitura do Distrito Federal, realizou-se às 17 horas, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, à rua Benjamim Constant. Serviram de padrinhos do noivo o Sr. Oscar de Souza Neves e Senhora e da noiva o Sr. José Secundino de Souza e Senhora.

A REVISTA DA SEMANA, durante o ato religioso, apanhou os flagrantes que ilustram esta página, nos quais aparecem os noivos, suas famílias e o Coronel Jesuino de Albuquerque.

O Jockey Club mundano



O Jockey Clube Brasileiro, prosseguindo na temporada oficial do "turf" de 1943, ofereceu domingo último mais um belo programa aos frequentadores do Hipódromo da Gávea.

Para que os nossos leitores tenham uma idéia do sucesso alcançado pelo "meeting" turfístico de domingo, aqui reproduzimos cinco aspectos fotográficos do mesmo.



"E as luzes
brilharão outra vez..."



Sim, mas para iluminar o Municipal na elegantíssima reabertura da temporada lírica. Eis porque fomos buscar, com as sensacionais frequentadoras do Metropolitan, alguns modelos e penteados que marcaram a *season* em New York.

Ai temos Joan Crawford (Metro) numa sugestão em negro. Marjorie Lord, da Universal, com um lindo penteado *made for blondes*.

A simpatia de Judy Garland (Metro) acentuada pela simplicidade que lhe é tão peculiar.

e finalmente, Maria Montez da Universal que aparece como uma nota de estranho encantamento oriental.



"A Sicília não pôde ser considerada apenas como uma base que Hitler e Mussolini, de parceria, erigiram de muralhas e cavaram de abrigos, valendo-se dos poderosos contrajortes que a natureza ali erigiu com os seus maciços de montanhas, que surgem como um prolongamento da região calabresa, disferçado pela lamina do espelho das águas do estreito de Messina", como comentou "O Globo". A Sicília é, de fato — embora agora que a invasão se deu a imprensa nazifascista diga que ela é apenas uma ilha do Mediterrâneo — uma continuação da "Fortaleza Européia", um pedaço enorme da Itália, ligado ao continente pelos laços indissolúveis do povo e da raça, da história e da tradição, que os 3 quilômetros de mar, na sua parte mais estreita, e os 18 na mais larga, não podem separar.

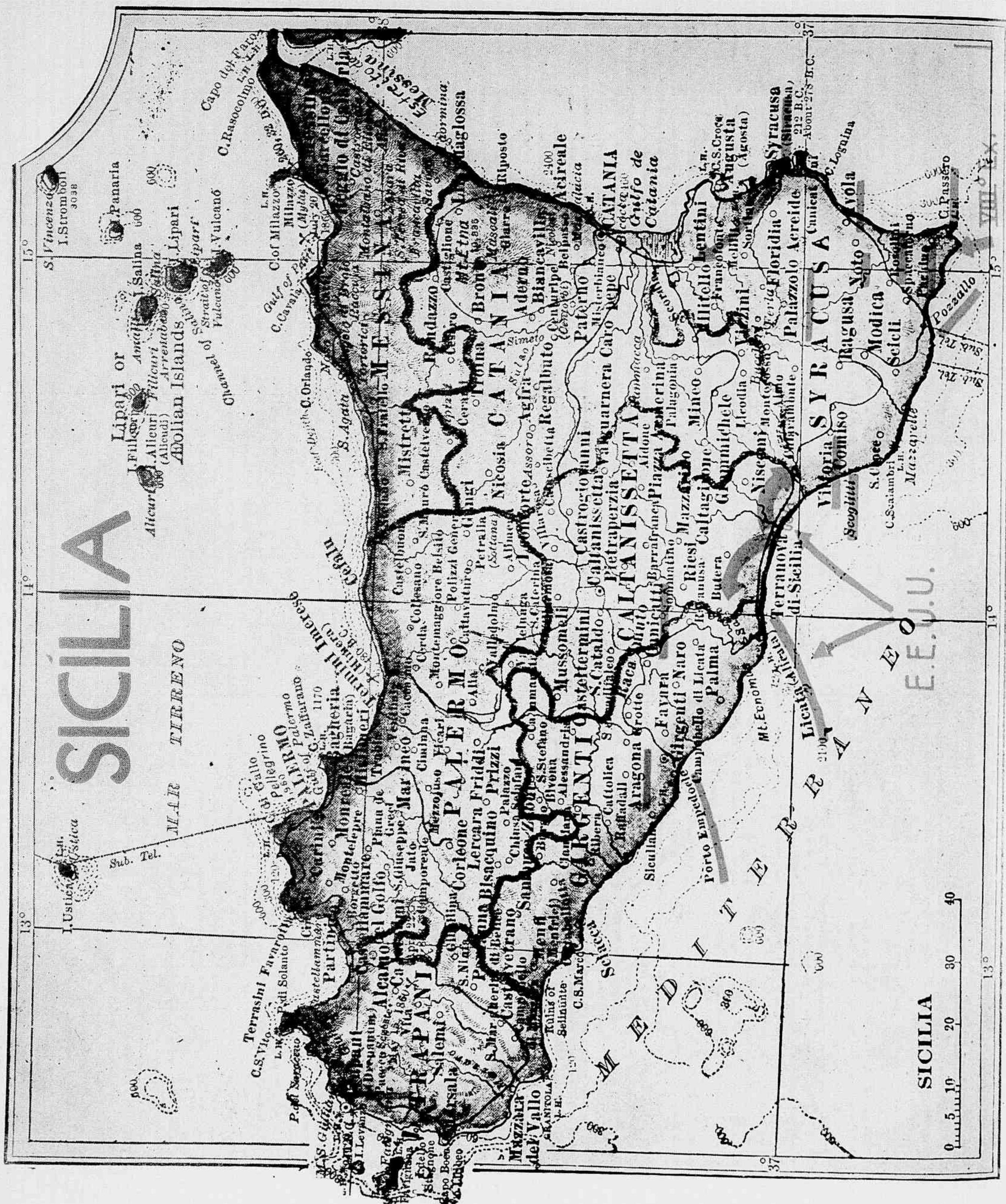
A invasão da Sicília se deu sob a super- visão do Gai. Eisenhower, herói da campanha da África. E os telegramas afirmam que os generais Montgomery e George Patton estão nos comandos imediatos dos exércitos britânicos e americanos. Após intenso bombardeio os ingleses desembarcaram no Cabo Passero, avançaram logo sobre Pachino e foram progredindo sobre Rosolini, Noto, Avola, Canicatt e, depois de renhida batalha de forças blindadas, tomaram Siracusa, importante porto e base capital do sul siciliano, fazendo somente aqui 2.000 prisioneiros. O avanço britânico se esboça em direção norte, pelo litoral, e Catania está ameaçada.

Os norte-americanos fincaram pé em Gela e, depois, em forma de leque, progrediram para sul este e oeste apoderando-se de Vittoria e Mazzalette na região mais meridional e Licata para o septentrão. Segundo telegramas não confirmados já teriam se apossado de Porto Empedocle e Aragona.

Os americanos ameaçam o planalto de Catania, no interior, o que será uma operação difícil dada a adversidade do terreno e o grande número de fortificações e exércitos blindados existentes, mas cortaria a Sicília ao meio, dar-se-ia a junção dos americanos com os ingleses que avançam pelo litoral a leste, para o cerco de Messina, ponto de abastecimento e porto principal do Eixo e que, ultimamente, tem sido incessantemente martelado pela aviação aliada.

Estamos no terceiro dia da invasão e 10 importantes portos do litoral sul da Sicília, numa faixa de 200 quilômetros e cerca de 7.000 prisioneiros estão em poder dos aliados.

Como as operações ainda estão em princípio, podemos terminar este ligeiro comentário com a frase se última do comunicado do alto comando aliado, de ontem: "Novo avanço continua".

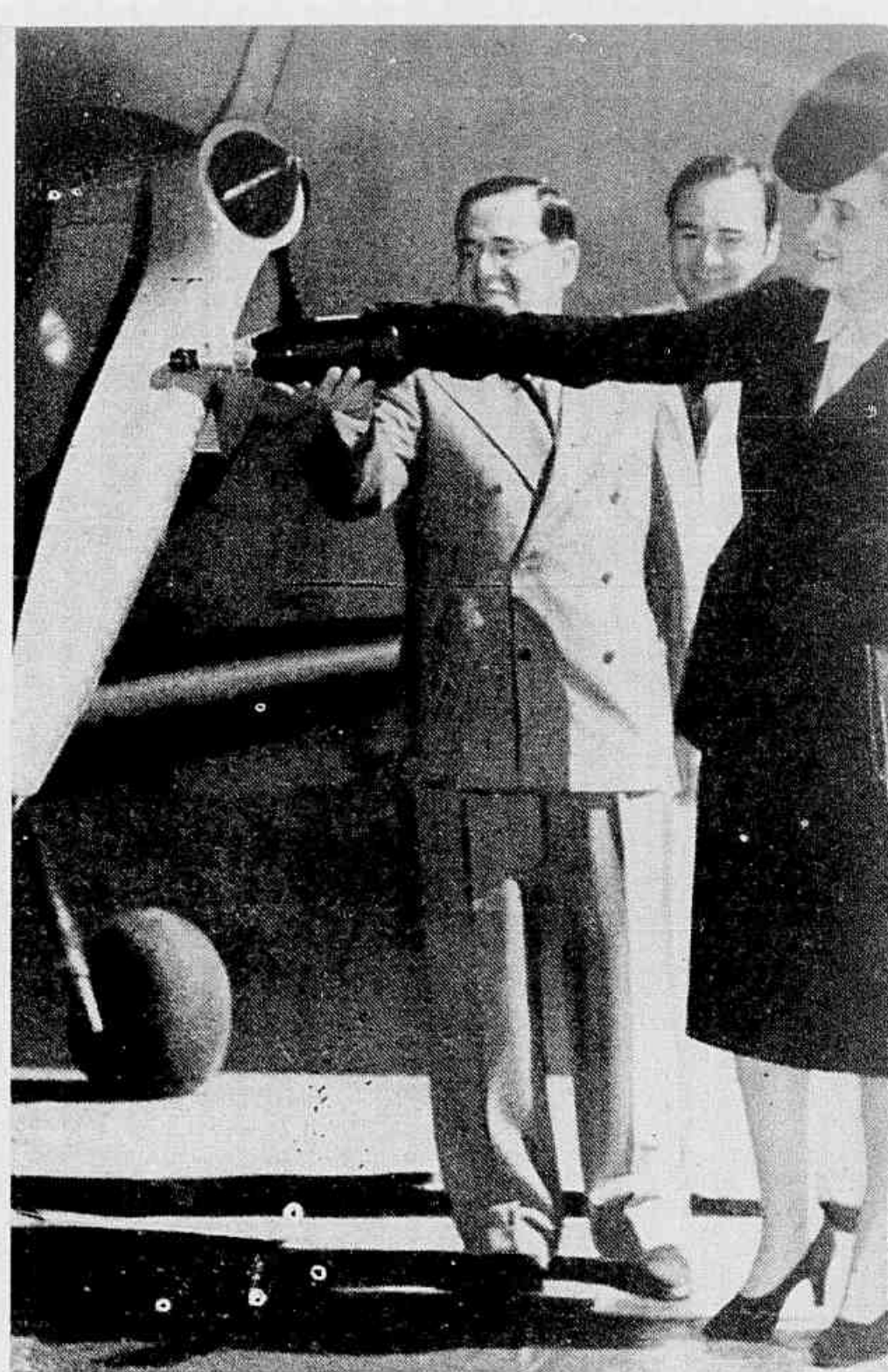


OFERTA DO BRASIL AO CHILE

*A ORGANISAÇÃO "HENRIQUE LAGE"
FEZ A ENTREGA DO AVIÃO "BRASIL"*



O sr. Pedro Brando, Superintendente da Organização Henrique Lage, ao pronunciar o seu discurso de oferecimento do avião "Brasil" ao Governo Chileno.



A Embaixatriz Sra. Gonzales Videla, auxiliada pelo Comandante Amaral Peixoto e Sr. Pedro Brando, derramando "champagne" no helice do avião "Brasil".



O clichê" mostra um aspecto da solenidade quando falava o Comandante Amaral Peixoto, vendo-se a Embaixatriz Gonzales Videla.

REALISOU-SE a semana passada, no Aeroporto Santos Dumont, a entrega solene do avião "Brasil" ao Governo do Chile, oferecido à nação andina pela Organização Henrique Lage, representada na solenidade pelo seu Superintendente Sr. Pedro Brando. A cerimonia teve como parâmetro o Presidente Getulio Vargas, que se fez representar pelo Interventor Comandante Hernani do Amaral Peixoto.

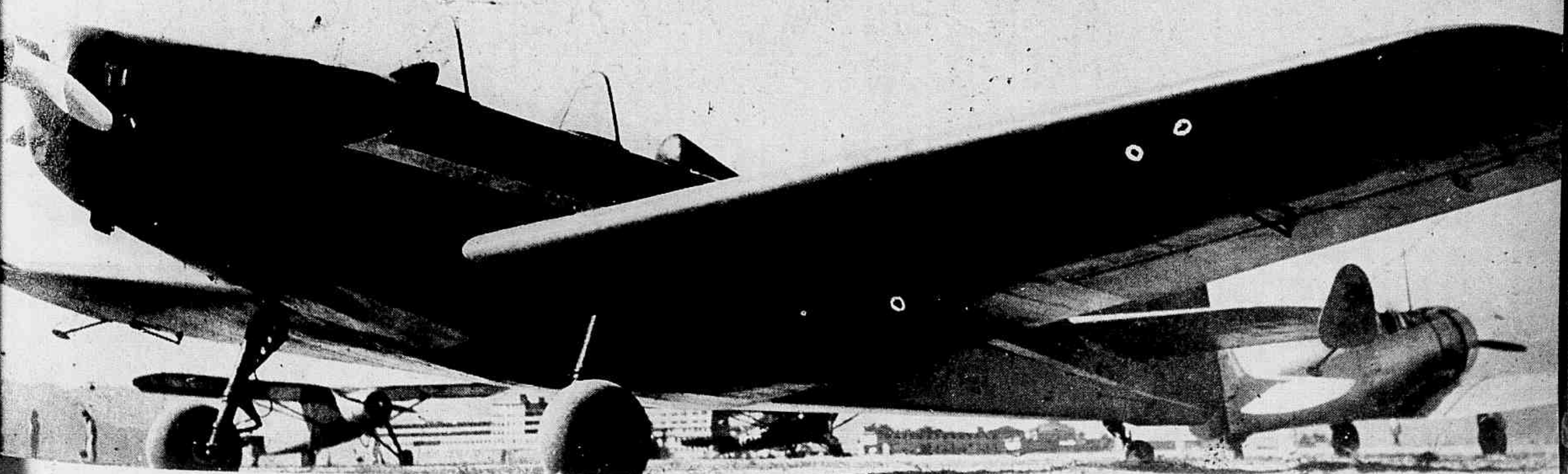
Esta solenidade bem caracteriza o esforço dinâmico da Organização Henrique Lage pelo engrandecimento da indústria aeronáutica brasileira, esforço que aliás tem sido coroado de êxito, graças à ação prática e empreendedora do Sr. Pedro Brando que, assumindo a direção suprema daquelas indústrias, continuou e desenvolveu a obra meritória e progressista do saudoso Henrique Lage.

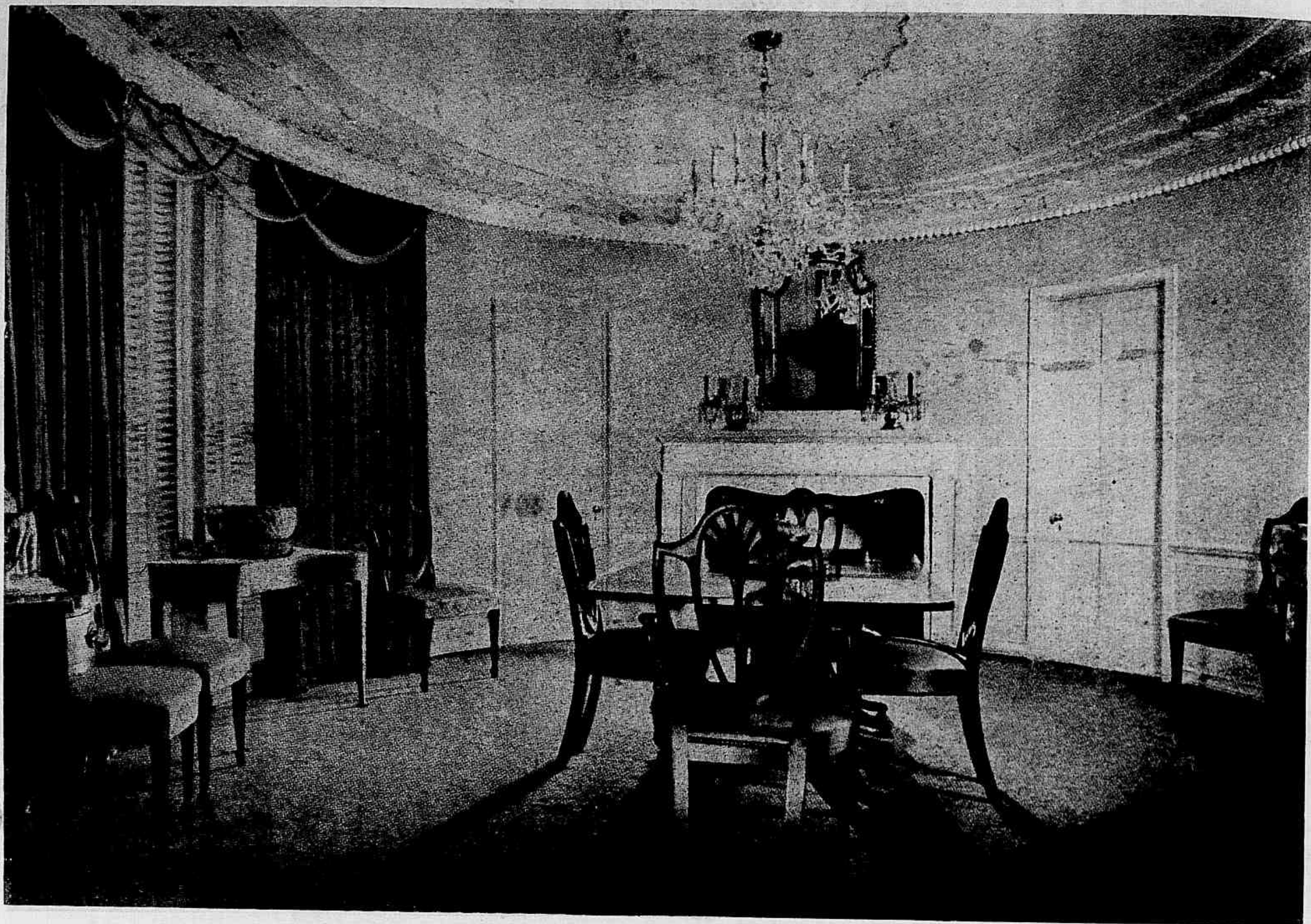
Fazendo a oferta do avião ao Governo Chileno, falou o Sr. Pedro Brando, que pronunciou eloquente e aplaudida oração. Em seguida usou da palavra o Comandante Amaral Peixoto, agradecendo as referencias feitas ao Presidente Getulio Vargas dizendo da significação daquela oferta no intercâmbio entre o Brasil e o Chile. Por último falou o Sr. Hernan Cuevas Conselheiro da Embaixada Chilena que, em nome de seu governo, agradeceu a oferta, declarando-se honrado por ter o prazer de falar em nome do Embaixador Gonzales Videla.

Durante esta expressiva festa, onde transpareceu vivamente o espírito de solidariedade panamericano, a reportagem fotográfica da REVISTA DA SEMANA logrou fixar alguns sugestivos aspectos, que aqui reproduzimos.



O avião que aparece abaixo é um moderno monoplano de modelo exatamente igual ao "Brasil", que foi ofertado pela Organização Henrique Lage ao Governo Chileno.





Simplicidade e bom gosto

NADA retrata melhor o gosto artístico e o senso estético dos moradores de uma residência que a ornamentação de sua sala de jantar. Ela deve ter pois um aspecto, senão austero, pelo menos discreto e sobrio. No *cliché* acima temos um *dining-room* moderno luxuoso e artístico, mas homogêneo no seu conjunto e belo na sua simplicidade. Vê-se que o ornamentador soube aproveitar o espaço com perfeição, dando aos móveis uma disposição capaz de tornar a sala aparentemente mais espaçosa e vazia.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 - RUA DA CARIOCA - 67
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

O SINO

Conto do escritor francês JULES LEMAITRE

Ilustração de GOULART

A modesta paróquia de Lande-Fleurie tinha um sino velho e um velho vigário.

O sino, rachado há muito tempo, dava um som comparável à tosse duma octogenária; fazia mal à gente; entristecia os lavradores e os pastores espalhados por aquelas terras.

O vigário, padre Corentin, era ainda saudavel e rijo, apesar dos seus setenta e cinco anos. Tinha um ar de criança no rosto cheio de rugas, mas rosado e risonho na sua moldura de cabelos brancos comparáveis às meadas de linho das fiandeiras de Lande-Fleurie. E os paroquianos o adoravam pela sua bonomia e a sua grande caridade.

Estando próxima a data em que o padre Corentin completaria cinquenta anos de sacerdócio, os influentes da terra resolveram dar-lhe o presente que de certo mais lhe poderia agradar. Fez-se uma subscrição e, uma vez reunidos cem escudos, uma comissão levou essa quantia ao vigário para que fosse, ele mesmo, à cidade próxima e escolhesse um sino novo.

— Meus filhos... disse o bom padre, comovidíssimo — Meus queridos filhos... E' sem dúvida Deus Nosso Senhor que... quero dizer... estou bem certo...

De tão emocionado não ponde completar a frase; e limitou-se a murmurar:

— *Nunc dimittis servum tuum, Domine, secundum verbum tuum in pace.*

No dia seguinte, pôs-se o vigário a caminho para ir comprar o sino. Tinha que andar cerca de duas léguas a pé, até o lugar chamado Rosy-les-Roses, e aí tomar a diligência que o levaria a Pont l'Archevêque, capital da província.

Já perto de Rosy-les-Roses, avistou, ao lado da estrada, um carro de saltimbancos, desatrelado. Um velho cavalo jazia ao comprido na relva. E sentados na rampa da estrada, uma mulher e um homem já idosos, com vestuários que deviam ter sido garridos mas agora caíam em pedaços, pareciam chorar o animal morto.

Uma pequena dos seus quinze anos, quasi nua, de pele tostada e ar faminto, correu para o vigário:

— Uma esmolinha, pela sua saúde...

O padre ia tirar do *porte-monnaie* uma moeda de dois soldos. Mas o seu olhar encontrou o da pequena e logo se enterneceu. Interrogada, a garota, de voz um tanto rouca mas doce ao mesmo tempo, e falando à moda cigana, contou:

— Meu irmão está na cadeia, porque disseram que tinha furtado uma galinha. Era ele que ganhava para nos sustentar. E há dois dias que não comemos...

O padre substituiu os dois soldos por uma moeda de prata.

— Eu sei fazer habilidades... continuou a pequena — e minha mãe lê a sorte. Mas enxotam-nos de toda a parte, por causa da nossa miséria... E agora, morre-nos o cavalo... Que vai ser de nós?

— Mas... observou o vigário — porque não procuram trabalho aí, algures?

— Toda a gente nos escorraça... Atiram-nos pedras... Depois, não sabemos trabalhar como a outra gente... Só fazer habilidades, ler a sina... Se tivéssemos algum dinheiro para comprar roupa, arranjar outro cavalo... Mas assim... Vamos morrer de fome, todos três!

O padre recolheu também a moeda de prata.

— Escuta... perguntou ele gravemente — tu amas a Deus?

— Amaria, se Ele nos socorresse... respondeu a mendiga, sem tirar dele os grandes olhos negros e pestanudos.

— Vamos, dize comigo: "Meu Deus, eu vos amo"...

A criança ficou calada, com os olhos cheios de lágrimas. O sacerdote desabotoara a sotaina, tirara lá de dentro a grande bolsa, cheia de dinheiro. A cigana, num movimento rápido de macaco, deitou-lhe a mão e disse:

— Senhor padre, eu o amo!

E correu para os dois velhos que, sem se mexer, continuavam a chorar o cavalo morto.

O vigário prosseguiu no seu caminho, pensando na grande miséria em que Deus entendia de manter tantas criaturas e pedindo-lhe para salvar a boêmiazinha que, evidentemente, não tinha religião e talvez nem houvesse recebido o santo batismo. De repente, porém lembrou-se de que não valia a pena ir a Pont-l'Archevêque, uma vez que já não tinha consigo o dinheiro. E desandou caminho.

Custava-lhe compreender, agora, como pudera dar assim a uma mendiga desconhecida, uma saltibanca, aquela quantia enorme — e que, de mais a mais, lhe não pertencia... Estugou o passo, esperando avistar de novo a boêmia. Mas no lugar só estavam agora o carro desatrelado e o cavalo morto.



— Já de volta, senhor vigário? perguntou, com estranheza, a governante, a velha Leocádia.

O sacerdote não hesitou em mentir:

— Perdi a diligência de Rosy-les-Roses. Vou lá um destes dias. Mas, escuta: não contes a ninguém que eu voltei!

No dia seguinte não disse missa. Ficou fechado no quarto, sem coragem nem de dar uma volta pelo pomar. No outro dia, porém, vieram chamá-lo para levar a Extrema-Unção a um enfermo na aldeia de Clos-Moussu.

— O senhor vigário não voltou... respondeu a governante.

— Voltei, sim, Leocádia! interveio o padre. — Aqui estou!

À volta de Clos-Moussu, encontrou um dos mais devotos paroquianos.

— Então, senhor vigário, fez boa viagem?

O sacerdote mentiu pela segunda vez:

— Excelente, meu amigo, excelente.

— E o sino?

Mentiu ainda, dizendo consigo que, por aquele andar, não teriam conta as mentiras:

— Uma beleza de som. Parece de prata fina. Mas é preciso gravar no metal o nome de batismo, os nomes do padrinho e da madrinha, alguns versículos das Sagradas Escrituras... E, você sabe, são coisas que levam tempo.

— Leocádia... disse o vigário de volta a casa — se vendêssemos a poltrona, o relógio e o armário que está no meu quarto... achas que apuráramos cem escudos?

— Nem dez, senhor vigário! com o devido respeito, já se sabe, mas nada do que está aqui dentro vale grande coisa...

— Leocádia... insistiu o vigário — não quero comer mais carne. A carne fez-me mal.

— Olhe, senhor vigário, permita que lhe diga... Isto não é natural. O senhor tem alguma coisa... Desde aquele dia em que devia ir a Pont-l'Archevêque... Mas que foi que aconteceu?

E tanto a velha Leocádia interrogou, insistiu, que o padre contou tudo.

— Que dizia eu, está vendo? Esse coração ainda o deita a perder! Mas por causa disto, não se amofine, senhor vigário. Eu me encarrego

(Continua na pag. seguinte)

"Um noite Opéra"

— "Elas" fizeram um sucesso louco...

— "Elas" quem?

— Leslie Brooks da Columbia que se apresentou com um lindo conjunto negro-dourado. O vestido de veludo contrastava admiravelmente com a tonalidade clara da pele. Um colar, os brincos e as sandalias "diziam" o resto...

— E a outra?

— A outra foi a discretíssima Signe Hasso com um vestido de jersey de lã cinzenta combinando com a capa de tom cereja do mesmo tecido.



de explicar, de entreter essa gente até o senhor arranjar outros cem escudos.

E então Leocádia inventou histórias que impingia a toda a gente: "Que, ao encaixotar o sino, o tinham rachado e era preciso fundi-lo outra vez... Que, refundido o sino, o vigário se lembrara de o mandar a Roma, para ser benzido pelo próprio Papa, e a viagem estava demorando..."

O vigário deixava-a falar, mas cada vez andava mais aflito. Porque, além das suas próprias mentiras, que tanto o apoquentavam, se sentia responsável pelas de Leocádia; e isso, com o desvio do dinheiro dos paroquianos, formava uma pavorosa massa de pecados...

Já passara há muito tempo o dia marcado para se celebrarem as bodas de ouro do sacerdote e se batizar o novo sino. Os habitantes de Lande-Fleurie, impressionados com tal retardamento, comentavam-no das maneiras mais diversas. Não faltavam os boatos perversos, quanto à maneira como fôra gasto o dinheiro do sino. Formou-se um partido francamente contra o vigário. Quando ele passava na rua, bastantes homens deixavam de tirar o chapéu. E chegavam-lhe aos cuídos murmúrios hostis...

O santo homem não podia suportar por mais tempo o peso dos remorsos. E um dia, depois de ter ficado longo tempo em oração, resolveu aliviar o seu pecado, confessando-o publicamente aos paroquianos.

No domingo seguinte, depois do Evangelho e mais branco que a toalha do altar, o sacerdote principiou:

— Meus caros amigos, meus caros irmãos, meus caros filhos... tenho uma confissão a fazer-lhes...

Nesse momento, um toque alegre, límpido, argentino desceu da torre, encheu a velha igreja. Todas as cabeças se voltaram; um sussurro maravilhado correu pelos bancos dos fiéis.

— O sino novo! O sino novo!

Seria um milagre? Teria Nosso Senhor mandado o sino pelos anjos, para salvar a honra do seu piedoso ministro? Ou teria a velha Leocádia ido contar o embaraço do seu amo às duas damas americanas, Suzie e Bettina Percival, donas agora do belo castelo a duas léguas de Lande-Fleurie e que tudo arranjariam, para fazer ao padre Corentin aquela linda surpresa?

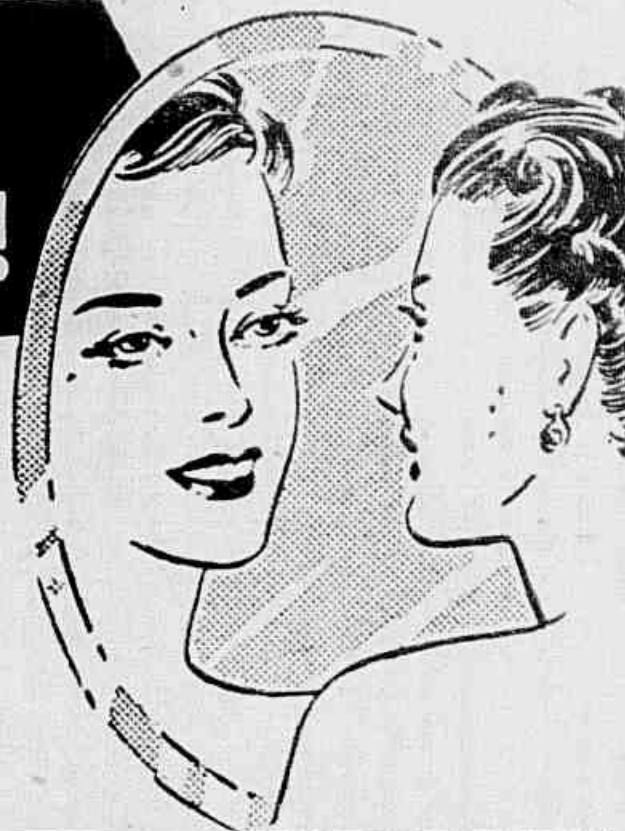
Fosse como fosse, nunca os habitantes de Lande-Fleurie souberam o que o vigário, naquele domingo, lhes ia confessar.

NÃO SE ILUDA COM SEUS DENTES
— você póde ter **MAU HÁLITO!**

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

Dentes lindos e perfeitos não impedem a fermentação dos resíduos alimentares nos seus interstícios — uma das principais causas do mau hálito. Elimine esse mal com o uso diário de Odorans, em bochechos e gargarejos. Odorans não é um simples dentifrício: é um produto medicinal, cuja ação antisséptica evita a fermentação!



*Estrelas
fazem
"tricot"*



E muito bem. Senão vejamos o vestido trabalhado por Diana Lewis ("Metro") e o lindo casaquinho de Linda Darnell ("Columbia"). Que tal?



Casa MUNDIAL
MALAS
Artigos para Viagem
PASTAS • CINTOS • CARTEIRAS
RIO • R. LAFRICA, 63 • T. 22-2948
OS MELHORES ARTIGOS • PREÇOS MENORES PREÇOS

Pequenas

Fotografias de *Jon Abbot* --

Modelos de *R. H. Macy* --

Especial para a *Revista da Semana*

Os desenhistas, este ano, esmeraram-se na confecção de modelos para meninas e senhoritas. Macy, por exemplo, apresenta alguns dos mais atraentes, feitos especialmente para crianças e para jovens *glamourosas* que andam pela casa dos dez e...



e grandfinas

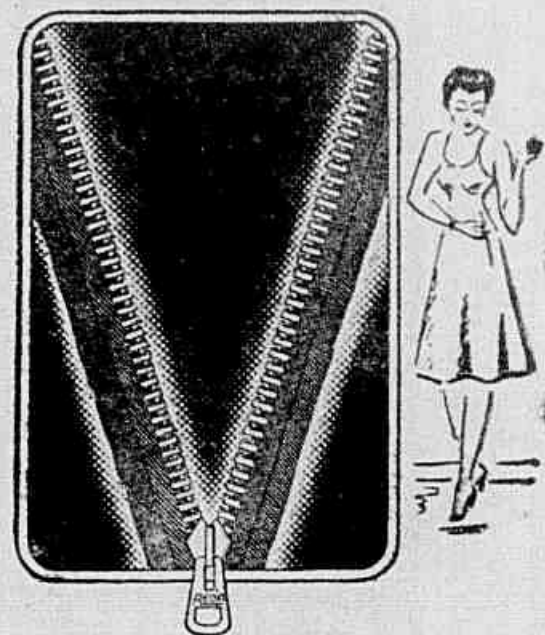
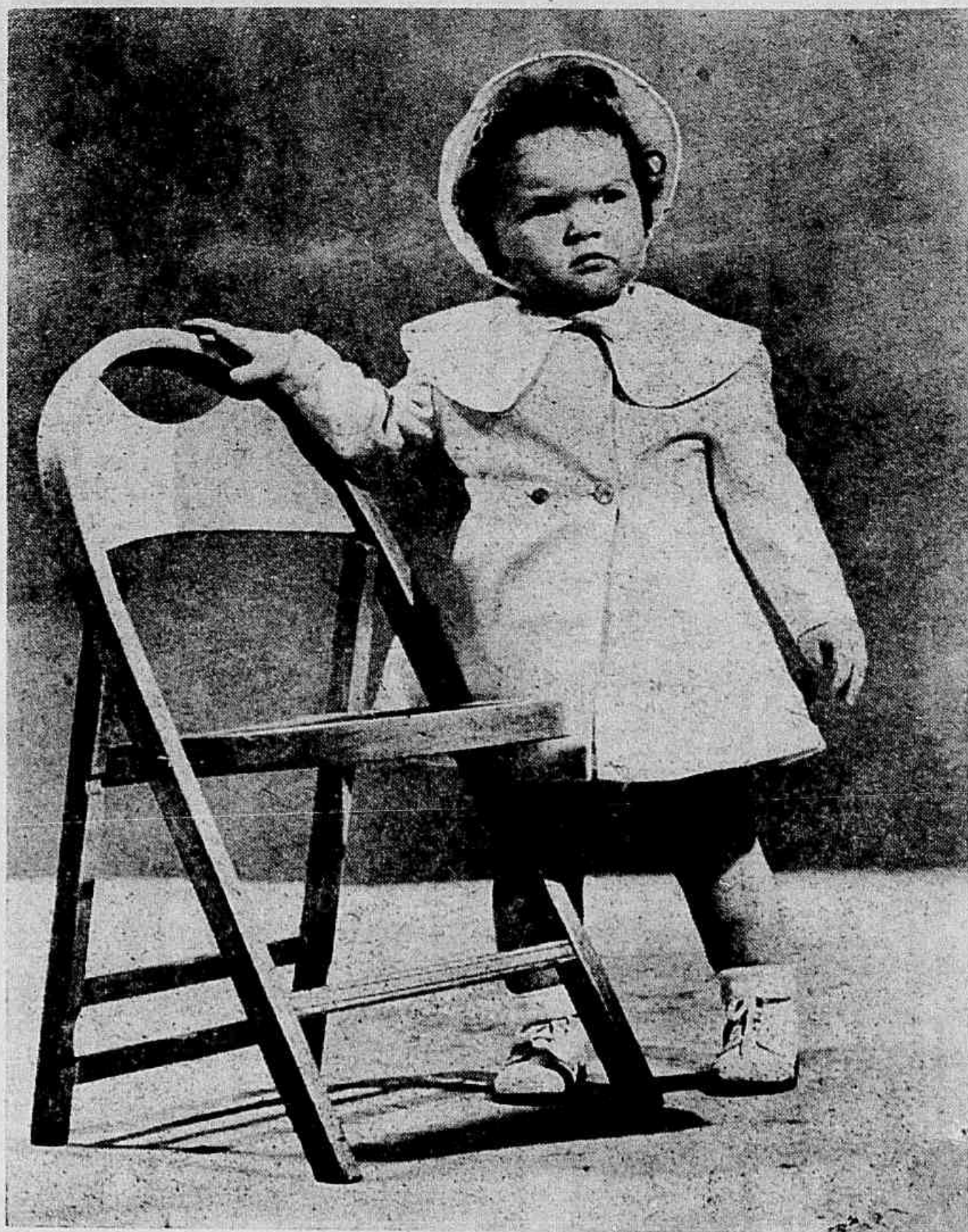
ROSA E AZUL — Para senhoritas em miniatura. Feito em flanela azul e rosa.

Na pagina a esquerda: — RAPSODIA EM AZUL — Simples em faille azul com bainhas brancas.

FAVORITA — O casaco *Chesterfield* é muito popular entre as jovens. Três botões.

NOMADE — Para as garotas que apreciam esportes e gostam de fazer excursão, esse costume de lã cairá como uma luva.

PARA VISITA — Lindo casaco em lã amarela. Chapéu de estilo antigo ornado de flores. Pequena gola. Abotoado e com bolsos.



**UM ZIP NACIONAL
de absoluta
CONFIANÇA!**

REOR é o seu nome! E a sua qualidade corresponde em tudo à dos melhores zips estrangeiros. Fabricado com material inoxidável, REOR é resistente, rápido e seguro. E além disto, é apresentado numa característica variedade de tamanhos e modelos de estilos modernos e elegantes, que condizem com as mais finas confecções. Experimente-o no primeiro vestido que fizer. Ficará surpreendida com a segurança e qualidade que REOR oferece. Em tipos niquelados, dourados e esmaltados, inatacáveis pela soda do sabão comum.

**COMPANHIA BRASILEIRA
DE METAIS**

Reor



IRMANZINHAS — Conjunto de saia e blusa, enfeitado de sinhaninhas. Tecido quadriculado em branco e vermelho. Mangas curtas e fôlhas.



LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

CRE- AN- ÇAS



Transcorre no dia 25 do corrente, o aniversário natalício de Aristarcho Henrique, aluno do Colégio Militar, que aparece na foto acima. Aristarcho é filho do sr. Antonio Gouvêa de Almeida, administrador da Colônia Juliano Moreira.



Comemorando, no dia 5 do corrente, a passagem de sua data natalícia, o menino Amaury Sadock de Freitas Neto, filho do dr. Amaury Sadock de Freitas Filho e de d. Wega Oliveira Sadock de Freitas neto do capitão de mar e guerra Joaquim Pinto de Oliveira e de sua esposa d. Rita Pinto de Oliveira, reuniu na residência de seus avós, á rua Paul Pedern, 36, os amiguinhos que o fôram cumprimentar, numa encantadôra festa que transcorreu num ambiente de grande alegria.



Nelson, filho do sr. Milton Caldas Barrêto e de d. Lygia Caldas Barrêto, e neto do casal Desembargador Martinho Garcez Caldas Barrêto-D. Maria dos Anjos Caldas Barrêto e da Viuva D. Carolina Lopes Mendonça.

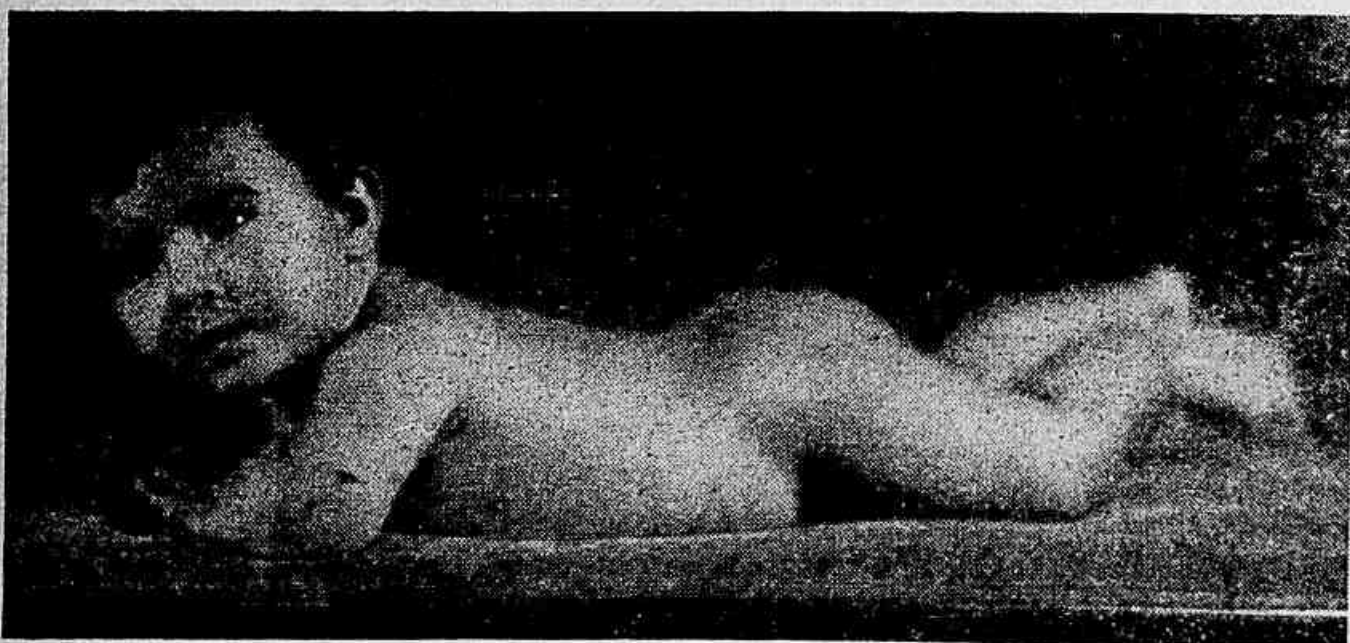


A interessante menina Terezinha, de 4 anos de idade, filha do casal Joaquim da Silva Faria-D. Igez Faria.

Altair, filha do casal Antonio Teixeira Lemos Peixôto-d. Ana Mancio Peixôto, no dia da sua primeira comunhão.



Zelito, filho do industrial sr. Francisco de Oliveira Paula e de d. Haydée Viana de Oliveira Paula, fotografado no dia em que completou 5 anos, ao lado da linda mesa que lhe foi preparada.



Anfbal, neto do sr. Anfbal Lopes, diretor do "Jornal do Povo", de Ponte Nova, Minas.

Darcl, filha do casal D. Mariana e sr. Joaquim dos Santos Oliveira.

Domingos, filho do sr. Domingos atuano e d. Norina Matuano, residentes em Carangola, Minas.



"Só para mulheres"

E principalmente para as mulheres que sabem avaliar a importância das roupas íntimas na vida a "dois" essas garotas apresentam as mais lindas concepções dos "últimos tempos":



GLENDIA FARRELL (Columbia) friorenta como uma galinha, num conjunto de lã e arminho.



MARJORIE LORD (Universal) — em crepe rayon cinza com bordado a prata. O mesmo motivo aparece nas sandalias.



LESLIE BROOKS (Columbia) — harmonia de curvas — em "blanc et noir".

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE



OVOS, OMELETTES E GELEÍAS...



Uma primeira refeição **SUPER**
para uma boa saúde!



Para iniciar o dia com bastante energia e vitalidade sirva-se tôdas as manhãs de um prato da deliciosa aveia Quaker Oats.

A Aveia Quaker Oats é um cereal de grão integral, abundante em elementos exigidos pela natureza para ter força e saúde. A aveia Quaker Oats é rica do principal elemento contra a fadiga, a vitamina Thiamina (vitamina B1), essencial para uma boa digestão e equilíbrio dos nervos.

A aveia Quaker Oats é também rica em minerais, hidrocarbonatos e proteínas. Seja qual for o seu trabalho conte sempre com aveia Quaker

Oats para nutrir-se convenientemente e para começar bem o dia.

As crianças se desenvolvem bem com a aveia Quaker Oats

As mães conhecem o valor de um prato de Quaker Oats para as crianças na fase do crescimento. Quaker Oats ajuda a conservá-las de boa saúde e proporciona as energias de que elas necessitam para estudar e brincar. Sirva aos seus filhos um prato de aveia Quaker Oats, todos os dias, como primeira refeição.



"Super" nutritiva, "Super" deliciosa e "Super" econômica também

A aveia Quaker Oats é mais econômica que quasi todos os outros cereais — mais benéfica também. A aveia Quaker Oats de cozimento rápido é preparada em 2 e 1/2 minutos. Dê Quaker Oats a toda a família. Compre uma lata hoje mesmo.

Há pessoas que às vezes se referem a aveias inferiores, chamando-as imprópriamente de Quaker. Só há uma aveia Quaker — a original e legítima — identificada sempre pelo nome e pela figura de Quaker. Rejeite substitutos.



QUAKER OATS

PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.

OVOS MOLLES:

OVOS COM ESPINAFRE: — Arrumam-se alguns ovos cozidos (4 a 5 minutos) e descascados sobre espinafre, enfeitando-se o prato com mantinhos de picadinho de carne ou cogumelos. Servem-se com batatas, para o almoço.

OVOS COM QUEIJO — Arrumam-se 6 a 8 ovos cozidos em um prato. Numa caçarola se esquenta uma colher de azeite ou manteiga, acrescentando-se 1 colher de farinha, mexendo-se bem. Juntam-se em seguida queijo ralado e uma chicara e meia de leite frio. Durante 5 minutos deixa-se ferver, mexendo sempre. Despeja-se sobre os ovos que se pulverizam com queijo ralado.

Servem-se imediatamente.

Deve-se servir ao jantar com salada e batatas.

OVOS ALSACIANOS: — Enchem-se algumas forminhas com *choucroute*, cobrindo-se cada uma com uma fatia de presunto, sobre a qual se coloca um ovo cozido. Rega-se com molho Madeira, Bechamel ou de tomate.

OVOS COSIDOS (Frios)

OVOS RUSSOS: — Os ovos devem ser cortados ao meio, tirando-se-lhe as gemas. Ralam-se as gemas que se misturam com salada de legumes. Com esta mistura recheiam-se as claras. Dispõem-se estes ovos sobre salada de alface.

Servem-se como *hors-d'oeuvre* ou com eles se enfeitam outros *hors-d'oeuvre*.

OMELETTES

OMELETTES (Receita básica para uma pessoa) — Batem-se bem tres ovos e junta-se um pouquinho de sal. Deita-se esta massa em uma frigideira com manteiga ou gordura quente, deixando-se frigar até a massa ficar mais ou menos consistente, começando-se então a enrolar a omelette.

OMELETTE COM QUEIJO — Prepara-se a massa de *omelette* à qual se juntam uma colher de queijo ralado e um pouquinho de pimenta. Frege-se a *omelette*, enrola-se e polvilha-se com queijo ralado. Com uma farinha bem quente queima-se o queijo até que ele se derreta.

Serve-se como *hors-d'oeuvre* ou, com salada mixta, ao jantar.

OMELETTE COM PRESUNTO: — Fritam-se pequenos pedaços de presunto que se juntam à massa de *omelette*.

Serve-se como *hors-d'oeuvre* ou, com salada de batatas ou alface, ao jantar.

OMELETTE COM RIM: — Picam-se dois rins que se temperam com sal e pimenta e se refogam em gordura ou azeite. Coloca-se este refogado na *omelette* e enrola-se. Junta-se um pouco d'água ao molho em que se refogaram os rins e serve-se com a *omelette*.

OMELETTE À CAMPONEZA: — Cortam-se batatas cozidas e toucinho defumado em quadradinhos que se refogam em azeite, juntando-se-lhes, um pouco de cebolinha e salsa picada.

Junta-se tudo à massa de *omelette* e frege-se mexendo bem.

Serve-se com salada ao jantar.

GELE'AS

GELÉA DE ABACAXI — Descasque um abacaxi, corte em fatias e retire o miolo. Em seguida pèse e corte em pedacinhos.

Faça uma calda com uma chicara de água e 800 gramas de açúcar. À parte esquente o abacaxi em banho-maria, tapando bem a panela para não sair o aroma. Quando levantar fervura começa ficar transparente, adicione então a calda.

Ferva tudo junto por espaço de meia hora, mexendo sempre até tornar-se transparente e brilhante.

Sirva assim ou cõe e deite em copinhos.

GELÉA DE GOIABA — Cozinhe um quilo de goiabas já de antemãos descascadas e sem semente.

Antes que se desmanchem, cõe a água.

Para cada litro de água das goiabas junte 750 gramas de açúcar cristalizado. Leve ao fogo com uma clara de ovo, batida, para que fique com a cor bonita. Depois de ferver bem passe por um pano úmido e leve novamente ao fogo para tomar ponto. Antes de refirar, junte algumas goiabas inteiras.

Se for de gosto esmague a goiaba ou cozinhe até se desfazerem. Conhece-se se está no ponto, deitando dentro d'água uma gota. Se não espalhar, está boa.

O LOBISHOMEM

(Continuação da pág. 8).

Ficamos ambos calados por um momento. Enquanto eu esperava alguma nova revelação, era difícil não mostrar mais curiosidade do que a compreensão desejada por meu tio. Eu não podia descobrir nenhuma interpretação tão bárbara para aquelas duas ovelhas mortas, a ponto de sintonizar com a sua angústia evidente.

Ele falou de novo, porém com uma óbvia relutância.

— Hoje de manhã foi morta outra — disse em voz baixa — na própria fazenda. Da mesma maneira.

A falta de melhor comentário, sugeri que fosse dada uma batida nos arredores. Poderia haver algum...

— Nós varejamos os bosques — interrompeu meu tio abruptamente.

— E não acharam nada?

— Nada... salvo alguns rastros.

— Que espécie de rastros?...

Os olhos de meu tio se tornaram subitamente evasivos. Desviou o rosto.

— Eram rastros de homem — disse lentamente. Uma acha de lenha caiu na lareira.

De novo outro silêncio. A entrevista parecia estar-lhe causando mais sofrimento do que alívio. Verifiquei que a situação não poderia perder nada por causa da franca expressão de minha curiosidade. Assim sendo, tomei coragem e lhe perguntei claramente o que era que o estava preocupando? Três ovelhas, propriedade de seus inquilinos, tinham morrido, de um modo que, apesar de fóra do comum, era improvável que permanecesse por muito tempo misterioso. Seu matador, fosse lá o que fosse, seria inevitavelmente apanhado, morto ou expulso do lugar, dentro de breves dias. A perda de uma ou duas ovelhas mais era o pior que ele poderia recar.

Quando acabei, meu tio lançou-me um olhar ansioso, quasi culpado. Eu percebi de repente que ele tinha uma confissão a fazer-me.

— Sente-se aí — disse ele. — Quero dizer-lhe uma coisa.

Foi isto que ele me contou:

Há um quarto de século, meu tio tinha tido ocasião de admitir uma nova governante. Com a mistura de fatalismo e indolência que é a base da atitude dos solteirões, perante o problema dos criados, aceitou a primeira que apareceu. Era uma mulher alta, morena, de olhos oblíquos, da fronteira do País de Gales, de cerca de 30 anos. Meu tio não disse nada sobre o seu caráter, mas a descreveu como tendo certos "poderes". Alguns meses depois de sua permanência em Fleer meu tio começou a notá-la, em vez de aceitar-lhe a presença como coisa natural. Ela não foi contrária à idéia de se fazer notada.

Um dia veio e disse a meu tio que estava para ter um filho dele. Ele recebeu a notícia bem calmo, até que percebeu que ela esperava que ele casasse com ela; ou fingiu esperar. Então ele ficou furioso, chamou-a de vagabunda e lhe disse que deveria deixar a casa assim que tivesse a criança. Em vez de ficar abatida ou continuar a cena, ela começou a resmungar para si mesmo, em gaulês, olhando de esguelha para meu tio, com uma certa expressão divertida. Isso o assustou. Proibiu que ela se aproximasse mais dele, mandou mudar-lhe as coisas para uma ala do castelo fóra de uso e contratou nova governante.

Nasceu uma criança e vieram dizer a meu tio que a mulher estava para morrer; ela o chamava continuamente, diziam. Tão assustado quanto angustiado, ele seguiu através de galerias há muito tempo esquecidas, até o quarto dela. Quando a mulher o viu, começou a tagarelar, dum modo preocupado, olhando para ele o tempo todo, como se estivesse repetindo uma lição. Depois parou e perguntou se poderia mostrar-lhe a criança.

Era um menino. A parteira, meu tio observou, carregou-a com uma relutância quasi beirando pela repulsa.

— Eis seu herdeiro — disse a mulher moribunda, numa voz rouca e instável. — Eu disse a ele o que ele tem de fazer. Ele será para mim um bom filho e zeloso de seus direitos de nascença.

— E prosseguiu, disse meu tio, numa algaravia feroz e no entanto convincente, a respeito duma praga incorporada à criança, a qual cairia sobre quem quer que ele tornasse seu herdeiro contra os direitos do bastardo. Afinal, a voz se apagou e ela caiu para trás, exausta e de olhos fixos.

Como meu tio se voltasse para ir embora, a parteira cochichou-lhe que olhasse as mãos da criança. Delicadamente abrindo os punhozinhos rechonchudos e sem resistência, ela lhe mostrou que em cada mão o terceiro dedo era mais curto do que o segundo...

Aquí eu interrompi. A história tinha uma certa força oculta, talvez vinda do óbvio efeito causado ao narrador. Meu tio tinha medo e ódio das coisas que estava contando.

— Que queria dizer isso? — perguntei. — O terceiro dedo mais curto do que o segundo?

— Eu passei muito tempo para descobrir o que queria dizer — replicou meu tio. — Meus próprios criados, quando viram que eu não sabia, não quiseram dizer-me. Mas afinal eu soube pelo médico que o soubera duma velha da aldeia. As pessoas nascidas com o terceiro dedo mais curto do que o segundo viram lobishomens. Pelo menos (ele fez um esforço perfuntório para exprimir uma indulgência divertida) é isso que o povo baixo pensa por aquí.



h e l e n a r u b i n s t e i n

— Fragrância sutil e deliciosa que cativa e atrai...
Aroma suave que lembra todas as flores...
O perfume da Flôr de Maçã, fresco e delicado,
evoca a alvorada de um dia de primavera. Envoltos
numa aura de Flôr de Maçã, a senhora será ainda mais
feminina e mais adorável. Agua de Colonia Flôr de
Maçã, Cr\$ 45,00, 75,00 e 125,00.



— O maquilage de Helena Rubinstein completa sua sedução: Base CIDADES E CAMPOS —
Torna invisíveis as imperfeições e linhas —
conserva o maquilage fresco e encantador
durante muitas horas. Cr\$ 25,00 e 35,00.



— O PÓ DE ARROZ de Helena Rubinstein,
de tonalidades que combinam com o colorido
natural da pele, dá ao rosto a suavidade
de uma pétala de rosa. Cr\$ 40,00 e 55,00.



— Os Batons de Helena Rubinstein mantêm os
labios macios e brilhantes, dando ao seu ma-
quilage o toque final. Cr\$ 30,00 sobressalente
Cr\$ 10,00.

Helena Rubinstein

SALÃO NO RIO: EDIFÍCIO BRASÍLIA
Avenida Rio Branco, 311, Tel. 42-1442

Convite de helena rubinstein

Para receber, gratuitamente, um
folheto com valiosos conselhos
sobre a conservação de sua be-
leza e mocidade, preencha o
cupão ao lado. Se, na sua loca-
lidade, a Sra. não pôde adquirir
os preparados de HELENA
RUBINSTEIN, utilize também
o cupão, declarando o produto
ou produtos que deseja receber

AO SALÃO HELENA RUBINSTEIN
Ed. Brasília - Av. Rio Branco, 311

Queiram enviar-me.....

Nome.....

Rua.....n.º.....

Cidade.....Estado.....

— E que é que acham que isso quer dizer? — Eu também estava mandando às favas o ceticismo. Estava me tornando estranhamente crédulo.

— Um lobishomem — disse meu tio, afundando no improvável, sem perceber — é um ser humano que, a intervalos, para todos os intentos e propósitos, se transforma num lobo. A transformação — ou a suposta transformação — se dá a noite. O lobishomem mata homens e animais e dizem que lhes bebe o sangue. Sua preferência é pelos homens. Durante toda Idade Média, até o século XVII, houve inumeráveis casos (especialmente na França) de mulheres e homens legalmente julgados por ofensas que haviam feito a animais. Como as feiticeiras, eram raramente absolvidos, mas, ao contrário das feiticeiras, raramente pareciam ter sido injustamente condenados. — Meu tio fez uma pausa. — Eu estive lendo os velhos livros — explicou ele — Escrevi a um homem em Londres, que estava interessado nessas coisas, quando ouvi dizer o que se acreditava a respeito da criança.

— Que aconteceu com a criança? — perguntei.

— A mulher dum dos meus zeladores tomou conta — disse meu tio. — Era uma mulher do norte, robusta que, pensou eu, acolheu de bom grado a oportunidade de mostrar em que pouca conta levava as superstições locais. O menino viveu com eles até os dez anos. Depois fugiu. Nunca mais ouvi falar nele até — meu tio olhou para mim quasi pedindo desculpas — até ontem.

Ficamos sentados em silêncio, por um momento, olhando para o fogo. Minha imaginação, com a história, traía minha razão em pleno domínio. Não consegui desmanchar os temores de meu tio com uma exibição de sanidade. Eu mesmo estava um pouco assustado.

— Você pensa que seja seu filho, o lobishomem, que está matando as ovelhas? — disse eu por fim.

— Sim. Como uma exibição de força, ou como um aviso; ou, talvez, por despeito, por uma noite de caçada inútil.

— Inútil?

Meu tio olhou-me com olhos turvos.

— O que ele quer não é com as ovelhas, — disse ele contrafeito.

Pela primeira vez liguei atenção ao significado da praga da mulher de Gales. A caçada estava acesa. A presa era o herdeiro de Fleer. Eu estava satisfeito por ter sido desherdado.

— Eu disse a Germaine para não sair de casa depois do escurecer — disse meu tio, vindo dar no mesmo ponto dos meus pensamentos. A belga era chamada Germaine; seu sobrenome era Vom.

Confesso que não passei uma noite muito tranquila. A história de meu tio não havia incutido em mim, integralmente, aquela "suspensão de descrença" que alguém diz ser o primeiro requisito de um bom drama. Eu tenho, porém, uma imaginação poderosa. Nem cansaço nem senso comum podiam banir completamente a visão daquela malignidade metamorfoseada a se desenhar de mistura com os silêncios de prata e de treva do exterior. Achei-me à escuta do som de passos furtivos sobre uma rija camada de folhas de faia...

Se foi em sonhos que ouvi uma vez o som de uivos não sei. Mas, na manhã seguinte, enquanto me vestia, vi um homem avançando rapidamente pelo caminho. Parecia um pastor. Havia um cão a acompanhá-lo, trotando com evidente falta de segurança. Ao *breakfast*, meu tio me disse que outra ovelha tinha sido morta, quasi debaixo do nariz dos guardas. Sua voz tremia um pouco. Havia uma triste solicitude nos seus traços, ao olhar para Germaine. Ela estava pondo mingau no prato, como se fosse para uma aposta.

Depois do *breakfast*, decidimos sair em campo. Não o impertunarei com os detalhes do programa de ataque e de seu fracasso. O dia inteiro batemos os bosques com trinta homens a cavalo e a pé. Perto do lugar da matança, nossos cães farejaram uma pista que vinham seguindo há duas milhas e mais, apenas para a perderem na via férrea. Mas o chão era muito duro para deixar pegadas, e os homens disseram que poderia ter sido apenas uma raposa ou um gato do mato, tão seguramente e tão prontamente os cães a seguiram.

O exercício e a ocupação fizeram bem a nossos nervos. Mas, mais pela tarde, meu tio começou a sentir-se ansioso; o crepúsculo ia caindo rapidamente, sob um céu pesado de nuvens, e nós estávamos a alguma distância de Fleer. Ele deu instruções finais sobre a ovelha que deveria ficar como index à noite e voltamos as cabeças de nossos cavalos para casa.

Nós nos aproximamos do castelo pela estrada posterior, que era pouco utilizada: uma areia úmida, ruim, que seguia uma faixa de pinheiros e de loureiros. Debaixo dos cascos de nossos cavalos, seixos rolados soavam remotamente, sob um espesso tapete de musgo. Cada nuvem de vapor de suas narinas pairava no ar imóvel.

Estávamos talvez a trezentos metros dos altos portões levando ao pátio do estábulo, quando ambos os cavalos estacaram de golpe, ao mesmo tempo. Suas cabeças estavam voltadas para as árvores à nossa direita, atrás das quais eu sabia que o risco da estrada real convergia para nós.

Meu tio soltou um grito breve e inarticulado, no qual se traduzia uma premunção fantástica pelo imprevisto. No mesmo instante, alguma

coisa uivou do outro lado das árvores. Havia gozo e uma espécie de gargalhar soluçante naquele som hediondo. O uivo subia e descia sonoramente, subia e descia de novo, apunhalando a noite. Depois morreu, esmorecendo saciado num estertor gutural.

As forças do silêncio caíram inutilmente depois dele; seus tremendos ecos ainda continuaram ressoando em nossas cabeças. Percebemos que havia pés correndo de leve pelo caminho endurecido... dois pés.

Meu tio atirou-se do cavalo e correu por entre as árvores. Eu o segui. Saltamos um barranco e saímos ao ar livre. A única figura à vista estava imóvel.

Germaine Vom jazia estirada de costas na estrada, uma mancha sólida e negra contra as massas de treva envolvente. Corremos para diante...

Para mim, ela fôra sempre uma cifra improvável, mais do que uma pessoa real. Não podia deixar de pensar que ela morrera, como tinha vivido, na tradição dos animais domésticos. A garganta lhe havia sido despedaçada.

O rapaz inclinou-se para trás na cadeira, um pouco tonto de falar e do calor da lareira. As incômodas realidades da sala de espera, esquecidas durante a narrativa, atormentaram-no de novo. Soltou um suspiro e sorriu, como que a pedir desculpas ao desconhecido.

— E' uma história bárbara e inverossímil — disse ele. — Não creio que o senhor acredite nela. Para mim, talvez, a realidade do que ela implica tenha obscurecido sua mais evidente falta de verossimilhança. O senhor sabe, pela morte da belga, eu sou o herdeiro de Fleer.

O desconhecido sorriu: um sorriso longo, vagaroso, mas sem ser mais abstrato. Seus olhos cor-de-mel brilhavam. Sob o longo sobretudo negro, o corpo parecia ir-se endireitando em sensual expectativa. Silenciosamente ele se pôs de pé.

O outro sentiu um medo frio e agudo varando-lhe as entranhas. Alguma coisa por trás daqueles olhos brilhantes o ameaçava com uma direta evidência, como uma espada apontada ao coração. Suava. Não ousava mover-se.

O sorriso do desconhecido era agora uma careta, uma vingativa convulsão da face. Os olhos fusilavam com um deleite rude e premeditado. Um fio de baba escorria-lhe do canto da boca.

Muito lentamente ergueu uma das mãos e removeu o chapéu côco. Dos dedos recurvados sobre a copa, o rapaz viu que o terceiro era mais curto do que o segundo.

PETROLINA MINANCORA

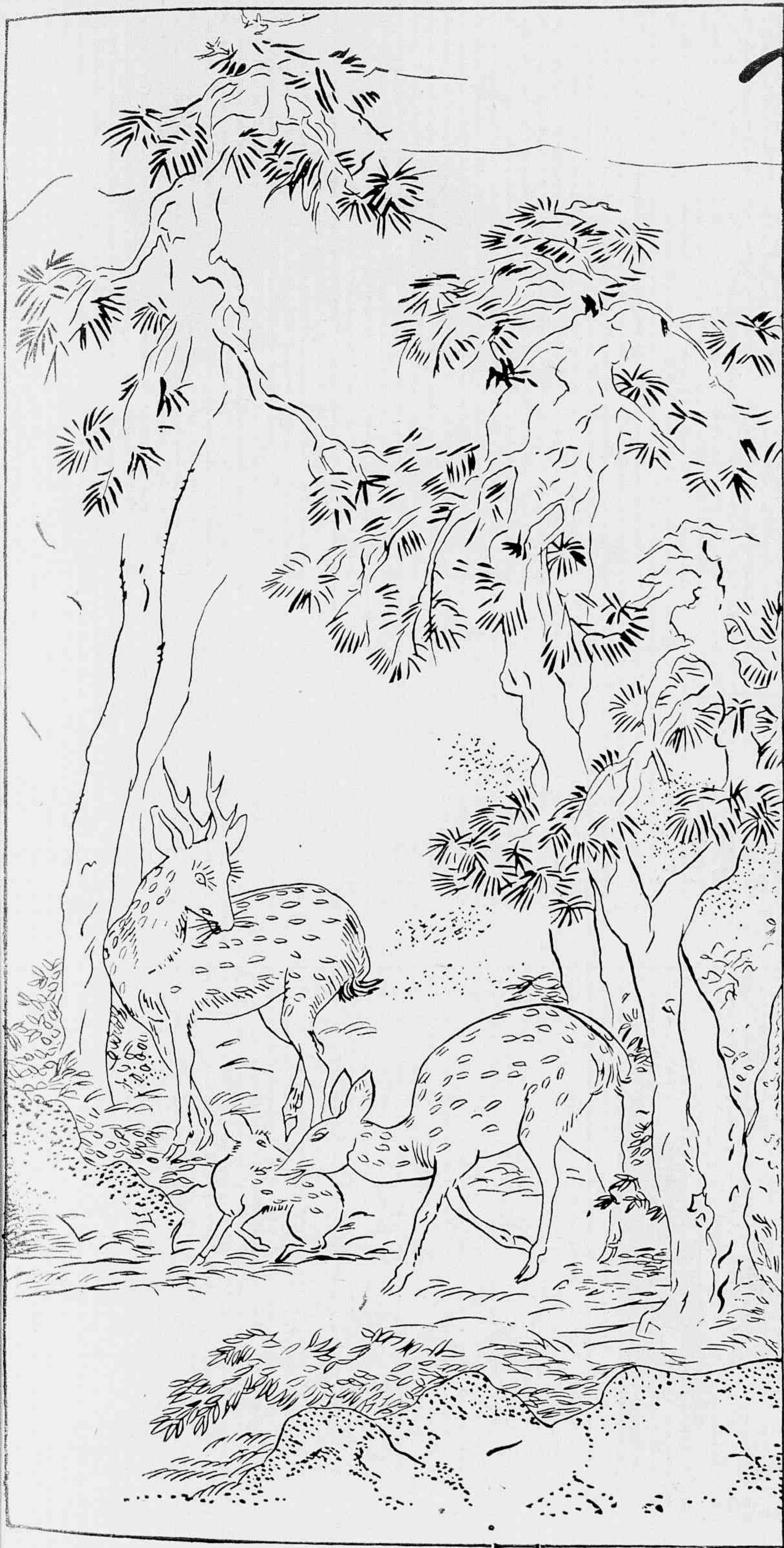
O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo



Torne seu lar um mundo maravilhoso

Conforme prometemos, no número anterior, aí está uma velha pintura chinesa perfeitamente adaptada para lardado ou pintura sobre setim, própria para a confecção de um lindo biombo.



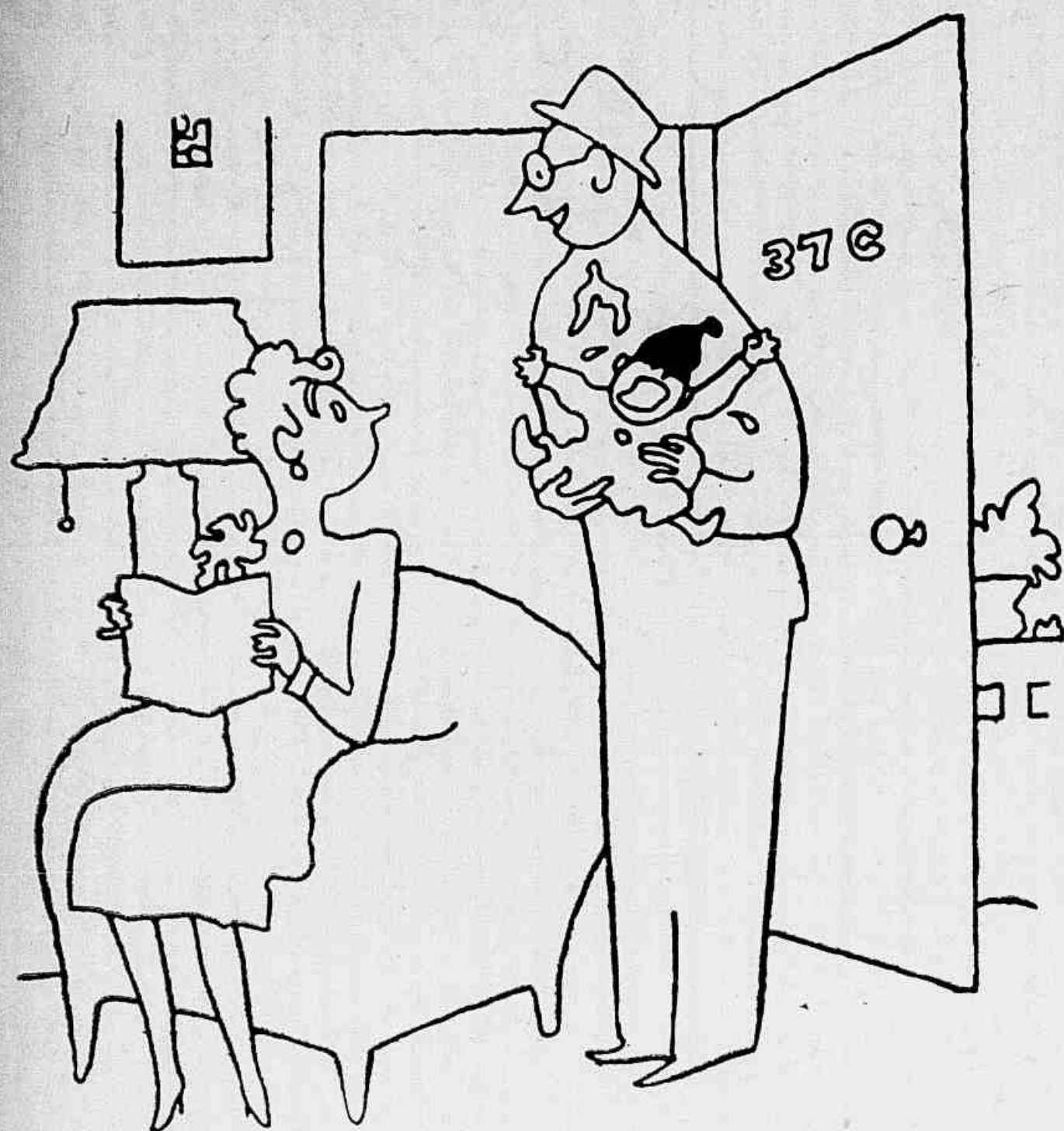
MOBILIARIOS PARA ESCRITORIOS

A Fábrica de Móveis "Lamas" em seus grandes mostruários anexos às oficinas à rua Melo e Souza n.º 102 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos, para Residências e Escritórios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionários, dispendo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcões e Instalações completas de Escritórios, tendo competente secção de desenho para projetos e orçamento, facilitando em certos casos o pagamento.

Os móveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruários junto à Fábrica.

OUTROS RIRAM



— Nunca vi o onibus tão cheio como hoje. Eu entrei com um embrulho de frutas e um pacote de café e olhe com o que sai!



A grande tempestade.



A festa está muito boa. Mas eu vou embora antes que me exceda um pouco.



NA GUERRA — O diabo é que eu sou sonambulo e ando outro tanto dormindo.

Cetrolina

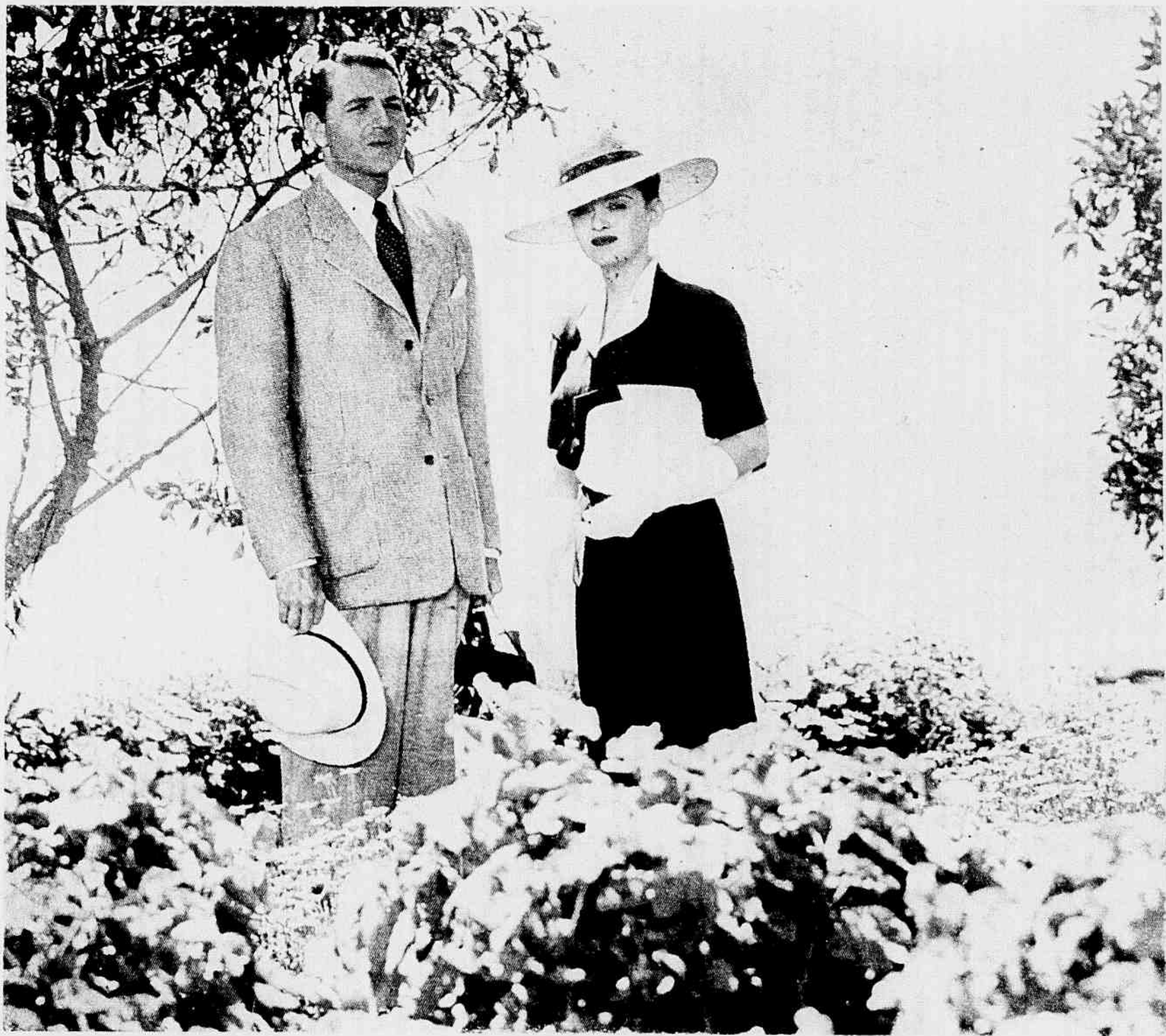
antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.

UM BOM CIGARRO E UMA ANEDOTA "GOSTOSA"...

Nada melhor para repousar os nervos tensos pelas grandes interpretações.

BETTE DAVIS encontrou finalmente o seu galã. O homem que pelo seu tipo físico (contra as artimanhas de uma mulher diabolicamente feminina a atração de um homem "Apolonicamente" masculino) e pelo seu talento dramático (que não se deixará obscurecer pelo dela) parece haver sido talhado para manter o equilíbrio ansiosamente esperado pelo público nos filmes da *Perfida*. Heróico e estúpido europeu que, com o seu modo sóbrio e humano de representar, veio acentuar ainda mais a preferência que o público tem manifestado ultimamente pelos artistas que *existem*, que são figuras palpáveis, tiradas da vida real e não apenas bonecos criados pela imaginação dos diretores, será o companheiro



de Bette em *New Yorker*, o novo filme que a Warner Bros. nos oferecerá em breve.

Interessante, vocês já notaram que Bette Davis possui mais *uma* mulheres do que homens? Positivamente, os homens preferem, mesmo na tela, as mulheres que são apenas belas. O talento feminino é algo difícil de perdoar. E isto quer dizer que *New Yorker* será um filme dedicado principalmente ao mundo feminino.

E aqui temos o mais fabuloso par dos últimos tempos em duas *posições* tomadas durante a filmagem. A primeira é uma cena do filme e a segunda foi apanhada de surpresa em um intervalo do trabalho enquanto ambos fumavam para descansar e riam à bandeiras despregadas, segundo parece, de uma anedota contada pelo *humaníssimo* galã.

Jôgo LADY SHEAFFER
Lifetime com pena
"Feathertouch" de ouro
de 14 ks.

Jôgo CREST "TRIUMPH"
Lifetime com pena
"Feathertouch" de ouro
de 14 ks.

Uma Sheaffer's

TRADUZ MELHOR E PARA SEMPRE O SEU AFETO...

Grafite SHEAFFER'S
Fineline de comprimen-
to dupla. Fina, macia e
de maior durabilidade.



CUBA-TINTEIRO SKRIP
usável até a última gota.

A tinta SKRIP fa-
bricada especial-
mente para as can-
etas SHEAFFER
é de fluidez e ni-
tidez absolutas.
Resiste à ação do
tempo e da água.

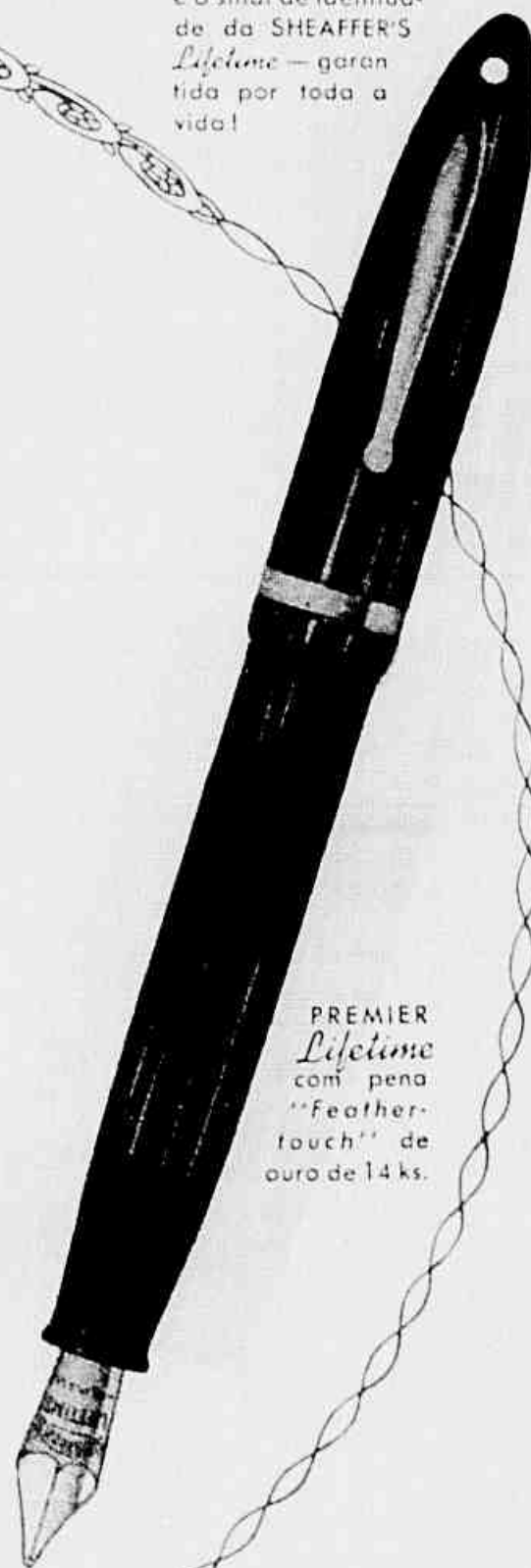


TRABALHADA com o requinte e o cuidado de uma verdadeira joia, a SHEAFFER'S *Lifetime** garantida por toda a vida — no desenho moderno das suas linhas e na beleza harmoniosa das suas cores, oferece a quem a possui o máximo de perfeição técnica e utilidade para... a vida inteira! O super-alimentador Flo-Rite faz com que a tinta escorra num fluxo constante e exato, sem borrões nem falhas na escrita. A pena "Feathertouch" (toque de pluma) feita à mão — de ouro de 14 ks, platina na ranhura, patente exclusiva da SHEAFFER e ponta de irídio, escreve de dois modos diferentes, com a leveza de uma pluma. Dê aos seus amigos, aos seus parentes e às pessoas que mais estima, uma SHEAFFER'S *Lifetime*, acompanhada de linda lapiseira "Fineline" — de ponta sempre afiada — em luxuosos estojos para senhoras e cavalheiros. Comemore um aniversário ou uma data festiva com o presente que mantém viva, através do tempo, a lembrança de um momento feliz!

* Todas as canetas SHEAFFER'S *Lifetime* são incondicionalmente garantidas para a vida inteira do possuidor, excepto nos casos de perda, roubo ou dano proposital. Para qualquer conserto a caneta deve ser entregue ou remetida completa aos representantes locais da SHEAFFER'S Pen Co., acompanhada da importância de CR\$ 6,00.

O PONTO BRANCO
é o sinal de identida-
de da SHEAFFER'S
Lifetime — garan-
tida por toda a
vida!

PREMIER
Lifetime
com pena
"Feather-
touch" de
ouro de 14 ks.



SHEAFFER'S

Lifetime

UMA JOIA QUE ESCRIVE

Representantes exclusivos no Brasil: M. AGOSTINI & CIA. LTDA.
RIO DE JANEIRO: AV. RIO BRANCO, 47-1.º - S. PAULO: ANCHIETA, 35-8.º AND. - SALAS 803/5

Standard - S 9